

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

JOSÉ LUIZ DA SILVA

NARCISISMO E PULSÃO DE MORTE

Guarulhos

2014

JOSÉ LUIZ DA SILVA

NARCISISMO E PULSÃO DE MORTE

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de conhecimento: Subjetividade, Arte e Política, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rita Paiva

Guarulhos

2014

Silva, José Luiz.

Narcisismo e Pulsão de morte: José Luiz da Silva. –Guarulhos, 2014.

128 f.

Dissertação de Mestrado [Mestrado em Filosofia] Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2014.

Orientador: Rita Paiva.

Título em inglês: Narcissism and the death drive.

1. Psicanálise. 2. Narcisismo. 3. Pulsão de morte. 4. Filosofia. I. Paiva, Rita. II.

José Luiz da Silva

NARCISISMO E PULSÃO DE MORTE

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Filosofia da Universidade
Federal de São Paulo para a obtenção do
Título de mestre em filosofia e aprovada
pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Rita Paiva (Orientadora)
Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP

Prof. Livre Docente Mario Eduardo Costa Pereira
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Olgária Chain Féres Matos
Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP

GUARULHOS

JUNHO -2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Professora Rita Paiva que me recebeu no programa de pós-graduação e orientou esta pesquisa. Sua dedicação incansável em fazer constantes leituras, correções e indicações dos caminhos a seguir foi imprescindível para este estudo. Também agradeço a liberdade de trabalho, o respeito e confiança depositados, eles foram essenciais para realização desta dissertação.

Agradeço aos Professores Mario Eduardo Costa Pereira e André Carone pela participação e colaboração na qualificação desta pesquisa, os encaminhamentos oriundos deste debate foram importantes para o delineamento da pesquisa.

Agradeço ao Professor Mario Eduardo Costa Pereira e à Professora Olgária Matos pela participação na defesa desta dissertação.

À professora Carmen Beatriz Milidoni que me orientou nos primeiros passos da pesquisa em psicanálise freudiana.

Aos amigos Luciano e Camila pelo acolhimento carinhoso em São Paulo.

À amiga Gisele que me recebeu em São Carlos.

Aos amigos Maurício, Marcela, Ângela, Alex, Taiguara, Simone, Danny, pelo incentivo em continuar no caminho da pesquisa.

À minha querida Ana Paula pela força e paciência constante, além das leituras e revisões do texto.

A todos os Professores, funcionários e alunos que mesmo diante das adversidades se empenham cotidianamente na construção da Unifesp-Guarulhos.

Aos meus pais Pedro e Maria e para minha avó, que lavraram a terra para que eu pudesse verter palavras.

Agradeço a CAPES – Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior – pelo auxílio financeiro dado a este projeto.

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio;
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.*
*(O Outro. Mário de Sá Carneiro, Lisboa,
1914).*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo uma leitura do conceito de Narcisismo, procurando vislumbrar de que modo o seu aparecimento repercute na obra freudiana e se entrelaça com o processo que conduzirá à segunda tópica. Deste modo, nosso percurso inicia-se com uma inspeção acerca da gênese desta problemática. Em seguida, procura acompanhar a sua articulação com conceitos cruciais na psicanálise freudiana, tais como pulsões, libido, Eu e outros. Notadamente, após seu trabalho *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, o autor dedicou-se pouco a este conceito; contudo, esta é uma noção contemporânea de importantes mudanças teóricas da psicanálise, das quais resultará inclusive a controversa ideia de pulsão de morte. Correlação que ocupa lugar privilegiado nessa pesquisa. Nesse sentido, nosso interesse se deterá essencialmente no texto acima referido e no artigo de 1920, *Além do princípio de prazer*. Certamente, quando se fizer necessário aludiremos a outros momentos da obra freudiana. Além de perscrutar os fundamentos dos conceitos aos quais aludimos acima, pretendemos, ao final, apreender o modo pelo qual a pulsão de morte se articula com o narcisismo, criando ricas possibilidades de entrelaçamento conceitual em leituras pós-freudianas. Para tanto, abriremos uma via de diálogo com as interpretações de André Green, que buscam desenvolver esta relação dentro das trilhas da psicanálise freudiana.

Palavras-chaves: Filosofia. Psicanálise. Narcisismo. Pulsão de morte. Subjetividade.

ABSTRACT

This research aims a reading of the concept of Narcissism looking to envision how its appearance affects the Freudian work and intertwines with the process leading to the second model. Hence, our journey begins with an inspection about the genesis of this issue. Then seeks to monitor its relationship with crucial concepts in Freudian psychoanalysis, such as drives, libido, Ego and other. Notably after his work 'On Narcissism', the author has not much devoted himself to this concept, yet this is a contemporary notion of important theoretical changes in psychoanalysis, from which even the controversial idea of the death drive has been resulted. Such correlation occupies a privileged place in this work. In this sense, we put our attention essentially on the above text and the work of 1923, 'Beyond the Pleasure Principle'. Certainly, when necessary, we mention other Freudian works. Apart from scrutinizing the foundations of these concepts, at the end we intend to grasp the way in which the death drive is linked with narcissism creating rich possibilities of conceptual interlace in post-Freudian readings. For that, we use, as a means of dialogue, interpretations of André Green which seeks to develop such relationship within the tracks of Freudian psychoanalysis.

Keywords: Philosophy. Psychoanalysis. Narcissism. Death drive. Subjectivity.

Sumário	
Introdução	10
Capítulo I – O conflito neurótico e a Primeira Tópica	13
1 – As teoria das neuroses.....	13
2 – Freud e Jung: em torno da clínica	24
Capítulo II – O conceito de narcisismo e o estremecimento da teoria	38
1 – Do conceito e suas implicações.....	38
2 – Narcisismo e melancolia.....	54
Capítulo III – Um impasse conceitual e o segundo dualismo das pulsões ...	63
1 – A presença da morte no período entre guerras	63
2 – O dualismo em questão	69
3 – Do conceito de pulsão	70
4 – A repetição: uma pista para a pulsão de morte	76
5 – A presença inominável: a morte	77
Capítulo IV – Novas leituras para o narcisismo	101
1 – Um retorno ao Projeto de uma Psicologia.....	101
2 – O Narcisismo ante as pulsões de morte.....	108
Conclusão	119
Referências Bibliográficas	122

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é indiretamente fruto de um contato com a obra de Freud que remonta ao início da minha graduação em Filosofia na UNESP - campus Marília. No primeiro ano do curso, trabalhei excertos da obra *Mal-estar na Civilização (1930)* enquanto mote para aprimoramento da escrita filosófica. Contudo no segundo ano de curso fui selecionado para uma bolsa PIBIC, tendo por objeto as contribuições da psicanálise freudiana para a compreensão da subjetividade, de maneira que fiquei encarregado da elaboração de uma pesquisa sobre a segunda tópica freudiana. Posteriormente submetemos um projeto de pesquisa de Iniciação Científica à FAPESP, que nos cedeu seu financiamento. Nosso projeto junto à FAPESP tinha por objetivo elucidar os *Níveis de teoricidade na psicanálise freudiana*.

Durante as incursões iniciais pelos textos de Freud, chamou-me a atenção a breve menção que o autor faz no *Mal-estar na Civilização (1930)* a um tipo de busca de satisfação primordial ali denominada de oceânica, e que seria fundamentalmente experimentada antes do estabelecimento do princípio de realidade. Com essa discussão, Freud nos remete ao fato de que a realidade constantemente submete os indivíduos a duras experiências e frustrações, destruindo a ilusão infantil de onipotência e unicidade, ilusão esta portadora de todas as perfeições que teríamos na infância e que de alguma maneira buscaríamos reviver por toda a vida adulta. A satisfação oceânica de que fala Freud nesse texto, pode ser entendida como fruto de uma experiência psíquica denominada narcisismo, que se constituiria como etapa de desenvolvimento de todo indivíduo e, portanto, também passível de ser revivida ou recordada de diversos modos. Pareceu-nos então, que o estudo do conceito de Narcisismo poderia possibilitar o entendimento dessa sensação de *satisfação primordial e oceânica* tão almejada pelo ser humano. Assim, ao contrário do que acreditava o interlocutor de Freud - Romain Rolland - este sentimento, segundo ele, não se constituía como fruto de uma possível experiência mística ou divina, mas sim como resultado de uma experiência infantil que precederia o inevitável

desamparo comum a todos nós.

A pesquisa que ora apresentamos ainda remete a esse debate sobre a satisfação primordial e oceânica, mas com a intenção de inseri-la num contexto mais amplo e complexo, qual seja, o aprofundamento que a noção de subjetividade sofre na psicanálise freudiana com a introdução do conceito de Narcisismo. Considerando-se que no primeiro momento de minha formação me detive sobre a segunda teoria do aparelho psíquico e sobre as possíveis consequências deste para o entendimento da subjetividade moderna, pareceu-me possível verticalizar essa análise durante o mestrado, o que seria possível justamente com uma problematização cuidadosa do conceito de narcisismo. Esse percurso vem, pois, lastrear a hipótese de que, se a teoria estrutural surpreende-nos por sua estrutura tripla - Eu, Id e Supra - eu - é este conceito, o conceito de narcisismo, fundamentado ainda no interior da primeira tópica que, ao apresentar-se como etapa constituinte do Eu, viabilizará uma maior ampliação e uma verdadeira reconfiguração da ideia de subjetividade em Freud.

No desdobramento deste estudo que ora se descortina para o leitor, iniciamos aludindo aos impasses clínicos que conduziram as pesquisas freudianas à original fundamentação do conceito de narcisismo. Entre esses impasses, destacamos particularmente aqueles oriundos do encontro com Jung. Deste modo, para situar a discussão, enveredamos por uma breve apresentação da primeira tópica e do conflito neurótico. Caminho que se faz necessário, visto que ante os debates clínicos entre Freud e Jung essas conceituações serão colocadas à prova com a emergência do narcisismo.

Num segundo momento, acompanhamos o modo pelo qual a gênese do narcisismo é observada por Freud a partir das patologias, inferindo delas a sua existência. Ou seja, a reflexão acerca da megalomania, dos estados de apaixonamento e da melancolia revela uma discrepância entre os investimentos da libido dos indivíduos e os objetos de desejo, os quais revelam-se inalcançáveis, o que resulta no reinvestimento dessa libido para o próprio Eu. Este refluxo do investimento será denominado por Freud de narcisismo. Ainda neste capítulo, avançamos um pouco além do texto sobre o narcisismo e nos debruçamos sobre o

artigo *Luto e Melancolia* (1917), com o objetivo de acentuar o vínculo entre os conceitos de narcisismo e identificação, uma vez que com este último conceito, a alteridade passa a ocupar papel relevante na teoria psicanalítica apontando para o fato de que o Eu efetivamente se constitui no âmbito da intersubjetividade.

A análise do narcisismo nos conduz às dificuldades colocadas por este ao primeiro dualismo pulsional. Ressaltamos, pois, o modo pelo qual este conceito será contemporâneo de importantes mudanças teóricas da psicanálise freudiana, notadamente a passagem para o segundo dualismo pulsional, representado pelas pulsões de morte e pulsões de vida. Assim, no terceiro capítulo, desviamos-nos do narcisismo e do primeiro dualismo pulsional para aportarmos na elaboração da pulsão de morte. Nessa via, procuramos elaborar as etapas do raciocínio de Freud apresentados em *Além do princípio de prazer* (1920), delineando como o autor parte da reflexão acerca dos fenômenos anômalos que insistiriam em se presentificar na vida dos indivíduos. Ou seja, a repetição de experiências dolorosas e repetitivas colocaram em suspeição a hipótese de um domínio do princípio do prazer sobre o funcionamento do aparelho psíquico. Partindo destes casos, empenhamo-nos em mostrar como, neste texto crucial, Freud concebe a compulsão à repetição e, posteriormente, vem fundamentá-la como uma característica essencial das pulsões, chegando assim à pulsão de morte. Processo que desembocará na emergência de um dualismo pulsional mais radical do aquele vigente na primeira tópica, uma vez que doravante este dualismo já não ordena somente o funcionamento psíquico, mas toda a cadeia dos seres vivos.

Na quarta etapa do nosso estudo, acompanhamos os possíveis desdobramentos do narcisismo com a introdução da pulsão de morte, possibilidade pouco explorada pelo próprio Freud. Daí decorre que, dentre os autores que trabalharam essa trilha aberta em searas freudianas, nos voltaremos para algumas reflexões do psicanalista francês André Green, que desenvolveu esta relação entre o narcisismo e a pulsão morte em sua obra *Narcisismo de vida, Narcisismo de morte* (1988).

I- O conflito neurótico e a Primeira Tópica

1-A teoria das neuroses

O tema privilegiado desse estudo concerne à questão do narcisismo na teoria freudiana. Não obstante, iniciaremos com algumas breves considerações sobre o conflito neurótico e sobre a primeira tópica, que fazem parte da trama inicial que antecede o surgimento do conceito que elegemos para estudo, o qual, por sua vez, dará início a mudanças profundas no quadro teórico da psicanálise.

Nas *Cinco Lições de Psicanálise (1910)*, Freud propicia-nos uma apresentação do conflito neurótico, cuja elaboração teórica foi paulatinamente erigida no decorrer de sua investigação clínica e teórica. Neste fenômeno patológico, os pacientes histéricos e neuróticos rememoram situações dolorosas que ocorreram no passado e ligam-se a estas vivências de modo intenso e, ao não se desprenderem destas experiências pregressas, apartam-se do real e do presente: “Essa fixação da vida psíquica aos traumas patogênicos é um dos caracteres mais importantes da neurose e dos que têm maior significação prática” (FREUD, S., 2006, v. XI, p.33). Os acontecimentos patogênicos na vida dos pacientes - afirma Freud - foram desencadeados por uma incompatibilidade na vida representativa do sujeito mediante a vivência de afetos dolorosos que se mostraram insuportáveis para o paciente e, conseqüentemente, foram reprimidos, aguçando assim o conflito psíquico. Configuram-se, assim, as condições para que a neurose propriamente dita aflore:

Tratava-se em todos os casos do aparecimento de um desejo violento, mas em contraste com os demais desejos do indivíduo e incompatível com as aspirações morais e estéticas da própria personalidade. Produzia-se um rápido conflito e o desfecho desta luta interna era sucumbir à repressão a ideia que aparecia na consciência trazendo em si o desejo inconciliável, sendo a mesma expulsa da consciência e esquecida, juntamente com as respectivas lembranças. Era, portanto, a incompatibilidade entre a ideia e o ego do doente, o motivo da repressão; as aspirações individuais, éticas e outras, eram as forças repressivas. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer; a repressão evitava o

desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica (FREUD, S., 2006, v. XI, p. 39).

Como argumenta Freud, o que lhe permitiu explicar o conflito neurótico foi o próprio processo de cura na análise, pois durante a anamnese, percebia-se que os pacientes eram submetidos a uma força que os impedia de recordarem a experiência dolorosa: essa força era sentida como resistência. Freud fundamenta o conflito psíquico da histeria e das neuroses a partir destas resistências e a cura dos pacientes era alcançada mediante a dissolução das mesmas. A eliminação destas era imprescindível para a recuperação. Baseado no processo de cura e seu mecanismo, Freud consegue elaborar uma explicação para a origem da doença:

As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo por mim formulado, dei o nome de 'repressão' e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência (FREUD, S., 2006, v. XI, p.39).

Mediante os casos clínicos, o autor percebe a presença de uma “força”, a resistência, e a conseqüente dedução do mecanismo de defesa. Assim, propõe ele que a “força” que “resiste” seria a mesma que ocasionara, em um tempo anterior, o próprio sintoma; a presença dessa força seria elucidada através da “teoria da defesa”. A defesa, por sua vez, é um ato realizado pelo “Eu” no momento que surge a ideia que lhe é incompatível e, nesse processo, um grupo psíquico é separado devido ao ato de defesa¹. Com esta hipótese, Freud também esclarece a

¹-Os trabalhos de Freud acerca da histeria e das psiconeuroses foram desenvolvidos inicialmente em parceria com Joseph Breuer na obra conjunta *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*, entretanto houve divergências entre os dois autores no que se refere às causas dos fenômenos da histeria, o que levou Freud a uma elaboração própria - a teoria da defesa - esta teoria é explicitada por Freud em seu artigo de 1894 *As Neuropsicoses de defesa*. Freud afirmava existir uma limitação no “método catártico” de Breuer, pois este método não conseguia atingir as causas subjacentes da histeria, permanecendo no campo do fenômeno, isto é, dos sintomas expressos. Como apontamos acima, a defesa é inferida por Freud diante da misteriosa força de resistência dos pacientes à análise clínica. Assim, esse mecanismo agiria como uma força psíquica que impede o trabalho associativo sobre a representação patogênica e, num momento posterior - o do trabalho terapêutico - criaria barreiras para o retorno da lembrança à consciência,

divisão psíquica da personalidade presente nas neuroses pelo conflito de forças contrárias, fruto de uma oposição entre os dois agrupamentos psíquicos entre si; ele insere assim lugares e destinos diferentes para o recaiado e o agente que recalca, lugares representados pelo consciente e pelo inconsciente. Os desejos insuportáveis são, conseqüentemente, expelidos da consciência pelo processo de recalque e expulsos para o inconsciente. Para que lá permaneçam, a resistência exerce sua contínua pressão.

No intuito de expressar a função central conferida ao conflito psíquico presente nas neuroses, Freud elabora conceitualmente o conflito como produto da oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu (MEZAN, 1982, p.154). Deste modo o conflito psíquico se traduz pelo antagonismo entre as pulsões de autoconservação (ou pulsões do Eu) que perseguem a preservação do indivíduo e as pulsões sexuais que visam alcançar o prazer. As pulsões do Eu se constituem como as forças recalcentes e as pulsões sexuais as forças recalçadas por serem incompatíveis com os desígnios da consciência. Mais precisamente, sendo o “Eu” uma região formada por um “grupo de representações” - espaço da personalidade que busca ser protegido contra qualquer representação dolorosa - é frente a essa organização, digamos assim, que ocorre a representação inconciliável, causando a origem do afeto desagradável seja porque essa ideia é contrária aos princípios morais do indivíduo, seja porque lhe suscita dor e sofrimento, ou ainda por que seu conteúdo é de caráter sexual (cf. MEZAN, 1982, p.156).

sob a forma de resistências. Neste sentido, a “defesa” é responsável pela origem das patologias, pois o “mecanismo de defesa” funciona dissociando a ideia de sua quota de afeto, uma vez que apenas uma ideia enfraquecida pode ser reprimida. Em seguida, a própria ideia fica excluída da associação mental, formando o núcleo do que será um segundo grupo psíquico. Logo, a defesa consiste em “transformar uma representação forte numa representação fraca, em roubá-la de seu afeto” (FREUD, S., 2006, v.II, p.293). Para elaborar a teoria da defesa, Freud partiu do pressuposto de que qualquer fenômeno psíquico possui dois elementos, representação e afeto; com isso o processo defensivo seria o responsável pela origem das patologias, uma vez que ele era a causa da dissociação da quota de afeto de representações que eram de natureza penosa e concebidas como incompatíveis pelo Eu. As representações, uma vez separadas de sua “soma de excitação” ou “afeto” ficariam enfraquecidas e incognoscíveis pela consciência desperta, já o afeto se transformaria em algo somático dando origem à histeria de conversão: “Na histeria, a excitação é convertida; nas neuroses obsessivas e fobias é transportada ou deslocada; na psicose alucinatória, objeto da última secção do artigo, [As Neuropsicoses de Defesa] tanto o afeto quanto a ideia intolerável são reprimidas” (MEZAN, 1982, p.13).

Portanto, manter as representações inaceitáveis apartadas da consciência implica a assunção de um conflito entre forças opostas, mas também de regiões psíquicas diferentes, nas quais imperam essas distintas forças. Notemos que esses locais são delineados na primeira teoria do aparelho psíquico denominada justamente de *Primeira Tópica*, para a qual nos voltaremos em seguida. Antes, cumpre esclarecer que o sentido de abordar a primeira tópica em nossa pesquisa está relacionado ao impacto que o narcisismo exercerá sobre essa primeira organização do modelo psíquico. Este conceito, o de narcisismo, que aparece em sua formulação mais contundente em 1914, para além do questionamento que imporá ao primeiro dualismo pulsional, também será a ponte para reconstrução da segunda tópica, momento em que entrarão em cena novas instâncias psíquicas representadas pelo Id, Eu e Supra-eu. Deste modo, ao fim da nossa pesquisa nos depararemos com um período mais tardio do pensamento freudiano em que tentaremos entender as relações da pulsão de morte com o narcisismo e o Eu. Enveredemos, pois, por uma pequena digressão para que possamos expor os fundamentos da primeira tópica freudiana.

No item (B) do cap. VII. do livro *Interpretação dos Sonhos (1900)*, Freud propõe investigar as funções psicológicas envolvidas no ato de sonhar. Delinear-se-á assim a primeira teoria do aparelho psíquico freudiano, mais conhecida como Primeira Tópica. Nesta, o autor caracteriza três sistemas: inconsciente (Ics.), pré-consciente (Pcs.) e consciente (Csc.).

Freud adota como ponto de partida a hipótese de um “lugar” da cena dos sonhos como sendo outro em relação à da vida ideacional de vigília; hipótese tomada de Fechner:

No decurso de um breve exame sobre o tema dos sonhos, o grande Fechner apresentou a ideia de que a cena de ação dos sonhos é diferente daquela da vida ideacional de vigília. Esta é a única hipótese que torna inteligíveis as particularidades especiais da vida onírica (FREUD, 2006, v. V, p. 572).

O mestre vienense, na elaboração deste modelo do aparelho psíquico, fará uso de uma concepção espacial referendada por partes ou lugares diferentes,

mas esses espaços e locais do psíquico figuram, na verdade, como analogias cujo intuito é tornar compreensíveis os mecanismos do funcionamento mental. Elas servem para o desvelamento da função dos diversos constituintes e componentes do aparelho sem que se traduzam em lugares anatômicos. Trata-se, pois, de conceber este aparelho como que formado por sistemas diversos e com funções específicas. Deste modo, o aparelho mental é figurado como um instrumento composto, e seus elementos são nomeados por Freud como sistemas; configura-se assim, um aparelho psíquico dotado de uma extremidade sensório-perceptiva (Pcpt.) e uma extremidade motora (M.):

Na extremidade sensória, fica um sistema que recebe percepções; na extremidade motora fica outro, que abre o portão de acesso à atividade motora. Os processos psíquicos em geral, avançam da extremidade perceptual para a extremidade motora (FREUD, S.2006, v. V, p.573).

Na extremidade sensória desse aparelho restam traços das percepções que com ele colidem. São os traços de memória, os quais consistem em mudanças permanentes dos elementos dos sistemas que não podem ser retidos pela extremidade sensória, a qual somente os recebe. Por isso é que um segundo sistema se encarrega de trabalhar as excitações transformando-as em traços permanentes, são os sistemas mnêmicos (Mnem.). Freud assim se expressa:

É então claro que se o sistema Pcpt. não possui qualquer memória, ele não pode reter nenhum traço associativo; os elementos Pcpt isolados seriam intoleravelmente impedidos de desempenhar sua função se o remanescente de uma ligação anterior tivesse de exercer influência sobre uma percepção nova (FREUD, S.2006, v .V, p.573).

Nesse sentido, o autor acentua que o sistema Pcpt. não possui por função reter modificações uma vez que não tem memória, sua função consiste em fornecer à nossa consciência uma multiplicidade sensorial; e ao sistema Mnem. cabe especificamente a função da memória e da associação. No caso das lembranças, estas não exibem novamente qualidade sensória, ou então as

apresentam de modo muito tênue se comparadas com as percepções.

Como podemos notar, o aparelho psíquico - tal como fundamentado por Freud no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* - é formado por sistemas diferentes que possuem funções específicas, daí decorre que uma mesma parte do aparelho não possa efetuar as funções contrárias que são a recepção das excitações (sistema Pcpt.) e a preservação dos seus resquícios (sistema Mnem.). Os caminhos de circulação de energia no aparelho psíquico seguem uma ordem e tipos de funcionamento diferenciados; esta ordem ocorre de duas maneiras: os sistemas podem ser investidos psiquicamente em uma direção progressiva, da percepção para a motilidade - do inconsciente para o consciente - ou num sentido inverso, ou seja, de maneira regressiva - do consciente ao inconsciente - quando os pensamentos regridem até o sistema Pcpt, como ocorre nos casos da regressão tópica e dos sonhos.

Deste modo, Freud aloca na extremidade motora o sistema pré-consciente Pcs. por ter a atribuição de controlar a vida de vigília e as ações voluntárias. Sua relação com a consciência Csc é imediata. Por sua vez, o sistema Ics. é impedido de emergir à consciência, visto que é barrado pelo sistema pré-consciente que o deixa permeabilizar a consciência somente após sofrer modificações em seu conteúdo. Este sistema intermediário, vinculado ao consciente, exerce uma espécie de barreira que seleciona o que pode ultrapassar na direção do inconsciente para o consciente. Podemos considerar que a consciência Csc. encontra-se numa relação estreita com o Pcs., pois as excitações deste, após um certo trabalho, podem atingir a consciência. Decerto, no sistema Pcs. os elementos mentais presentes são facilmente acessíveis à consciência, desde que se tinjam de um grau de intensidade descrito como atenção. Atentemos ao modo pelo qual Freud esclarece essa relação do Pcs. com o Csc.:

O sistema Pcs não apenas barra o acesso à consciência, mas também controla o acesso ao poder de movimento voluntário e tem à sua disposição, para distribuição, uma energia de investimento móvel, parte da qual nos é familiar sob a forma de atenção (FREUD, S.2006, v.V, p.573).

É importante notar que Freud atribui à consciência a simples função de *um órgão dos sentidos para a percepção das qualidades psíquicas*. No sistema Csc. se efetiva tudo o que for consciente em dado momento; ele é responsável pela percepção das qualidades psíquicas originadas fora e dentro do aparelho psíquico. Com isso é estabelecido que a percepção consciente fica a cargo de um sistema denominado de sistema Csc. e, semelhante ao sistema Pcs., este também não retém traços de memória.

Com vimos, existe uma hierarquia que dirige e estrutura o aparelho psíquico, e neste caso, ela faz com que a Csc. seja submetida ao sistema Pcpt. e às quantidades advindas do interior do aparelho:

Material excitatório flui para o órgão de sentidos Csc. de duas direções: do sistema Pcpt.; cuja excitação, determinada por qualidades, é provavelmente submetida a uma nova revisão antes de tornar-se uma sensação consciente, e do interior do próprio aparelho, cujos processos quantitativos são sentidos qualitativamente na série prazer-desprazer quando, sujeitos a certas modificações, abrem seu caminho para a consciência (FREUD, S.2006, v. V, p.654).

Esta incursão pelos fundamentos da primeira tópica tem o seu sentido no presente trabalho. Ela nos faculta vislumbrar que o conflito psíquico é fruto do embate entre as pulsões de autoconservação que atuam no sistema pré-consciente-consciente (Pcs.-Csc.) em oposição às pulsões sexuais que encontram expressão no conteúdo do sistema inconsciente (Ics.), uma vez que Freud correlaciona o recalco com o sistema Ics. e o Eu - instância que recalca - com os sistemas Pcs.- Csc. Como já apontamos, as pulsões sexuais são em geral incompatíveis com as pulsões de autoconservação, elas associam-se aos desejos presentes no Ics., enquanto o sistema Csc., investido pelas pulsões do Eu exerceriam o recalco. Nesse esquema da primeira tópica vislumbramos a tentativa de Freud em estabelecer uma divisão nítida entre o Eu como agente recalcante e o recalco como inconsciente, sendo que neste último se encontra tudo o que no conflito é recusado, isto é, o polo pulsional que foi recalco.

Destarte, na teoria topográfica ou primeira tópica, ocorre uma tensão

entre um desejo sexual alocado no sistema Ics. com os padrões morais do sistema Pcs., de modo que, ao falhar o recalque, o desejo recusado surge sob a forma de um sintoma neurótico que, em última instância, consome a sua realização ainda que sob a formação de compromisso². Com essas constatações, as preocupações de Freud começam a se encaminhar para a conclusão de que os processos defensivos do Eu também podem ser inacessíveis à consciência.

Mas é importante ponderar: com base nos fatos analíticos, Freud constata que ao se esforçar para que as resistências venham à luz e se explicitem, ou seja, ao trabalhar para que as forças recalcentes sejam esclarecidas no seu teor, percebe-se que o mecanismo defensivo se encontra no mesmo nível inconsciente que a instância recalcada. Isso revela que as resistências do paciente são também inconscientes. Essa discussão nos remete ao texto *O Eu e o Id (1923)*, mais particularmente ao momento no qual o autor expõe essas insuficiências da primeira tópica, que ora acompanhamos:

Entretanto, essa resistência certamente pertence a seu Eu e dele procede, portanto, deparamo-nos agora com uma situação assaz inusitada. Acabamos por encontrar no próprio Eu algo que também é inconsciente, algo que se comporta exatamente como o recalcado. Achamos algo que – sem se tornar consciente – também é capaz de produzir consequências intensas que afetam a psique. Em psicanálise, sabemos que seria necessário um trabalho especial para torna-lo consciente. Ora, se frente a isso ainda nos aferrássemos à nossa forma habitual de nos expressar, acabaríamos em nossa prática psicanalítica atolados em imprecisões e dificuldades. Por exemplo, a partir de agora não devemos mais considerar que a neurose derive somente de um conflito entre o consciente e o inconsciente. Tendo em vista a nossa nova compreensão das relações estruturais que compõem a esfera psíquica, faz-se necessário agora substituir a oposição anterior por um conflito entre um Eu coeso e um

²-Podemos definir formação de compromisso consoante Laplanche & Pontalis (1988, p. 257): “Forma que o recalcado vai buscar para ser admitido no consciente, retornando, no sonho, e, mais geralmente, em qualquer produção do inconsciente: as representações recalçadas são então deformadas pela defesa ao ponto de serem irreconhecíveis. Na mesma formação podem assim satisfazer-se – num mesmo compromisso – simultaneamente o desejo inconsciente e as exigências defensivas”.

recalcado que dele se cindiu (FREUD, S., 2007, v. III, p.31).

Ainda neste texto, ancorado em suas experiências profissionais, Freud relata que, no processo de análise, ocorre por vezes que o paciente se depare com um desejo recalcado e imediatamente mude de assunto ou fique em silêncio; assim, torna-se claro que o paciente possui uma resistência em falar sobre o desejo recalcado e ao mesmo tempo ignora o fato de se esforçar para reprimir este desejo. Diante desse quadro, é necessário um trabalho por parte do analista e do paciente para que este aceite que está resistindo a um desejo. O fato que se constata na clínica é que as resistências provêm de um Eu ou de uma dimensão do Eu que é inconsciente. Deste modo a estrutura da primeira tópica se mostra insuficiente para dar conta desse fenômeno clínico. Segundo argumentam os autores Arlow & Brenner³, Freud percebe a seguinte contradição:

A contradição está no seguinte: de acordo com a teoria topográfica, o agente repressor da mente é a censura do sistema Pcs. Pelo fato de pertencer a esse sistema deveria ele, por definição, ser prontamente acessível à consciência. A teoria topográfica não prevê o fato de que forças mentais responsáveis pela repressão possam ser inacessíveis à consciência, ou acessíveis à mesma apenas através do auxílio de um trabalho de análise (ARLOW & BRENNER, 1973, p. 35).

Vemos, pois, que as preocupações de Freud começam se encaminhar para a conclusão de que os processos defensivos do Eu também podem ser inacessíveis à consciência e, como pontuado acima, de que esses fenômenos não encontram expressão na teoria topográfica que descreve o conflito entre os sistemas Ics. e Pcs.

Ademais, afora o fato das resistências inconscientes, Freud percebe também, com o seu trabalho clínico, a necessidade inconsciente que o indivíduo apresenta de se punir; contudo, no esquema da teoria topográfica, a tendência

³-Os autores Arlow & Brenner na obra *Conceitos Psicanalíticos e a Teoria Estrutural* (1973) fazem um trabalho abalizador das duas teorias freudianas do aparelho psíquico.

moral aloja-se no sistema Pcs e por isso os motivos da necessidade de punição deveriam ser facilmente acessíveis à consciência, o que, porém não ocorre. Vemos, pois que mais um fato clínico vem colocar em questão a eficiência da teoria topográfica. Deste modo, uma questão se instaura: como explicar uma necessidade de autopunição que é inacessível à consciência? Eis, em suma, os problemas que contribuíram para que Freud colocasse em questão a eficácia da teoria topográfica para explicar os conflitos psíquicos.

É relevante observar que as questões das insuficiências da primeira tópica são aqui apontadas apenas para termos em mente as indagações com que Freud se deparou e que o conduziram a uma reflexão mais vertical acerca da problemática do Eu.⁴ Ou seja, o fato das resistências e da necessidade de autopunição serem inconscientes impõe limitações à concepção de um Eu circunscrito a um sistema inteiramente consciente. Por conseguinte, o Eu deixará de se identificar com o sistema Pcs.-Cs., pois, no exercício terapêutico, ficará cada vez mais evidente a presença do sentimento de culpa e o papel das defesas inconscientes, o que demonstra que uma parte do Eu também é inconsciente. Portanto, o que gostaríamos de sinalizar é como a primeira tópica começa a claudicar com o avanço das novas questões oriundas dos casos clínicos. Além disso, como veremos adiante, outro fato será determinante para tais alterações: com o conceito de narcisismo, o Eu passa a ser investido pela libido, comprometendo radicalmente a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do Eu.

Nessa vertente, vemos que já em 1910, na segunda edição dos *Três Ensaio sobre a Teoria Sexual*, Freud insere uma nota bastante elucidativa quando alude à característica bissexual do indivíduo e sua escolha narcísica de objeto:

⁴-Para nossa discussão apenas sinalizamos as insuficiências da Primeira Tópica no que se refere ao conflito psíquico e à conseqüente redefinição do Eu com a emergência do narcisismo. Mas é importante observar que questões de outra ordem também levaram Freud a reavaliar este primeiro modelo do aparelho psíquico como destaca Monzani (1989, p.254): “Pode-se dizer, para resumir, que todos os principais problemas (que são basicamente quatro: a dinâmica do conflito neurótico e a diferença entre ser inconsciente e pertencer ao sistema inconsciente; os modos de funcionamento do inconsciente; a remodelação da noção de ego e a composição do inconsciente) que apontam claramente a insuficiência da primeira tópica e apontam a segunda já são bem conhecidos de Freud há longo tempo”.

Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, S., 2006, v.VII, p. 137).

Garcia-Roza pontua essa etapa em que o termo “narcisismo” aparece pela primeira vez nos escritos de Freud. A partir deste momento, o narcisismo será paulatinamente elaborado nos escritos subsequentes, até adquirir o estatuto conceitual oficial no escrito metapsicológico de 1914:

O conceito [de narcisismo] é retomado no artigo sobre Leonardo da Vinci, de 1910, e na análise do caso Schreber, publicado no ano seguinte. O capítulo III de *Totem e Tabu* dedica um espaço maior ao assunto, quando Freud compara o narcisismo à fase animista da história da humanidade, mas é no artigo de 1914, Para introduzir o narcisismo, que a carga explosiva do conceito surge em sua plenitude (GARCIA-ROZA, 2004, p.18).

De fato, a consequência primeira da introdução deste conceito é que o Eu passa a ser objeto da libido, de modo que a pulsão sexual já não se atém a lançar-se em direção a outros objetos, mas passa a investir também o próprio Eu. Um impasse assim se constitui. Freud, doravante, terá dificuldades para sustentar o primeiro dualismo pulsional. Ao mesmo tempo, e por conta dessa nova problemática, o Eu passa a exigir uma fundamentação teórica mais vertical e detalhada do que aquela tecida na primeira tópica. Será justamente no artigo sobre o narcisismo que nosso autor fundamentará a sua constituição e as instâncias que o compõem, trabalho que prosseguirá na obra *O Eu e o Id* (1923).

Decerto, antes da publicação oficial do artigo sobre o narcisismo em 1914, este conceito já aparecia em alguns escritos de Freud, como apontado por Garcia-Roza na citação acima. A seguir, procuraremos problematizar o significado do investimento do Eu e do narcisismo nesse período antecedente a

1914 nos trabalhos freudianos. Para tanto, cumpre apresentar a ordem de problemas enfrentados em torno da clínica das psicoses e o diálogo intenso tecido com Jung neste momento. Com isso, teremos condições de delinear o papel que o conceito de narcisismo foi paulatinamente adquirindo nas elaborações do autor e o quanto essa fundamentação é devedora de seu enfrentamento teórico com Jung, no que concerne às causas da psicose, da paranoia e da esquizofrenia.

2-Freud e Jung: em torno da clínica

Com a discussão seguinte pretendemos apresentar a diferença e o embate em torno da prática clínica de Freud e Jung. O intuito deste movimento, no conjunto de nosso trabalho, consiste em evidenciar que a questão da libido, tal como debatida entre os dois, não se resume apenas à necessidade de tomá-la como expressão das pulsões sexuais ou como sinônimo do interesse em geral, o qual significaria uma força única que conduziria os seres vivos para todos seus engajamentos, para além do estritamente sexual. Em outras palavras, a tensão ou os descompassos que se configuram entre mestre e discípulo em torno desse conceito não foram apenas teóricos, mas repousavam também em discrepâncias de ordem clínica.

Se partirmos do solo clínico, perceberemos que, de fato, o embate entre ambos também se deu na busca pela justa clarificação dos fenômenos da esquizofrenia e da paranoia. Esse é o ponto em que nos deteremos em seguida, voltando-nos mais especificamente para a análise dos estudos de Jung e de Freud. Para esse objetivo nos deteremos no trabalho de Freud *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia “O caso Schreber”* (1911), e no tocante à Jung usaremos suas críticas à Freud presentes em sua obra *Símbolos da Transformação* (1912). No entanto, cumpre notar que as questões mais profícuas surgiram em torno do caso Schreber, bem como a partir das críticas de Jung no emprego do conceito de libido, tal como utilizado

por Freud nesse estudo.

Começamos pelo notável psiquiatra suíço que, antes de entrar em contato com a psicanálise, possuía uma considerável experiência clínica. Jung entrou para o sanatório de Burgholzli em fins de 1900, famoso hospital psiquiátrico que possuía uma clínica vinculada a Universidade de Zurique e era dirigido por Eugen Bleuler⁵. Os estudos realizados em Burgholzli representavam a vanguarda da pesquisa em doenças mentais (GAY, 1989, p.192). Deste modo, Jung desfrutou do contato com um considerável número de pacientes psicóticos e teve ampla experiência clínica em pacientes com demência precoce. Foi o trabalho desenvolvido nesse período que despertou o seu interesse pelas elaborações teóricas de Freud, as quais foram aplicadas com sucesso em seus casos de esquizofrenia: “No verão de 1906, no prefácio de sua elogiada monografia *Sobre a Psicologia da Demência Precoce*, ele destacou as 'concepções brilhantes' de Freud, o qual 'ainda não recebeu seu justo reconhecimento e apreciação’” (GAY, 1989, p.192-193).

Entretanto, a despeito dessa adesão, como aponta Gay (GAY, 1989, p.193), neste período Jung já manifestava ressalvas quanto a relevância que o elemento sexual assumia nas elaborações freudianas; ressalvas que foram discretas e só eclodiram alguns anos mais tarde. Inicialmente, portanto, é fato que Jung foi um defensor das ideias de Freud, realizando importantes colaborações na aplicação e desenvolvimento da psicanálise. Neste sentido, Gay observa:

Mas Jung não se contentou simplesmente em polemizar a favor das ideias de Freud; também realizou um trabalho experimental inovador que reforçava as conclusões de Freud. Assim, em 1906, num artigo notável sobre a associação de palavras, ele apresentou amplas provas

⁵- Eugen Bleuler, foi um psiquiatra suíço que mudou o nome da demência precoce para esquizofrenia; além de contemporâneo de Freud, também foi seu interlocutor; de acordo com Rodinesco & Plon (ROUDINESCO & PLON, 1988, p.78,) foi: “Inventor dos termos esquizofrenia e autismo, diretor, depois de August Forel, da prestigiosa clínica do Hospital de Burgholzli, por onde passaram todos os pioneiros do freudismo, Eugen Bleuler foi o grande pioneiro da nova psiquiatria do século XX e um reformador do tratamento da loucura comparável ao que tinha sido, um século antes, Philippe Pinel (1745-1825)”.

experimentais em apoio à teoria da associação livre de Freud. Ernest Jones qualificou esse artigo de “grandioso”, e “talvez sua contribuição original à ciência” (GAY, 1989, p.193).

Foram profícuas as pesquisas realizadas na escola de Zurique. Jean Garrabé em sua obra *História da esquizofrenia (2004)* informa-nos que também o famoso diretor deste hospital Eugen Bleuler, fazia uso da análise psicológica no estudo da *dementia praecox*. Bleuler compreendia esta patologia como motivada por uma divisão do funcionamento psíquico. Por essa razão, em 1911, altera o nome desta doença para esquizofrenia e a classifica como psicoses esquizofrênicas, cujas características principais serão três: a divisão das funções psíquicas, perturbações associativas e perturbações afetivas: “Mas o essencial é o resultado da cisão das funções psíquicas: a independência dos complexos que, dominando sucessivamente a personalidade, rompem a sua unidade” (GARRABÉ, 2004, p.48). Garrabé aponta que os estudos de Bleuler para explicar a esquizofrenia em muito se assemelham ao postulado da perda de contato com o real previsto pela psicanálise, entretanto com um acentuado esmaecimento do aspecto sexual da libido. Essa minimização do caráter sexual deve-se ao fato de que para Bleuler a ênfase na sexualidade posta pelo conceito da libido parecia excessiva. Daí a sua postura que vai consistir em advogar como causa da esquizofrenia certa perda do interesse em geral por alguns aspectos da realidade, principalmente aqueles aspectos do real que entrariam em contradição com os complexos dos pacientes.

Os complexos⁶ eram representações inconscientes e foram elaborados conceitualmente por Jung que os transmitiu a Bleuler; o primeiro por sua vez

⁶ - “Termo criado pelo psiquiatra alemão Theodor Ziehen (1862-1950) e utilizado essencialmente por Carl Gustav Jung, para designar fragmentos soltos de personalidade ou grupos de conteúdo psíquico separados do consciente e que têm um funcionamento autônomo no inconsciente, de onde podem exercer influência sobre o consciente” (ROUDINESCO & PLON, 1988, p.123).

concebeu um teste de associações de palavras para estudar estas representações inconscientes complexas. No teste de associações é sugerido ao paciente uma palavra a partir da qual ele se predispõe a responder com uma outra qualquer que despontar de imediato em sua consciência. O teste avalia a resposta do paciente a uma dada palavra que serve de estímulo e em seguida analisa-se o tempo da resposta, o seu significado e o comportamento do paciente. Alexander & Selesnick explicam que: “Por exemplo; se ao ouvir a palavra 'mãe', o paciente 'bloqueia', isto é, não consegue pensar em uma palavra de resposta, indica com isso que a palavra contém um forte afeto. Jung chamava de 'complexo' essa combinação da ideia com seu forte afeto” (ALEXANDER & SELESNICK, 1980, p.311). Foi fundamental a importância desse trabalho que, em última instância, logrou fundamentar, em testes empíricos, a teoria da associação livre de Freud.

Em termos gerais, Jung ofereceu com seu trabalho um modelo psicossomático para explicar a demência precoce e demonstrou que a realidade mental é passível de sofrer influências emocionais. O complexo e seu forte afeto desestabilizam e paralisam o adequado funcionamento psíquico - enfraquecimento da consciência, na terminologia de P. Janet - de maneira que, uma vez liberado do inconsciente, este mesmo complexo produz os sintomas próprios da demência precoce (ALEXANDER & SELESNICK, 1980, p.313).

Estes foram, sinteticamente, os desenvolvimentos teóricos e práticos de Jung no que se refere ao seu diálogo inicial com a psicanálise. No entanto, a despeito dessa inicial confluência entre a prática junguiana e a teoria do mestre vienense, as divergências não tardaram e acentuaram-se notadamente em torno do conceito de libido e de sua potencialidade para dar conta dos casos de paranoia e esquizofrenia. Duas referências são cruciais para que possamos problematizar de modo mais vertical a clivagem teórica e prática entre os dois estudiosos da vida anímica: a publicação por Freud do caso Schreber, na qual a libido assume papel principal enquanto conceito explicativo dos sintomas paranoides; e o texto de Jung *Símbolos da Transformação* no qual se explicita, sob a sua perspectiva, as insuficiências conceituais da libido freudiana. Esses pontos, merecem, sem dúvida, nossa atenção.

Neste período, Freud publicava seu estudo sobre a paranoia e os delírios persecutórios de Daniel Paul Schreber⁷, ancorado no texto em que este famoso doente narrava suas aventuras psíquicas. Deste modo, Freud pretendeu compreender a fantasia de fim de mundo e os demais sintomas de Schreber, postulando que este era incapaz de manter seus laços com o mundo exterior porque retirara sua libido do mundo real, de coisas e pessoas:

O doente retirou das pessoas de seu ambiente e do mundo exterior o investimento libidinal que até então lhes dirigia; com isso, tudo para ele tornou-se indiferente e sem relação, e tem de ser explicado, numa racionalização secundária, como “produzido por milagre, feito às pressas”. O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo acabou, depois que retirou dele o seu amor (FREUD,S., 2010, v.10, p.93).

Na terceira parte desse estudo - intitulado *Sobre o mecanismo da Paranoia* - Freud tenta elucidar o funcionamento da paranoia, de modo que já em suas linhas iniciais podemos entrever uma abordagem que difere em alguns aspectos dos estudos de Jung: “Temos de buscar a especificidade da paranoia (ou da demência paranoica) em outra coisa, na forma peculiar assumida pelos sintomas, e nossa expectativa é de que o responsável por ela não serão os complexos, mas o mecanismo de formação de sintomas ou da repressão” (FREUD, S.,2010,v.10,p.78, grifo nosso).

De acordo com Freud, em sua infância, Schreber fixou-se em sua mãe identificando-se fortemente com ela, esta identificação condicionou narcisicamente seus investimentos libidinais, ou seja, levou-o, primeiramente, a

⁷- O título deste estudo de Freud é *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia “O caso Schreber”* publicado em 1911. A obra autobiográfica de Daniel - Paul Schreber é *Memórias de um doente dos nervos*. Sobre esta obra freudiana ROUDINESCO & PLON (1988, p.691) acrescentam que embora não tenha seguido de um tratamento real, estas observações de Freud (...) “sempre foram consideradas uma exposição ainda mais notável, pelo fato de Freud nunca haver encontrado com esse paciente. Ela foi comentada, questionada e reinterpretada por toda a literatura psicanalítica de língua inglesa e alemã. Na França, foi particularmente revisitada em vista da importância atribuída à paranoia na história do pensamento laciano”.

tomar a si mesmo como objeto sexual e, posteriormente, conduziu-o à escolha de objetos sexuais masculinos, assemelhados a ele. Portanto, o que aponta Freud, é que os sintomas paranoicos - delírios persecutórios, onipotência dos pensamentos e outros - manifestos por Schreber, seriam resultantes de um processo defensivo contra seus desejos homossexuais.

Esse mecanismo defensivo elaborado por Freud é o *mecanismo de projeção*⁸; neste processo, a percepção interna é eliminada e, em seu lugar, um novo conteúdo surge na consciência depois de passar por alteração, surgindo como se fosse uma percepção externa:

O mecanismo da formação de sintoma da paranoia requer que a percepção interna, o sentimento, seja substituída por uma percepção externa. Assim, a frase: “Eu o odeio” se transforma, por projeção, nesta outra: “Ele me odeia (me persegue), o que justifica que eu o odeie”. O sentimento inconsciente impulsor aparece como dedução de uma percepção externa: “Eu não o amo- eu o odeio- porque ele me persegue (FREUD,S., 2010, v.10, p.65).

Por um lado, Freud argumenta que os sintomas constituem manifestações de desejos dissimulados e da resistência do Eu; por outro, defende que a introversão da libido conduz o investimento para o Eu, provocando o fenômeno da perda da realidade. Essa libido causa uma supervalorização do Eu como objeto sexual, e a sua hipertrofia daí resultante representa uma volta ao estágio do narcisismo. Dito de outro modo, a paranoia se constitui com a sublimação do desejo homossexual e como retorno ao estágio do narcisismo:

Na paranoia, no entanto, há indícios clínicos de que a libido retirada ao objeto recebe um emprego especial. Lembramos que a maioria dos casos de paranoia exhibe

⁸- “No sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, e mesmo ‘objetos’, que ele desdenha ou recusa em si. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica e que vamos encontrar em ação particularmente na paranoia, mas também em modos de pensar ‘normais’, como a superstição.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.478).

algum delírio de grandeza, e que o delírio de grandeza por si só pode constituir uma paranoia. Disso inferimos que na paranoia a libido liberada se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu. Com isso atinge-se novamente o estágio do narcisismo, conhecido no desenvolvimento da libido, no qual o próprio Eu era o único objeto sexual. Por causa desse testemunho clínico supomos que os paranoicos trazem uma *fixação no narcisismo*, e dizemos que o *recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia (FREUD, S. 2010, v.10, p. 96).

Sob esse registro, o doente paranoico reconstrói o mundo numa tentativa de sobreviver. A regressão mencionada por Freud no fragmento acima faz parte desse processo. Podemos então sustentar que o narcisismo teria, assim, o estatuto de um estágio primitivo da sexualidade infantil para o qual o paranoico regressa ao realocar sua libido. O uso do conceito de libido parece permitir ao autor dar conta destes fenômenos, contudo, outro importante flanco se abre: como citado acima, com o narcisismo, o Eu passa a ser objeto da libido assim como os objetos externos, e o que Freud não deixa de perceber é que essa constatação fragiliza o instrumental teórico que até então o alicerçara. Com efeito, a questão que se coloca passa a ser a seguinte: com um Eu libidinalmente investido, seria ainda possível manter a dualidade entre pulsões sexuais e pulsões do Eu?

Com esse impasse teórico, o autor reconhece que ainda não possui uma *teoria pulsional bem fundada*. Consequentemente, duas hipóteses distintas se descortinam: a primeira supõe a libido sexual em harmonia com o interesse geral, como propunha Jung, o que significava diluir o conteúdo sexual da libido; a segunda hipótese postula uma perturbação no investimento da libido sexual que causa um efeito nocivo sobre o Eu, mantendo a ideia de distintas pulsões. Freud opta pelo caminho em que a libido sexual se desliga do mundo exterior e reinveste o Eu, ou seja, ele decide acentuar o aspecto sexual da libido:

(...) devemos tomar o desprendimento geral da libido em relação ao mundo externo como suficientemente eficaz, para com ele explicar o “fim do mundo”, ou nesse caso não deveriam bastar os investimentos do Eu conservados, para manter o vínculo com o mundo externo? Seria

preciso, então, ou fazer coincidir o que chamamos investimento libidinal (interesses de fontes eróticas) com o interesse em geral, ou considerar a possibilidade de que um amplo distúrbio na alocação da libido também possa induzir um distúrbio correspondente nos investimentos do Eu (FREUD, S. 2010, v.10, p.97-98).

Presenciamos aqui um Freud já ciente dos problemas que terá que resolver ao colocar o Eu como um objeto para a libido; contudo, por não possuir ainda uma concepção mais sólida das pulsões, o dualismo tal como estabelecido na primeira tópica persevera, ao mesmo tempo em que a libido sexual será postulada como causa primeira da paranoia. Desta forma, nosso autor afirma que o paranoico não retirou *totalmente* o seu interesse pelo mundo externo, pois o doente continua percebendo o real e até elabora motivos para mudanças, sendo obrigado a construir explicações diante das impressões que recebe. Neste caso, é provável inclusive “(...) que sua relação alterada com o mundo se explique apenas ou, sobretudo pelo fim do interesse libidinal” (FREUD, S. 2010, v.10, p.99). Entretanto, este fim do interesse libidinal significa um desinteresse acentuado pelo mundo externo, mas não total, e um retorno da libido para um investimento excessivo em direção ao Eu.

Neste momento, Freud também procede a uma diferenciação entre esquizofrenia e a paranoia mediante o uso conceitual da libido. Mesmo que em alguns casos a paranoia possa se embaralhar comumente com traços esquizofrênicos, segundo o autor, elas se diferenciam por uma outra localização da fixação e pelo diferente mecanismo de retorno do recalque, embora possuam a mesma característica principal, que reside no desligamento da libido do mundo exterior e sua regressão ao Eu. Os casos paranoicos manifestam a regressão que atingem o estágio do narcisismo, como se percebe pelo delírio de grandeza. Por sua vez, na esquizofrenia temos o abandono total do investimento de objeto e o retorno ao autoerotismo infantil. Freud acresce que, neste caso, o mecanismo alucinatorio funciona como uma tentativa de cura; o indivíduo retorna a antigos investimentos objetais, ao contrário da paranoia em que ele recorre à projeção:

O desfecho da *dementia praecox*, quando a afecção não permanece muito parcial, constitui a segunda diferença. Esse desenlace é, em geral, menos favorável do que o da paranoia; a vitória não cabe à reconstrução, como nesta, mas à repressão. A regressão vai não apenas até o narcisismo, que se manifesta em delírio de grandeza, mas até o pleno abandono do amor objetal e retorno ao autoerotismo infantil. De modo que a fixação predisponente deve situar-se antes daquela da paranoia, deve estar no começo do desenvolvimento que vai do autoerotismo ao amor objetal (FREUD, S. 2010, v.10, p.101).

Portanto, nos casos de paranoia temos a reconstrução subjetiva delirante e uma regressão ao narcisismo; na esquizofrenia, a repressão conduz ao autoerotismo infantil. As elaborações freudianas deste período integram o narcisismo como etapa do desenvolvimento psicosssexual localizado entre o autoerotismo e o amor objetal. A abordagem psicanalítica da paranoia e da esquizofrenia, de acordo com a análise freudiana, deveria privilegiar o ponto de vista genético destes estágios primeiros da sexualidade, como mostra a evolução ou regressão dos investimentos libidinais. Sob as lentes do autor, esse esquema explicativo parece dar conta dos casos clínicos estudados, mesmo que o primeiro dualismo pareça ficar comprometido com a libido invadindo o Eu. Para Freud esta parece ser a abordagem correta destes fenômenos, e o que ele censura em Jung “(...) é o fato de ter preterido a este estudo a análise do simbolismo das produções delirantes esquizofrênicas reveladoras da existência de uma actividade psíquica arcaica com uma origem que não é sexual” (GARRABÉ, 2004, p.63).

Estas foram as considerações urdidas por Freud acerca da libido e do investimento narcísico enquanto potenciais explicativos para dar conta dos fenômenos da esquizofrenia e da paranoia. Veremos a seguir as posições de Jung acerca desta elaboração freudiana, bem como os motivos que o levaram a julgá-las inconsistentes. A título de esclarecimento, lembremos que toda a discussão até aqui tecida vem ao encontro do nosso objetivo precípuo, qual seja, esclarecer os motivos que levaram Freud a postular um investimento libidinal do Eu como causa de certas patologias e como esse retorno da libido para o Eu originará o conceito de narcisismo, o qual, como veremos adiante, conduzirá Freud a

reformulação do primeiro dualismo pulsional. Por ora, nos localizamos na atmosfera do primeiro dualismo pulsional e da Primeira Tópica, com o intuito de delinear o modo pelo qual no avançar dos casos clínicos e no embate com Jung essa estrutura conceitual de Freud começa a ruir. São essas fissuras que, no momento, buscamos destacar.

Voltemos aos argumentos de Jean Garrabé, os quais chamam atenção para o fato de que em 1906 Jung já trabalhava com a ideia do desinteresse da libido pelo mundo exterior em sua obra *Psicologia da demência precoce*. Contudo, Jung considerava que este “(...) desinteresse próximo da demência precoce no conjunto do mundo exterior demonstrava que a libido não é exclusivamente sexual (...)” (GARRABÉ, 2004, p.62). Um pouco depois, em 1911, C.G. Jung publica um texto com o título *Metamorfoses e símbolos da libido*⁹, no qual a sua discordância com as teses defendidas por Freud se torna explícita, notadamente em torno da teoria da libido (ROUDINESCO & PLONN, 1988, p. 422). Esse ponto é também mencionado por Garcia-Roza:

A divergência entre Freud e Jung tornou-se manifesta com a publicação em duas partes do ensaio de Jung que recebeu o título de *Símbolos da libido*. A partir desse ensaio, Jung passou a considerar a libido não mais como um conceito designando especificamente a energia sexual, mas como um conceito designativo da tensão em geral. Para ele, isso correspondia a uma ampliação do conceito de libido, mas para Freud soava como uma diluição do conceito a ponto de perder toda a sua especificidade (GARCIA-ROZA, 2004, p.13).

Neste trabalho, Jung apresenta um capítulo em que coloca em discussão o conceito da libido freudiana, problematizando-o a partir do caso Schreber. Em sua leitura, Jung destaca a oscilação de Freud diante do estatuto da libido, como vimos acima, ao mesmo tempo em que defende uma concepção de libido

⁹- A referida obra posteriormente será acrescida de outros capítulos e em 1952 terá por título *Símbolos da Transformação*. O capítulo II constante da primeira edição, que tem por título *Sobre o conceito de libido*, permanece inalterado e contém as críticas de Jung ao conceito de libido em Freud.

entendida como uma energia em geral. Considerando que as referências sexuais contidas no conceito freudiano são excessivas, propõe que elas sejam eliminadas em favor de uma energia única. Em texto posterior Jung reafirma:

Em minha obra *Transformações e símbolos da libido* procurei demonstrar que existem tais exageros e também procurei mostrar a necessidade de criar um conceito de libido que leve em conta apenas o ponto de vista energético. O próprio FREUD viu-se obrigado a admitir que seu conceito original de libido talvez fosse demasiado estreito, quando tentou aplicar conseqüentemente o seu ponto de vista energético no famoso caso de demência precoce, o chamado caso Schreber (JUNG, 1989, p. 128).

Como mencionado anteriormente, o debate estabelecido entre ambos ocorre em torno das causas da demência precoce (esquizofrenia) e da paranoia, notadamente a partir do caso Schreber. Neste estudo, Freud faz uso da libido para explicar os delírios do paciente e, em certas considerações teóricas, parece titubear acerca do conteúdo exclusivamente sexual da libido, mas por fim acaba por ratificá-la como poder explicativo das afecções em questão (JUNG, 1999, p.121). Ademais, Jung questiona se realmente estas afecções devem ter por causa somente a ausência do estado libidinoso, ou se, pelo contrário, elas não se confundiriam com aquilo a que chamamos perda do interesse objetivo em geral, principalmente nos casos de esquizofrenia. Deste modo, Jung no trabalho *Símbolos da Transformação*, argumenta em prol de sua posição:

Fato é que em muitos casos a realidade desaparece como um todo, de modo que os doentes não apresentam mais o menor sinal de adaptação psicológica. (Nestas condições, conteúdos do inconsciente se sobrepõe à realidade). Somos obrigados a dizer que se perdeu não só o interesse erótico, mas o interesse em geral, isto é, toda relação com a realidade, com exceção de alguns resquícios insignificantes (JUNG, 1999, pp. 121-122).

Jung argumenta que nos casos de esquizofrenia a perda do interesse pelo real é muito maior que apenas no âmbito do desejo erótico, daí a sua posição segundo a qual a libido seja identificada como uma energia psíquica em geral, de

modo que a causa da esquizofrenia estaria ligada a esse desinvestimento da energia como um todo e não exclusivamente a um déficit do investimento sexual. Jung também aponta a insuficiência de Freud ao explicar a introversão da libido nos casos da neurose e da esquizofrenia sem diferenciá-las adequadamente:

Além disso, se tal fosse, a introversão da libido (*sensu strictiori*) já nas neuroses deveria acarretar uma perda da realidade comparável àquela da esquizofrenia. Mas isso não acontece. Como mostra o próprio FREUD, a introversão e regressão da libido sexual ou erótica na melhor das hipóteses leva à neurose, mas não à esquizofrenia (JUNG, 1999, p.122).

Isto posto, Jung não apenas enfatiza que Freud não distingue corretamente neuroses e esquizofrenia, mas advoga o caráter artificial da distinção entre as pulsões. Nesse sentido, vai postular uma força, ou energia contínua que em muitos aspectos se pareceria com o conceito de energia em geral. Jung abraçou, pois, uma concepção alargada da libido tomando-a por uma força natural e que estaria presente nos processos vitais e evolutivos: “Filogeneticamente são as necessidades físicas como fome, sede, sono, sexualidade, e os estados emocionais, os afetos, que constituem a natureza da libido” (JUNG, 1999, p.123). Essa libido única também seria responsável pela propagação das espécies e da vida:

Aqui só vemos um instinto vital contínuo, uma vontade de existir, que pela conservação do indivíduo busca alcançar a propagação de toda espécie. Neste ponto esta concepção coincide com o conceito de vontade de SCHOPENHAUER, no sentido de que um movimento visto de fora pode ser por nós compreendido internamente apenas como vontade, desejo ou anseio (JUNG, 1999, p.123).

Destarte, os argumentos junguianos procuram fundamentar um conceito ampliado de libido na biologia, nas etapas evolutivas das espécies e até mesmo na filosofia de Schopenhauer; em última instância ele assevera que a libido poderia ser entendida como um conceito energético que pode se transmitir para qualquer área (JUNG, 1999, p.124). Compreenderemos melhor essa conceituação da libido junguiana se considerarmos - embora não seja nosso objetivo nesse

trabalho - a forte influência que Jung sofreu do movimento de fins do século XIX denominado *lebensphilosophie*, ou vitalismo¹⁰, que prefigurava em seus princípios a existência de forças que conduzem todo ser vivo.

Voltemos para as análises de Jung em torno da esquizofrenia. Para o psiquiatra suíço, o singular nesta patologia reside no aparecimento de uma psicologia arcaica que desvela no interior do indivíduo uma estrutura mental particular que estaria relacionada ao passado arcaico do ser humano. O fato é que Jung desenvolve outro sistema psicológico fundamentado na ideia de imagos e que nos anos subsequentes ele nomeará definitivamente por *arquétipos*. Essas imagos são interpretadas como disposições mentais herdadas alocadas no subconsciente que por sua vez influenciam e organizam o pensamento e a ação dos indivíduos, e por serem traços mentais arcaicos apresentam uma série de similaridades com a mitologia. Portanto, Jung desenvolve que a falta da função do real nos casos de esquizofrenia não é consequência da intensificação do elemento sexual, mas sim devido ao afloramento do mundo imaginário prenhe de caracteres arcaicos. E assim, para Jung, tal como nos elucida Garrabé:

A imago é, tal como o complexo, uma representação inconsciente, mas, enquanto este último é o efeito no sujeito do conjunto da situação interpessoal, a imago é independente desta situação, é um esquema preexistente, de certa forma filogenético. A esquizofrenia é uma forma de vida psíquica marcada pela prevalência destes arquétipos (GARRABÉ, 2004, p. 58).

Vemos, pois, que Jung considerava a libido sexual ineficiente para explicar o autismo, o autoerotismo e a esquizofrenia, o que o leva ao abandono da interpretação psicanalítica e seu postulado da organização libidinal¹¹. Numa

¹⁰- É o que nos indica Richard Noll em seu trabalho sobre as raízes do pensamento de Jung intitulado *O Culto de Jung*, 1996.

¹¹-Autores como Alexander & Selesnick apontam que depois desse embate, os ataques de Jung à libido e a teoria sexual de Freud tornaram-se mais explícitas; o discípulo propõe claramente que a libido seja equiparada ao interesse em geral como o “elan vital” de Bergson ou a “vontade” de Schopenhauer, mas essa proposta de Jung para a diluição do conceito de libido não estava isenta de falhas, pois como argumentam estes autores, essa opção de Jung era estender demasiadamente o conceito de libido: “Extensão tão ampla do conceito da libido equivale a declarar que um indivíduo se torna psicótico porque não têm interesses normais! Dificilmente

direção outra, vai elaborar uma análise das estruturas eternas da alma humana, o que pouco estava de acordo com as concepções de Freud, que procurava seguir uma linha de pesquisa mais condizente com a ciência ortodoxa da época¹².

Ao fim deste trajeto esperamos ter esclarecido minimamente as diretrizes do embate clínico entre Freud e Jung, o qual contribuiu fortemente para a elaboração do conceito do narcisismo e seu completo estabelecimento no arcabouço freudiano. Deste modo, nosso próximo passo é acompanhar a instauração do conceito de narcisismo, cujo texto fundamental- *À Guisa de Introdução ao Narcisismo de 1914* - está referenciado nesse debate que acabamos de expor. Nesse caminho, por um lado, veremos como Freud ratificará o conteúdo sexual da libido em resposta à Jung e o modo como ela investe o Eu originando os estados narcísicos; por outro, acompanharemos a fundamentação freudiana deste novo conceito.

Nessa vertente, é importante observar que, no âmbito deste texto, Freud procederá a todo um detalhamento da formação do Eu e seus constituintes pelo processo de identificação, o que conduzirá a certa insuficiência da primeira tópica - como vimos acima. Abre-se, pois, o caminho para o segundo modelo do aparelho psíquico. É um ponto não menos relevante: ao acompanhar essa discussão, perceberemos que o primeiro dualismo pulsional entre pulsões do Eu e pulsões sexuais será mantido, mas que não permanecerá incólume ante a novidade teórica que advém. Ou seja, o antigo dualismo persevera, mas já tensionado pela tese do investimento narcísico do Eu. Esta tensão se verticalizará e abrirá o inexorável caminho para a conceituação da pulsão de morte.

seria possível apresentar isso como explicação psicodinâmica” (ALEXANDER & SELESNICK, 1980, p.319).

¹²-Sobre as diferentes posições de Freud e Jung acerca do ideal científico, Richard Noll diz que: “Os antecessores intelectuais imediatos de Freud eram, em parte, os materialistas científicos reducionistas, incluindo seu amado mentor Ernest von Brücke. Já as afinidades entre os filósofos naturais e Jung foram, como vimos, repetidamente reconhecidas pelo próprio Jung. É tentador especular que a subsequente incompatibilidade de ideias de Jung e Freud se devesse à participação dos dois em lados opostos da batalha mais ampla que, nas ciências biológicas, se travava entre a filosofia natural vitalística e a ciência natural (Naturwissenschaft) mecanicista (NOLL, 1996, pp. 47-48).

II - O conceito de narcisismo e o estremecimento da teoria.

1 – Do conceito e suas implicações.

Nesta etapa da pesquisa, pretendemos expor as linhas mestras do conceito de narcisismo elaborado por Freud. Com esse propósito nos deteremos principalmente no artigo metapsicológico intitulado “*À Guisa de Introdução ao Narcisismo*” publicado em 1914. Este texto é o único no qual o pai da psicanálise se dedica exclusivamente ao conceito de narcisismo. Entretanto, as referências ao conceito apareceram em trabalhos anteriores de Freud; Strachey (2004, v.1, p.96), organizador inglês da *Standard Edition* das obras completas de Freud, informa-nos em sua nota introdutória ao artigo sobre o narcisismo que, as primeiras menções públicas ao referido conceito surgiram inicialmente em uma nota de rodapé inserida na segunda edição dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1910). Posteriormente, as menções serão feitas no ensaio sobre Leonardo da Vinci (1910), a seção III da análise de Schreber (1911) e em *Totem e Tabu* (1912-1913)¹³.

¹³-A questão do narcisismo nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* e no caso Schreber são mencionadas em nosso primeiro capítulo. Como não objetivamos esgotar essas referências sobre o narcisismo antes do seu artigo inaugural - que trabalharemos à seguir- nos ateremos a algumas alusões mais gerais. Nesse sentido, vale observar, primeiramente que em seu texto *Leonardo da Vinci* (1910), Freud destaca a peculiaridade presente nos homossexuais masculinos que manifestariam uma ligação erótica muito intensa com a mãe durante o primeiro período da infância: “Depois desse estágio preliminar, estabelece-se uma transformação cujo mecanismo conhecemos, mas cujas forças determinantes ainda não compreendemos. O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância - meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando era ele uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do *narcisismo*, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (FREUD, S.,2006, v.XI,p.106). Podemos vislumbrar nessa passagem o despontar de um primeiro esboço da reflexão sobre o narcisismo, à medida que assinala o Eu como a direção última para a qual a libido se volta, ainda que indiretamente. Também em *Totem e Tabu* de (1913), Freud discute a necessidade de se inserir uma fase intermediária no desenvolvimento psicosexual situada entre o autoerotismo e a escolha de objeto denominada de narcisismo: “Nessa fase intermediária, cuja importância a pesquisa tem evidenciado cada vez mais, as pulsões sexuais até então isoladas já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é

É importante observar que acompanharemos com cuidado a argumentação do autor e que, esse percurso é crucial porque o referido artigo sobre o narcisismo, como insinuado na seção anterior, consiste num ponto de inflexão na teoria freudiana; com ele importantes modificações serão feitas originando, por exemplo, a segunda teoria estrutural da mente e a emergência de um novo dualismo pulsional. Passemos desse modo, à análise do trabalho de Freud sobre o narcisismo.

O artigo é um texto denso e *prestes a estourar pela quantidade de material que contém* - nas palavras precisas de Strachey (2004, v.1, p.96). Aliás, o próprio Freud considera que o *texto teve um parto difícil*. De fato, este trabalho apresenta uma constelação de reflexões que, em seguida - como citado acima-, se orientarão para importantes inovações teóricas, como a segunda tópica e o novo dualismo pulsional. Para a consecução de nossos objetivos nos deteremos primeiramente, no modo pelo qual Freud apresenta suas discussões sobre o narcisismo, até então realizadas de maneira esparsa, bem como na relação entre narcisismo e desenvolvimento sexual; em seguida, estaremos voltados para as complexas relações do Eu com os objetos externos, momento em que o autor estabelece as diferenciações entre *libido do Eu e libido objetal*, introduzindo também os conceitos de *ideal-de-Eu* e de agente auto-observador. Estes últimos, importa frisar, constituirão o gérmen do então conceituado *Supra-eu* na obra *O Eu e o Id* de 1923.

Na primeira parte do trabalho, Freud indica que a origem do termo

um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constituiu aproximadamente nessa mesma época. Tendo em mente as fixações patológicas dessa nova fase, que se tornam observáveis mais tarde, demos-lhe o nome de 'narcisismo'. [...] Embora ainda não estejamos em posição de descrever com exatidão suficiente as características dessa fase narcisista, na qual as pulsões sexuais até então dissociados se reúnem numa unidade isolada e investem o ego como objeto, já temos motivos para suspeitar que essa organização narcisista nunca é totalmente abandonada. Um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para sua libido. Os investimentos de objetos que efetua são, por assim dizer, emanações da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele" (FREUD, S.,2006, v.XIII,p.99).Vemos que Freud já anuncia aqui a sua tese segundo a qual a libido narcísica enlaça-se com a libido objetal, como poderemos constatar ao nos debruçarmos no texto de 1914

narcisismo remonta a Paul Nacke¹⁴, e aflora com a observação clínica diante do fenômeno da pessoa que toma o próprio corpo como objeto de satisfação sexual: “A pessoa contempla o próprio corpo, acaricia-o, cobre-o de carinhos e se compraz sexualmente até conseguir satisfazer-se plenamente por meio desses manejos” (FREUD, 2004, v. 1, p. 97).

Inicialmente, o narcisismo era concebido como uma perversão dentre outras presentes na etiologia de fins do século XIX. No entanto, Freud demonstra que a observação psicanalítica presencia aspectos do comportamento narcísico em outros casos como, por exemplo, nos homossexuais, na hipocondria, na paranoia e no ato de dormir. Desta forma, o narcisismo abrangeria um campo muito maior do que o das perversões, ele seria em verdade uma importante característica do desenvolvimento sexual do ser humano; não mais uma modalidade dos comportamentos perversos, mas, sim, o acréscimo libidinal do egoísmo inerente à pulsão de autoconservação; egoísmo, nesse caso, pressuposto como algo presente em todos os seres vivos. Sob esse registro, o autor trabalha com a ideia de que o narcisismo constitui uma etapa no desenvolvimento sexual de todo indivíduo, não se configurando propriamente como uma perversão; ele passa a ser tomado, pois, como um modo de constituição da subjetividade. Notemos que essa estratégia freudiana vem ratificar uma de suas maiores originalidades, a saber, o uso do material patológico para iluminar a psicologia normal (MONZANI, 1989, p.100). O pensador vienense tinha muito clara essa sua linha metodológica, e torna-a explícita em uma das *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise - 1933* - (conferência XXXI):

(...) bem conhecemos a noção de que a patologia,

¹⁴ Foi Alfred Binet o primeiro a utilizar o termo “narcisismo” na área médica, termo que chegou a Freud através de Nacke, que o discutira com o psiquiatra inglês Havelock Ellis, criador do termo “autoerotismo”, e para o qual o narcisismo seria uma perversão, pois ignora as relações objetais. Contudo, o psicanalista Isidor Sadler considera o narcisismo um estado ou fase do desenvolvimento anterior à genitalidade, ideia logo adotada por Freud, que a elaborou em vários escritos (Notas dos colaboradores brasileiros, in: Obras Psicológicas de Sigmund Freud, 2004, v.1, p. 121).

tornando as coisas maiores e mais toscas, pode atrair nossa atenção para condições normais que, de outro modo, nos escapariam. Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pelas estruturas do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo (FREUD, S., 2006, v. XXII, p.64).

Para Freud, um dos motivos para conceber o narcisismo primário e normal deveu-se à tentativa de inserir num quadro explicativo coerente os casos da paranoia e da esquizofrenia fazendo uso da teoria da libido. Sob essa perspectiva, os pacientes que apresentam essas patologias possuem duas características fundamentais: “(...) o delírio de grandeza e o desligamento de seu interesse pelo mundo exterior (pessoas e coisas)” (FREUD,S., 2004,v.1,p.97). Os pacientes histéricos e neuróticos compulsivos também apresentam certo desligamento de suas relações com a realidade, mas neles ocorre uma diferença importante no que tange aos investimentos da libido. Ou seja, segundo Freud, o neurótico conserva as pessoas e as coisas na fantasia, enquanto os esquizofrênicos retiram sua libido das pessoas e das coisas sem substituí-las na fantasia, manifestando um desligamento quase que total da realidade circundante.

O conceito de libido usado pelo autor permite investigar o que foi feito desta energia uma vez retirada dos objetos; a hipótese tal como se deixa entrever nas manifestações dos delírios de grandeza, esquizofrenia, paranoia e outros distúrbios psíquicos é que esta libido retirada do mundo exterior é redirecionada para o Eu, manifestando assim um comportamento narcísico. No texto *À Guisa de Introdução ao Narcisismo* Freud sustenta:

O delírio de grandeza próprio desses estados nos aponta aqui o caminho a seguir. Ele surgiu, provavelmente, à custa da libido objetal. A libido retirada do mundo exterior foi redirecionada ao Eu, dando origem a um comportamento que podemos chamar de narcisismo. Na verdade, o delírio de grandeza em si não é nenhuma

criação nova, mas, como sabemos, a amplificação e explicitação de um estado que já existia antes. Assim, esse narcisismo, que se constitui ao chamar de novo para si os investimentos anteriormente depositados nos objetos, pode ser concebido como um narcisismo secundário, superposto a outro, primário (FREUD, S., 2004, v.1, p.98).

Esse sentimento de grandiosidade do pensamento também pode ser encontrado na psicologia dos povos primitivos e das crianças; nestes constata-se delírios de grandeza e supervalorização do poder de seus desejos e atos psíquicos, com conseqüente crença no poder de influenciar o real com a força do pensamento ou com a mágica das palavras¹⁵. Por isso, Freud argumenta: “Assim, chegamos à concepção de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo essencialmente, a libido permanece retida no Eu” (FREUD, S., 2004, v.1, p.99). Com a teoria da libido, Freud postula um investimento constante de libido no Eu, atuando a partir do narcisismo primário e permanecendo por toda a vida do indivíduo. O narcisismo que se forma realocando outra vez para si os investimentos antes destinados aos objetos, Freud denomina de secundário, justapondo-o ao narcisismo primário e normal, etapa originária de investimento da libido para a qual o sujeito retorna na patologia, como no caso da esquizofrenia.

Compreenderemos melhor esses aspectos da psicanálise se atentarmos para o fato de que esta possui como pressuposto básico uma incompatibilidade entre aquilo que o ser humano deseja e o que efetivamente a realidade pode lhe conceder; em última instância, este descompasso estaria na origem da frustração, da revolta e também as situações patológicas. Freud postula a sexualidade como uma das forças que atuam na vida do organismo e que ao buscar alcançar suas metas encontra os obstáculos interpostos pela consciência moral do indivíduo e pela sociedade. Para expressar conceitualmente esse conflito que ocorre entre as necessidades sexuais e orgânicas contrapostas aos ditames das possibilidades sociais, Freud concebe a sua teoria dualista das

¹⁵- Freud trabalhou essa questão no terceiro ensaio de sua obra *Totem e Tabu* (1912-1913).

pulsões¹⁶.

As pulsões sexuais (libido) buscariam a realização das necessidades sexuais e as pulsões do Eu (interesse) representariam a manifestação natural que todo indivíduo possui por sua autopreservação. Em seu trabalho com o narcisismo, Freud faz uso desse primeiro dualismo pulsional; o artigo de 1910 *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* torna explícito esse primeiro dualismo:

Descobrimos que cada pulsão procura tornar-se efetiva por meio de ideias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estas pulsões nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre as várias pulsões. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual e as demais pulsões que tem por objetivo a preservação do indivíduo- as pulsões do ego (FREUD, S. 2006, v.XI, p.223).

Nos casos em que a pulsão sexual elege o Eu como objeto, denomina-se libido do Eu e nos momentos em que a libido é investida em direção aos objetos denomina-se libido de objeto, na medida em que uma libido é absorvida a outra é empobrecida.¹⁷ Originalmente as duas libidos estão juntas no estado de

¹⁶- Desenvolveremos no próximo capítulo um tratamento mais detalhado deste conceito na obra freudiana.

¹⁷- É importante notar que o conceito de libido é postulado por Freud como uma energia que constitui o substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto ao alvo (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas) (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992, p. 43). Nos *Três Ensaio sobre a Sexualidade* (1905), Freud define-a como: “Estabelecemos o conceito da *libido* como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. [...] A análise das perversões e das psiconeuroses levou-nos à compreensão de que essa excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo. Chegamos assim à representação de um *quantum* de libido a cujo substituto psíquico damos o nome de *libido* do ego, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados. Essa libido do ego, no entanto, só é convenientemente acessível ao estudo analítico depois de ter sido psiquicamente empregada para investir os objetos sexuais, ou seja, quando se converteu em libido do objeto” (FREUD, S., 2006, v.VII, p.205). Também sobre a libido, se nos remetermos ao *Dicionário de Psicanálise* de Roudinesco

narcisismo e são indiferenciáveis, somente quando ocorre o investimento de objeto é possível diferenciar uma energia sexual libidinal de uma energia das pulsões do Eu. A libido retirada dos objetos e remanejada para o Eu origina a conjuntura psíquica denominada de narcisismo. A retração dos investimentos da libido de objeto para o Eu foi constatada por Freud nos inúmeros casos nos quais os indivíduos apresentam uma perda de interesse pela realidade e um exagerado interesse sobre sua própria pessoa como nos quadros da megalomania.

Ao teorizar sobre o narcisismo, Freud investiga como os afetos do indivíduo se relacionam com o mundo externo e consigo mesmo. Em se tratando dos objetos do mundo externo, estes precisam de uma quota de investimento afetivo para se tomarem de importância para o indivíduo, posto que só existe objeto para o indivíduo quando este investe afetivamente naquele. E, uma vez que para Freud o aparelho psíquico (como veremos adiante) possui por função eliminar tensões, principalmente as de origem sexual - as libidinais - ele é obrigado a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos. Daí a asserção segundo a qual o ser humano ama por necessidade indefectível: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar” (FREUD, S., 2004, v. 1, p.106).

Mesmo que essas quantificações em investimentos sejam difíceis de

& Plon (1998) os autores apontam que embora o termo libido já existisse para nomear uma energia própria do instinto sexual, Freud “(...) retomou o termo numa acepção inteiramente distinta, para designar a manifestação da pulsão sexual humana em geral e a infantil em particular, entendida como causalidade psíquica (neurose), disposição polimorfa (perversão), amor – próprio (narcisismo) e sublimação” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.471). Elaborando um novo significado teórico para a palavra libido, Freud se distingue da sexologia do século XIX e desenvolve uma teoria própria da sexualidade. Nesse sentido, faz da libido “(...) um componente essencial da sexualidade como fonte de conflito psíquico, para integrá-la na definição da pulsão e na relação de objeto (libido objetal) e, por fim, para lhe encontrar uma identidade narcísica (a libido do eu), a partir de 1914” (IDEM, p.472). A libido é também um desejo sexual e dimensão fundamental da pulsão que busca se satisfazer fixando-se em objetos “(...) essa libido objetal pode deslocar-se em seus investimentos, mudando de objeto e de objetivo. É então sublimada ou seja, derivada para um objetivo não sexual, onde investe objetos socialmente valorizados: a arte, a literatura, o intelectualismo, a atitude passional” (IDEM, p.473).

mensurar, existem situações em que se percebem as dinâmicas de deslocamentos afetivos, como exemplifica Freud no caso da pessoa apaixonada que abandona sua própria personalidade favorecendo outro investimento objetal, contrariamente aos casos de fantasias paranoicas que apresentam um superinvestimento do Eu. O autor destaca que essas emanções da libido são apreendidas nessa dinâmica em que a energia libidinal lança-se sobre os objetos e, posteriormente, recua para o Eu:

O que nos saltou à vista foram as emanções dessa libido, os investimentos objetais que podem ser lançados aos objetos e recolhidos de novo. Constatamos também haver, grosso modo, uma oposição entre a libido do Eu e a libido objetal. Quanto mais uma consome, mais a outra se esvazia. Nesse sentido, a mais avançada fase de desenvolvimento que a libido objetal parece ser capaz de atingir é o apaixonamento, que se apresenta como uma desistência da própria personalidade a favor do investimento do objeto. Seu oposto se encontra na fantasia (ou na autopercepção) dos paranoicos sobre o fim do mundo (FREUD, S., 2004, v.1, p. 99).

Portanto, libido do Eu e libido de objeto são distinções estabelecidas por Freud e designam modos e *lugares de investimento da energia sexual*, que manifestam-se simultaneamente na economia da libido, configurando uma relação de oposição. Desta relação entre os investimentos da libido, entre Eu e objeto, apresentam-se maneiras de funcionamento próprias do psiquismo, sendo uma delas o narcisismo.

Como vimos no capítulo anterior, o debate entre Freud e Jung estruturou-se em torno das causas das psicoses e da esquizofrenia. Não seria incorreto considerar que o conceito de narcisismo, tal como vem à luz em 1914, representa a superação dessa querela, uma vez que, com ele, Freud acentua o papel do investimento libidinal que, nas suas emanções e retrações, seria responsável pela manifestação de certas patologias, mas, para além disso, também estaria presente nos casos de apaixonamento, onipotência dos pensamentos, hipocondrias, doenças orgânicas e outros. Não obstante, autores como Monzani (1989), Mezan (1985) e Garcia-Roza (2004) destacam que a introdução do

conceito de narcisismo além de preparar importantes elaborações teóricas futuras, também impõe problemas a serem resolvidos. No próprio artigo sobre o narcisismo alguns desses problemas já são apontados pelo próprio autor, tais como a relação do autoerotismo com o narcisismo e a possível dissolução do dualismo pulsional.

Diante disso, o pai da psicanálise se preocupa em equacionar qual seria a relação do narcisismo com o autoerotismo na medida em que ambos seriam etapas distintas e não se confundem; o autoerotismo é um conceito psicanalítico extremamente importante e foi inserido nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*: “No quadro geral da teoria sobre a sexualidade o autoerotismo caracteriza um estado original da sexualidade infantil anterior ao do narcisismo, no qual a pulsão sexual encontra satisfação (parcial) sem recorrer a um objeto exterior” (GARCIA- ROZA, 2004, p.39).

Freud demarca as etapas destes dois processos, uma vez que haveria a possibilidade de confundi-los, tornando-os um único e mesmo processo; institui então o autoerotismo como estado primeiro e original da sexualidade infantil, anterior ao narcisismo: “Trata-se de um estado anárquico da sexualidade no qual as pulsões parciais procuram satisfação no próprio corpo, uma satisfação não unificada, desarticulada em relação às demais satisfações parciais, pura satisfação local” (GARCIA-ROZA, 2004, p. 42). Assim, Freud também complementa que não existe inicialmente *uma unidade comparada ao Eu*, mas que as pulsões autoeróticas são primordiais, apresentam-se desde o início, e se exprimem pelo prazer do órgão como colocado acima, por isso, nosso autor destaca a necessidade de uma *nova ação psíquica* para que o narcisismo se constitua; o que se adita ao autoerotismo para formar o narcisismo é o Eu. De todo, modo fica demarcada a diferença entre o autoerotismo e narcisismo como processos distintos. O narcisismo teria existência imediata à instauração e surgimento do Eu, de acordo com Simanke:

Tendo isso em conta, não é difícil concluir que a “nova ação psíquica”, que se deve acrescentar ao autoerotismo, consiste justamente na constituição do ego, do “ego oficial”

como Freud já dissera antes, imagem unificada pela qual o sujeito se representa para si mesmo, o que permite à libido tomar essa imagem como objeto total, e não mais parcial, como acontecia com as desconectadas pulsões do autoerotismo (SIMANKE, 1994, p.122).

A outra dificuldade teórica que se apresenta à Freud com a introdução do narcisismo refere-se ao dualismo pulsional. Como acompanhamos, o Eu também passa a ser investido pela libido, por conseguinte, surge a dificuldade em diferenciar a libido sexual da energia não sexual ou interesse do Eu. Essa distinção baseava-se entre pulsões sexuais e pulsões do Eu. Agora, sendo o Eu também investido libidinalmente, o conceito de libido corre o risco de se tornar uma energia única e indiferenciada, tal como propunha Jung. Sabemos que, neste momento, Freud travava um duelo com Jung em torno do dualismo pulsional; assim, vimos que um dos mais brilhantes discípulos de Freud e agora seu opositor, sugeria que a libido poderia ser tomada como uma energia psíquica única e indiferenciada. Vale notar que o artigo sobre o narcisismo também é uma resposta às críticas de Jung; ademais para Freud, manter o dualismo era essencial enquanto suporte basilar do conflito psíquico. Estas e outras questões que surgem com o conceito de narcisismo não se encerram neste artigo, de modo que em nosso próximo capítulo trataremos mais detalhadamente do problema do dualismo pulsional e sua reelaboração. Feito este pequeno interlúdio, voltemos à caracterização do narcisismo.

Além dos casos já elencados por Freud para o estudo dos fenômenos do narcisismo delineados acima, o autor, na segunda parte do trabalho, recorre ao estudo dos fenômenos normais como a doença orgânica, a hipocondria e a vida amorosa, pois estes casos manifestam-se com grande influência sobre a distribuição da libido. Em relação à doença orgânica, ela exerce considerável influência sobre a distribuição da libido do indivíduo na medida em que uma pessoa acometida por tal afecção deixa de *se interessar pelas coisas do mundo exterior*, recolhendo seu interesse libidinal dos objetos de amor e deixando de amar enquanto estiver sofrendo; deste modo, *o doente recolhe seus investimentos libidinais para o Eu* e, uma vez tendo restabelecida a saúde envia-os novamente

para os objetos (FREUD, S., 2004, v.1, p.103). De forma parecida, diz Freud, também o estado do sono significa um recolhimento narcísico da libido, que abandona suas posições e dirige-se para a própria pessoa, especificamente para o desejo de dormir: “Em ambos os casos, vemos exemplos de alterações na distribuição da libido em consequência da alteração ocorrida no Eu” (FREUD, S., 2004, v.1, p.104).

Nas patologias hipocondríacas, ocorre uma retração da libido dos objetos do mundo exterior que passa a se concentrar sobre o órgão do qual está se ocupando; existe, porém, a diferença de que na hipocondria não temos a presença de alterações físicas como na doença orgânica. Trata-se de uma potencialidade inerente aos órgãos que torna possível a eles manifestarem sensações dolorosas ou prazerosas como no caso dos órgãos genitais, sem sofrerem alterações orgânicas, o que temos é a capacidade da erogenidade dos corpos:

(...) podemos considerar que a erogenidade é uma faculdade geral de todos os órgãos e, portanto, nos referir a um aumento ou redução da erogenidade em determinada parte do corpo. Em paralelo a cada uma dessas alterações da erogenidade nos órgãos, poderia então estar ocorrendo uma alteração do investimento da libido no Eu (FREUD, S., 2004, v.1, p.105).

Nos exemplos elencados por Freud, acompanhamos a circunscrição de casos onde ocorrem as emanações e retrações da libido e a consequência dos processos de investimento e de refluxo dessa energia sexual. Mas aqui está em jogo também o fato de que o indivíduo sente desprazer com certo represamento da libido no Eu, ou seja, é preciso que o indivíduo invista sua libido em objetos externos. Freud explica que essa contenção é desprazerosa por que: “(...) o desprazer é sempre a expressão de maior tensão, sendo, portanto, uma quantidade de um processo calcado sobre a matéria que aqui, como em outros casos, se transforma em qualidade psíquica do desprazer” (FREUD, 2004, v.1, p.105). O autor afirma ainda: “Constatamos que ao nosso aparelho psíquico cabe sobretudo lidar com as excitações que, de outra forma, seriam sentidas como dolorosas ou provocariam efeitos patogênicos” (FREUD,S., 2004, v.1, p.106). Nesse sentido,

o aparelho psíquico efetiva um trabalho interno de processamento e *escoamento interno de excitações*, uma vez que as mesmas não podem *sofrer remoção imediata para o exterior*, provavelmente por se apresentarem como inadequadas para o momento.

Chegamos agora ao terceiro caminho apontado pelo autor em sua fundamentação do conceito de narcisismo: a vida amorosa dos seres humanos. Inicialmente as crianças alcançam satisfação de suas necessidades vitais mediante a ação do outro, ou seja, a mãe que o amamenta; as pulsões sexuais ficam assim *apoiadas*¹⁸ nessas pulsões de autoconservação de maneira que a criança ao mamar se satisfaz tanto no aspecto de sua nutrição e sobrevivência, quanto no aspecto autoerótico pela via oral. Segundo os argumentos freudianos, uma vez que somente depois as pulsões se desenlaçam, essa disposição permanece e influencia o modo pelo qual o indivíduo formará suas escolhas objetais futuras, as quais poderão se voltar para alguém similar à figura que o amparou na infância – em geral a mãe ou demais pessoas que prestaram-lhe os primeiros cuidados - ou terão como parâmetro o próprio indivíduo que, nesse caso, escolhe a si mesmo como objeto e modelo de satisfação. Para sermos mais claros, uma escolha de objeto mediada na alteridade materna levaria o indivíduo a procurar uma parceira que se assemelhe a seu antigo objeto de desejo, e outra escolha acentuadamente narcisista, buscará um objeto mais parecido consigo mesmo, o que levaria, segundo Freud a fenômenos como a perversão¹⁹ e a

¹⁸ - Termo introduzido por Freud para designar a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação: as pulsões sexuais, que só secundariamente se tornam independentes, apoiam-se nas funções vitais que lhe fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. Em consequência, falar-se-á também de apoio ou anáclise para designar o fato de o indivíduo se apoiar sobre o objeto das pulsões de autoconservação na sua escolha de um objeto de amor; é a isso que Freud chama o tipo de escolha de objeto por apoio, ou anaclítica (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992, p.66).

¹⁹ - Em sua obra *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade*- 1910- Freud ressalta a inexistência de um vínculo natural entre pulsão e objeto “A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre pulsão e objeto” (FREUD, S., 2006, v.VII, p.140). Disto concluiu-se que a perversão é inerente à experiência humana comportando inúmeros caminhos de satisfação “Diante da ampla disseminação das tendências perversas, agora reconhecidas, fomos

homossexualidade:

Pudemos constatar claramente que, no caso de certas pessoas, em especial aquelas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbações – como ocorre com os perversos e os homossexuais -, a escolha de seu futuro objeto de amor não se pauta pela imagem da mãe, mas pela própria pessoa. Procuram abertamente a si mesmas como objeto de amor, exibem um tipo de escolha de objeto a ser chamado de narcísico. Foi essa observação que nos forneceu o motivo mais forte para adotarmos a hipótese do narcisismo (FREUD, S., 2004, v.1, p.107).

Destarte, existem dois grupos de escolha de objeto, a que ocorre por apoio ou a narcisista e, ambas estão abertas para todo ser humano que para uma ou outra direcionará suas escolhas:

Estamos afirmando que o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida, e com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto (FREUD, S., 2004, v.1, p.108).

O narcisismo primário pressuposto em toda criança, constituinte de uma das fases da teoria sobre a libido, impõe maiores dificuldades em ser reconhecido pela observação direta. Freud afirma ser mais fácil reconhecê-lo por *dedução retroativa* mediante o ponto de observação da vida adulta. Ao observar o indivíduo adulto nota-se que seu narcisismo infantil foi abandonado, sua experiência de onipotência e completude frente ao mundo foi obrigada a ceder aos ditames do mundo externo. Freud observa que a formação desse narcisismo infantil recebeu uma forte contribuição dos pais, pois estes possuem o hábito de atribuírem uma perfeição ilimitada aos seus filhos e com esse ato também reproduzem seu próprio narcisismo abandonado, ou seja, reinvestem este narcisismo abandonado nos próprios filhos:

A criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca

impelidos ao ponto de vista de que a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana (...)” (IDEM, p.218).

realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe. O ponto mais vulnerável do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, um refúgio seguro abrigando-o na criança. O comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocadamente sua antiga natureza (FREUD, S., 2004, v.1, p.110).

Além dos adultos projetarem esse narcisismo infantil em seus filhos, o abandono deste narcisismo cede lugar a uma importante formação psíquica denominada pelo autor de ideal-de-Eu; este se constitui numa formação psíquica destinada a manter o sentimento de perfeição vivenciado pela criança oriundo do investimento libidinal dos pais. Fruto da influência crítica dos pais, o ideal-de-Eu também é o representante e substituto do sentimento de perfeição e completude outrora desfrutado na infância:

Como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se aqui incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas de sua infância. Entretanto, não poderá manter-se sempre nesse estado, pois as admoestações próprias da educação, bem como o despertar de sua capacidade interna de ajuizar, irão perturbar tal intenção. Ele procurará recuperá-lo então na nova forma de um ideal-de-Eu. Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal (FREUD, S., 2004, v.1, p.112).

Desse modo, Freud trabalha a perspectiva de que o chamado ideal-de-Eu passa a ser almejado pelo amor do indivíduo, seus investimentos retirados do mundo externo são vinculados a esse Eu ideal que é um reflexo do Eu, porém melhorado de suas imperfeições, parecendo-se muito mais com a percepção infantil de si mesmo e que encontra correspondência no sentimento de onipotência; de fato, podemos afirmar que o ideal-de-Eu é um tipo de herança do narcisismo infantil.

Como citamos anteriormente, um dos pressupostos básicos das

elaborações teóricas de Freud pressupõe o conflito entre as moções libidinais do indivíduo com suas aspirações culturais e éticas; deste conflito surge o recalque patogênico. Assim, o recalque, como já sugerido por Freud, acontece a partir do Eu, porém o autor acrescenta que este recalque parte da apreciação que o Eu faz de si mesmo (FREUD, S., 2004, v.1, p. 112). O autor argumenta que o sujeito instaurou em si um ideal, mediante o qual compara seu Eu atual, a partir disso o requisito para o recalque será essa constituição do ideal por parte do Eu. Há ainda a ideia de que uma nova instância psíquica age *a partir do ideal-de-Eu* e exerce a função de cuidar pela satisfação narcísica; para exercer essa tarefa, ela observa o Eu real e atual constantemente medindo-o por esse ideal: “Não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial que, atuando a partir do ideal-de-Eu, se incumbisse da tarefa de zelar pela satisfação narcísica e que, com esse propósito, observasse o Eu atual de maneira ininterrupta, medindo-o por esse ideal” (FREUD, S., 2004, v.1, p.113).

Com essa *instância psíquica* que zela pela satisfação narcísica, Freud sinaliza para a importante hipótese do que será futuramente tomado como o Supra-eu, conceito que participa do conjunto de criações teóricas que despontarão na segunda tópica. No texto do narcisismo, essa instância psíquica que cuida da satisfação narcísica pode ser nomeada como o que comumente chamamos de *consciência moral*, ela possibilita assimilar as manifestações melancólicas com seu estado de autopunição e os delírios de observação presente na paranoia. Os paranoicos, observa o autor:

(...) se queixam de que todos os seus pensamentos são conhecidos, de que todos os seus atos são vigiados e supervisionados, de que vozes os informam da atuação dessa instância e, ainda, de que essas vozes lhes falam, caracteristicamente, na terceira pessoa [...] Esta queixa é justificada, ela descreve a verdade; um poder como esse, que observa todas as nossas intenções, tem acesso a elas e as critica, de fato existe, está presente na vida normal de todos nós (FREUD, S., 2004, v.1, p 113-114).

No trecho abaixo, Freud é explícito em relação à origem do ideal-de-Eu e o papel da instância moral encarregada de vigiar e garantir sua realização:

Na verdade, foi a influência crítica dos pais que levou o doente a formar seu ideal-de-Eu, que lhe é transmitido pela voz e tutelado pela consciência moral; mais tarde somaram-se a esse ideal as influências dos educadores, dos professores, bem como de uma miríade incontável e indefinível de todas as outras pessoas do meio (os outros, a opinião pública) (FREUD, S.,2004, v.1, p.114).

O desenvolvimento do Eu gera um afastamento do narcisismo primário e um posterior desejo de retomá-lo. Para Freud, esse afastar-se ocorre devido ao direcionamento da libido em direção a esse ideal-de-Eu que é imposto a partir de fora, de modo que a satisfação seja alcançada *pela realização desse ideal*. Sob esse prisma, Freud pontua que todo sujeito almeja “Ser novamente o seu próprio ideal, também no que diz respeito às aspirações sexuais, tal como ocorreu na infância, esta é a felicidade que as pessoas querem alcançar” (FREUD, S., 2004, v.1, p.118).

Essa discussão nos põe na rota de uma pequena e brilhante reflexão freudiana: aquela tecida em *Luto e Melancolia (1917)*. Esse texto possui uma ligação intrínseca com o artigo de 1914, visto que retoma algumas discussões nele realizadas, ao mesmo tempo em que aprofunda alguns de seus aspectos, por exemplo, aquele concernente ao processo de identificação. Nesse sentido, ao enveredarmos por *Luto e melancolia*, destacaremos o modo pelo qual a ligação entre o conceito de narcisismo e o de identificação vem instaurar a alteridade como momento privilegiado na constituição do Eu; além disso, procuraremos pontuar o papel tecido pela identificação na relação que o Eu estabelece com os objetos de investimento da libido. Outro ponto deve ser notado. Em nosso primeiro capítulo, vimos que um dos elementos do conflito psíquico que não se enquadrava na primeira tópica era a manifestação inconsciente da necessidade de autopunição; ao incursionarmos por esse clássico texto veremos que esse fenômeno clínico é também contemplado no âmbito desse escrito.

2 – Narcisismo e melancolia

Voltemo-nos, pois, para o artigo redigido por Freud em 1915, mas publicado apenas em 1917, e que pode “(...) ser considerado como um prolongamento do trabalho sobre o narcisismo que Freud escrevera um ano antes” (STRACHEY, 2006, v.2, p.100)²⁰. No texto *Luto e Melancolia (1917)*, surgem questões referentes ao narcisismo, escolha de objeto narcísico e o aprofundamento do conceito de identificação. Metodologicamente Freud aborda o luto e a melancolia como análogos, estratégia similar usada em outro texto escrito no mesmo período no qual o correlato normal era realizado pelo sonho: “Após termos utilizado o sonho como protótipo das perturbações psíquicas narcísicas, iremos agora tentar esclarecer a natureza da melancolia. Para tal iremos comparar a melancolia com o afeto que está envolvido no luto normal” (FREUD, S., 2006, v.2, p.103).²¹

De modo geral, os casos de luto e melancolia apresentam uma anulação do interesse pelo mundo externo ocasionando as perturbações narcísicas; nestes quadros, acrescenta ele, também teríamos uma acentuada retração da libido. Retomando a linha que nos reconduzirá à problemática do narcisismo, ainda em *Luto e Melancolia*, Freud detalha que as características psíquicas manifestas desses estados psíquicos seriam quase idênticas, não fosse o transtorno do sentimento de si atuando na melancolia. Ambos apresentam um abatimento doloroso e o desligamento do interesse pelo mundo, somados à incapacidade de

²⁰-Acerca de *Luto e Melancolia*, Strachey esclarece que neste trabalho aparecem novamente as atividades do “agente crítico” presentes no artigo sobre o narcisismo de 1914. Se no texto sobre o narcisismo, o agente crítico apresenta-se nos casos de paranoia, em *Luto e Melancolia* Freud aponta o mesmo agente atuando nos casos de melancolia. Strachey acresce ainda que o “agente crítico” receberá considerações posteriores na obra *Psicologia de grupo e análise do ego (1921)* e que por fim o “agente crítico” levará Freud à hipótese do Supra-eu no artigo *O Eu e o Id (1923)*. O editor inglês também aponta a importância do conceito de identificação que recebe um melhor tratamento em *Luto e Melancolia*: “No presente artigo [Freud], fala da identificação como “uma etapa preliminar da escolha objetual (...) a primeira forma pela qual o eu escolhe um ‘objeto’”, acrescentando que “o Eu deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal em que se acha, desejando fazer isso devorando-o” (STRACHEY, 2006, pp. 100-101).

²¹- O trabalho ao qual nos referimos é *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* de 1915.

procurar outro objeto de amor e à retração de atividades produtivas. Não obstante, a melancolia apresenta características específicas:

A melancolia caracteriza-se psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas e pela depreciação do sentimento-de-Si. Essa depreciação manifesta-se por censuras e insultos a si mesmo, evoluindo de forma crescente até chegar a uma expectativa delirante de ser punido (FREUD, S., 2006, v.2, p.103-104).

No luto normal, a privação do objeto amado é clara. Mas na melancolia o indivíduo não entende quem perdeu ou o que especificamente perdeu neste objeto, principalmente quando se trata de uma perda objetal na realidade, ou seja, quando o sujeito encontra-se privado do objeto de investimento da realidade. Nesse sentido, Freud explica o mecanismo imediato à perda do objeto e o trabalho ligado a esse processo. Para tanto, parte da relação do sujeito e seu vínculo com o objeto perseguindo as consequências da perda deste pelo sujeito nas vivências de intenso vínculo amoroso; uma vez que a perda do objeto manifesta-se na vivência do sujeito, acentua ele, a ligação entre ambos precisa ser anulada para que novos vínculos advenham, permitindo, assim, que se constituam novas ligações amorosas com outros objetos. A recusa dessa cisão do sujeito para com o objeto perdido é portadora dos estados afetivos dolorosos manifestos no luto e na melancolia.

Seguindo os argumentos freudianos, vemos que, no luto, a perda do objeto é seguida de um desprendimento pelo mundo exterior, ficando apenas os investimentos vinculados ao objeto perdido - este pode ser a pessoa amada, ideais ou abstrações como pátria, liberdade, etc. Ao mesmo tempo, a dor da perda leva a um constrangimento do Eu e a um empobrecimento de sua relação com as coisas e com os outros, a qual passa a ser marcada por um acentuado desinteresse pelo mundo. Na melancolia manifestam-se as mesmas características do luto, porém acrescidas pelas alterações da autoestima que é rebaixada, com constantes manifestações de auto-recriminações e auto-envilecimento, que se somam ao

desejo de punição.

Sucedo no luto que a inibição do Eu fica explicada em virtude do total envolvimento exigido pelo *trabalho do luto*, ou seja, a constatação de que o objeto amado não mais existe, exige que o Eu retire suas ligações com o mesmo. Contudo, como Freud mesmo acentua “(...) de modo geral o ser humano - mesmo quando um substituto já se delineia no horizonte - nunca abandona de bom grado uma posição libidinal antes ocupada” (FREUD, 2006, v.2, p.104). Ou seja, não deixamos tranquilamente um investimento libidinal, essa desistência se faz paulatinamente, de modo a dilatar a permanência do objeto perdido, esse abandono do objeto é doloroso e alcançado aos poucos.

Portanto, estamos acompanhando como os casos de luto e melancolia são explicados por Freud mediante o enquadramento destes sintomas como frutos das perturbações narcísicas. Assim, vemos que, estes quadros afetivos manifestam uma acentuada retração da libido e veremos adiante como Freud distingue luto e melancolia na medida em que a libido presente em ambos os casos toma caminhos diferenciados. Essa incursão permite-nos destacar a presença marcante do conceito de narcisismo nesse trabalho de Freud. Nessa mesma direção, a alusão a outro texto freudiano nos subsidia ainda mais para entrever como a atmosfera do narcisismo pairava sobre a reflexão freudiana nesse período. Passemos a ele.

Em um trabalho contemporâneo de *Luto e Melancolia*, publicado com o nome *A Transitoriedade (1916)*, Freud relata um passeio pelos campos na companhia de um amigo soturno e de um jovem poeta; o poeta admirava-se com a beleza à sua volta, mas acabrunhava-o a ideia de que toda beleza estava condenada ao desaparecimento, de maneira que toda essa beleza que ele amava e admirava pareceu-lhe espoliada de seu valor por estar condenada à transitoriedade. Freud, por sua vez, reflete que a atitude do jovem amigo diante da efemeridade do que é belo e perfeito é comum a todos e se origina de duas inclinações divergentes da mente: “Uma conduz ao doloroso cansaço do mundo mostrado pelo jovem poeta; a outra, à rebelião contra o fato constatado (FREUD, S. 2010, v. 12, p. 248). Freud argumenta que o valor de todas as coisas belas e

perfeitas assim o são simplesmente por significarem algo para nossa vida emocional e, portanto, elas não precisam permanecer para além de nossas vidas, pois sua valoração prescinde da sua duração absoluta. Contudo, as considerações do amigo psicanalista em nada demoveram o poeta do seu sofrimento; Freud, diante deste fracasso infere que um forte fator emocional estava em jogo atrapalhando o julgamento de seus acompanhantes. Deste modo, o autor relaciona esse forte sentimento com o luto:

Deve ter sido uma revolta psíquica contra o luto, o que depreciava para eles a fruição do belo. Imaginar que essa beleza é transitória deu àqueles seres sensíveis um gosto antecipado do luto pela sua ruína, e como a psique recua instintivamente diante de tudo o que é doloroso, eles sentiram o seu gozo da beleza prejudicado pelo pensamento de sua transitoriedade (FREUD, S., 2010, v.12, p.250).

Freud acresce que somos imbuídos de certa capacidade amorosa denominada libido a qual, no início do desenvolvimento psíquico do indivíduo, se direciona para o próprio eu e, posteriormente, para objetos externos que incorporamos ao Eu; ao fim da natural destruição e finitude destes objetos amados, direcionamos a libido novamente liberada para outros objetos ou temporariamente recolhemo-la para o eu. Entretanto, o fato de sentirmos intensa dor nesse processo de desenlace libidinal dos objetos queridos permanece obscuro. Esse é o ponto intrigante para o autor:

Mas por que esse desprendimento da libido de seus objetos deve ser um processo doloroso, isso não compreendemos, e não conseguimos explicar por nenhuma hipótese até o momento. Só percebemos que a libido se apega a seus objetos e, mesmo quando dispõe de substitutos, não renuncia àqueles perdidos. Isso, portanto, é o luto (FREUD,S., 2010, v.12, p. 250).

Em *Problemáticas I (1987)*, Jean Laplanche aponta que, no trabalho do luto, a despeito da ausência do objeto, o vínculo na verdade permanece, de maneira que o sujeito depara-se com três alternativas: uma seria morrer com o objeto, a outra trata-se de assegurar o vínculo com o objeto de modo alucinatório

e a última seria fazer o luto propriamente dito, neste caso mantém-se o respeito à realidade que exige do sujeito que interrompa o vínculo com o objeto que não está mais presente. Ainda sobre o trabalho do luto, o autor considera que: “O que ele [Freud] indica de essencial é que esse trabalho não constitui um desprendimento imediato. Pelo contrário, é um aumento do apego, mas poderíamos dizer, pedaço por pedaço, parte por parte, uma espécie de dismantelamento da imagem do objeto amado” (LAPLANCHE, 1987, p.296).

Tratando-se da melancolia, poderíamos afirmar que é parecida ao processo do luto, na medida em que se apresenta uma perda de objeto e uma retração do interesse pelo mundo, concomitante a uma impotência para fixar novos investimentos afetivos. Contudo, acrescenta-se na melancolia, - como já apontamos - a depreciação do sentimento-de-Si, o auto-envilecimento e a espera pela punição, somados a um não saber dos motivos pelos quais se sofre. Freud sustenta: “Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe *quem* ele perdeu, não sabe dizer *o que se* perdeu com o desaparecimento desse objeto amado” (FREUD, S., 2006, v. 2, p.105). O que significa que a perda do objeto foi apartada da consciência, diferentemente do luto no qual a perda é totalmente consciente. A diferença entre o luto e a melancolia manifesta-se principalmente no fato de que na primeira, é o mundo que parece pobre e vazio, enquanto na melancolia o próprio Eu se torna vazio.

A chave das constantes auto-recriminações do melancólico são compreendidas por Freud como censuras direcionadas ao objeto de amor, uma vez que essas censuras são reenviadas ao Eu, devido ao rompimento do vínculo entre ele e o destino de seus afetos. Na afecção melancólica, essa ruptura não leva a um novo investimento, mas motiva que o próprio Eu passe a ser investido pela libido. Desta maneira, tendo a libido refluído ao Eu, ela assenta a identificação deste com o objeto abandonado e a instância crítica dirige para ele o tratamento que deveria conceder àquele que se retirou do lugar investido: “Nesses casos, vemos que uma parte do Eu do paciente se contrapõe à outra e a avalia de forma crítica, portanto, uma parcela do Eu trata a outra como se fora

um objeto (FREUD, S., 2006, v.2, p.107)”. Decorre disso, que o drama do melancólico, como explica Kehl (p.12, 2011), manifeste-se como uma constante lamentação “(...) uma acusação contra alguém, um *outro* que o doente não é capaz de identificar”. Freud chama a atenção para o fato de que a identificação narcísica com o objeto transforma-se em *substituto do investimento amoroso*; deste modo, essa identidade possibilita que o vínculo amoroso não seja renunciado, a despeito da ruptura.

Portanto, as queixas²² dirigidas ao Eu são na verdade direcionadas à pessoa amada que, após o processo de identificação, passa a fazer parte do Eu. Freud liga as auto-recriminações dos melancólicos com a ambivalência²³ anterior direcionada ao objeto: “Assim, tem-se nas mãos a chave para o quadro da doença: as auto-recriminações são recriminações dirigidas a um objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu” (FREUD, S., 2006, v. 2, p.107). O processo todo resumido por Freud mediante os caminhos de investimento da libido, na medida em que foi obrigada a abandonar o objeto amado, é o seguinte:

A libido então liberada, em vez de ser transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá essa libido não foi utilizada para uma função qualquer, e sim para produzir uma *identificação* do Eu com o objeto que tinha sido abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspectos do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao Eu e o Eu modificado pela identificação

²² - Marilene Carone em sua tradução pioneira do texto *Luto e Melancolia* aponta em nota que: “Ihre *Klagesind Anklagen*’ (literalmente: suas *queixas* são *acusações*). Há aqui um jogo de palavras que procuramos conservar: *Klage* significa queixa, no sentido genérico, e *Anklage* significa queixa no sentido jurídico-policial (dar queixa, por exemplo), ou seja, no sentido de acusação pública”. Sua tradução para o referido trecho é: “Também o comportamento dos doentes fica agora muito mais compreensível. Para eles, *queixar-se é dar queixa* no velho sentido do termo; eles não se envergonham nem se escondem, porque tudo de depreciativo que dizem de si mesmos no fundo dizem de outrem” (CARONE, 2011, p.58-59).

²³ - Presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, por excelência o amor e o ódio (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.50).

(FREUD, 2006, v. 2, p.108).

Freud assinala que a regressão ocorrida na melancolia pressupõe uma escolha primeira de objeto fundamentada em uma base narcísica, escolha alterada em identificação narcísica, assim, quando o investimento de objeto encontra algum tipo de barreira, retorna ao narcisismo. A melancolia implicaria, pois, um recuo do indivíduo ao narcisismo originário, ligado à fase oral de desenvolvimento da libido. Deste modo, na melancolia, observa Laplanche, o indivíduo desconhece o tipo de vínculo que ele mantinha com o objeto, o que na verdade é esse aspecto que ele lamenta quando da interrupção do vínculo: “Ele ignora os aspectos que Freud colocará em evidência nesse vínculo (são dois aspectos): o fato de que esse vínculo era um *vínculo ambivalente* e o fato de que era um *vínculo narcísico*” (LAPLANCHE, 1987, p.299).

A articulação da melancolia com o narcisismo estabelecida por Freud é comentada por Garcia-Roza:

Há na melancolia, assim como no luto, perda do objeto, mas na melancolia essa perda resulta na *identificação com o objeto perdido*. Ao invés da libido investida no objeto perdido ter sido deslocada para outro objeto, foi recolhida para o eu e serviu para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado. O que no luto era uma perda de objeto, na melancolia transforma-se em *perda do eu*. Mais ainda, uma vez feita essa identificação, o eu passa a ser julgado por uma *instância especial (besonderen Instanz)* como se fosse um objeto, objeto abandonado. A perda do objeto transformando-se em perda do eu, o conflito entre o eu e a pessoa amada transforma-se num conflito entre a instância crítica e o eu alterado pela identificação. (GARCIA-ROZA, 2004, p.77).

Ou seja, a retirada da libido do exterior leva consigo o objeto para o interior, assim uma identificação secundária ocorre no processo melancólico. Se considerarmos a expressão de Freud na citação acima - *a sombra do objeto caiu sobre o Eu* – podemos supor que isso ocorre devido ao fato de que o objeto já foi escolhido anteriormente mediado pelo modelo do Eu. No dizer de Laplanche: “Temos, portanto, uma passagem da escolha narcísica, para a identificação

narcísica, perda do objeto, identificação com o objeto perdido. Isso explica perfeitamente que o debate do melancólico seja um debate consigo mesmo substituindo o debate com o objeto exterior, tal como existe no luto” (LAPLANCHE, 1987, p. 307). Vemos, pois, que o conceito de identificação²⁴ é a contribuição principal em *Luto e melancolia* para a compreensão do narcisismo como já insinua a passagem do texto de Garcia-Roza, acima mencionada. A partir desse texto, a identificação é tomada por Freud como uma via de constituição do Eu, que, doravante, “(...) aparece como síntese ou uma fusão de diferentes identificações, tendo solo básico a identificação primária” (MONZANI, 1989, p.246). Os fenômenos regressivos, notadamente nas psicoses revelam diversas camadas identificatórias de forma que haveria um tipo de desfusão que retorna a essas formas primeiras. Desse modo, a identificação é um processo de constituição do Eu normal. E como o exame da melancolia revela, o Eu se formaria originariamente por meio da identificação que possui como protótipo a integração oral. Também fica patente a importância do objeto na formação do mesmo, ao introjetar características de um objeto preferido é que o Eu se estabelece como unidade estável. Simanke, consoante o que afirmamos, observa: “A partir deste momento, a identificação passa a ter o significado de incorporação de novos objetos no ego já formado, podendo até mesmo ser o resultado do abandono de um investimento libidinal tipicamente objetual, como é o caso que Freud descreve para a melancolia” (SIMANKE, 1994, p.163).

Findamos, assim, nossa apresentação do narcisismo em seus elementos

²⁴- Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 295). Ainda de acordo com os autores, o conceito de identificação adquiriu importância na obra de Freud até ser proposto como o mecanismo pelo qual o indivíduo humano se constitui. A evolução do conceito está interligada ao progressivo reconhecimento do complexo de Édipo e seus efeitos estruturais. Este conceito também é tributário da remodelação instaurada pela segunda teoria do aparelho psíquico, na medida em que as instâncias que se distinguem do id são particularizadas pelas identificações das quais derivam. No contexto do narcisismo a identificação é enriquecida com a “dialética que liga a escolha narcísica de objeto (o objeto é escolhido segundo o modelo da própria pessoa) à identificação (o indivíduo, ou qualquer das suas instâncias, é constituído segundo o modelo dos seus objetos anteriores: pais, pessoas do seu meio)” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.297).

principais. Buscamos apresentar como este conceito se insere na dinâmica do psiquismo mediante as emanções e retrações da libido; também ficou pontuado a instauração do narcisismo concomitante ao Eu, que advém como resultado de um processo de montagem de outras instâncias psíquicas, no caso o Supra-eu, ideal-de-Eu, e Eu-ideal, todas instituídas pelo processo de identificação, constituinte do indivíduo.

Como citamos brevemente, a introdução do conceito de narcisismo coloca alguns problemas para Freud, principalmente o relacionado ao dualismo pulsional que fica ameaçado de esfumaçar-se no monismo junguiano. Sem dúvida, Freud estava totalmente ciente das insuficiências teóricas que rondavam seu primeiro dualismo pulsional, mas decide mantê-lo como ele mesmo afirma por razões heurísticas. Deste modo, no capítulo seguinte, procuraremos discutir mais claramente o transtorno que o conceito de narcisismo trouxe à teoria pulsional até então constituída no pensamento freudiano. Ademais, detalharemos a solução encontrada pelo vienense na elaboração de um novo dualismo pulsional que passará a ser representado pelas pulsões de vida e pulsões de morte. Observemos ainda que, posteriormente, na quarta etapa do trabalho, a relação do narcisismo diante deste novo dualismo será objeto precípua de análise.

III-Um impasse conceitual e o segundo dualismo das pulsões.

1-A presença da morte no período entre guerras.

Antes de analisarmos conceitualmente a pulsão de morte em seu texto oficial de 1920 *Além do princípio de prazer*, faremos uma pequena incursão por um texto de Freud, no qual as investigações acerca do fenômeno da morte e da violência recebiam sua atenção. No texto de 1915, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, Freud faz uma análise da desilusão causada pela primeira grande guerra e de nossa atitude perante a morte. No torvelinho de uma guerra mortífera e insana, seu esforço visa compreender aspectos inadmissíveis manifestos na guerra:

Duas coisas, nessa guerra provocaram nossa decepção: a pouca moralidade mostrada exteriormente por Estados que nas relações internas posam de guardiães das normas éticas, e a brutalidade do comportamento de indivíduos que, como membros da mais elevada cultura humana, não acreditaríamos capazes de atos semelhantes (FREUD, S., v.12, p.218).

Freud argumenta que depositáramos esperança nas regras morais estabelecidas entre as nações e nas normas morais impostas sobre cada indivíduo. De fato, uma série de atribuições foram exigidas de cada um daqueles que almejou participar da comunidade civilizada; foram impostas obrigações severas que requeriam uma grande limitação de si mesmo, uma grande renúncia da satisfação pulsional. Especialmente foi negado valer-se das inúmeras vantagens possibilitadas com o uso da mentira e da fraude, principalmente na concorrência com seus semelhantes.

Ao mesmo tempo, Freud assinala que o Estado proibiu a todos o uso da violência apenas para melhor exercê-la ele mesmo. Impôs, assim, ao indivíduo, a obediência das normas morais e a concomitante abdicação do exercício do poder, colocando-o em uma situação desvantajosa e, pelo grau de exigências impostas, infimamente compensada. Em contrapartida, nos estados de guerra, a comunidade suspende a censura sobre os indivíduos e também a repressão de

seus desejos mais sombrios, deixa-os, assim, à vontade para praticarem atos de traição e violência antes inimagináveis em pessoas com tão alto grau de civilização.

No tocante à moralidade, Freud acentua que não deveríamos supor que ela se desenvolva no indivíduo mediante um processo gradual pelo qual as más inclinações do ser humano são eliminadas mediante a educação e o ambiente cultural. Se assim o fosse como explicar a emergência do mal tão inopinadamente no sujeito altamente civilizado? Nesse sentido, Freud afirma:

Na realidade não existe nenhuma “extirpação do mal”. A investigação psicológica – em sentido rigoroso, a psicanalítica- mostra, isto sim, que a essência mais profunda do homem consiste em impulsos instintuais de natureza elementar, que são iguais em todos os indivíduos e que objetivam a satisfação de certas necessidades originais. Esses impulsos instintuais não são bons nem maus em si. Nós os classificamos dessa forma, a eles e a suas manifestações, conforme sua relação com as necessidades e exigências da sociedade humana. Há que admitir que todos os impulsos que a comunidade proíbe como sendo maus - tomemos como representativos os egoístas e os cruéis - estão entre os primitivos (FREUD, S., v.12, pp.218-219).

E, o controle sobre as moções *más* é alcançado mediante fatores internos e externos, o interno consiste na influência que as pulsões *más* sofrem pelo erotismo, diante da necessidade humana de amor em geral, os componentes eróticos coadunam-se com as pulsões egoístas que são convertidas em sociais. O outro fator, o externo, é a pressão efetivada pela educação, que executa as exigências do mundo civilizado. Freud esclarece que a civilização foi conquistada pelo abandono de parcela significativa da satisfação pulsional, exigência que se impõe por sua vez, a cada novo membro que se insere na ordem instituída.

Devido ao sucesso que a sociedade conquistou impondo aos indivíduos obediência pelos ditames da cultura, a civilização levada por essa conquista aumentou mais ainda o rigor das exigências morais, arrastando os indivíduos

para um maior afastamento de sua propensão pulsional. Em verdade, e baseado na prospecção psicanalítica que demonstra o pendor pulsional do ser humano, Freud conclui que o ser humano jamais foi um exemplo de ética, bondade e compaixão. Muito pelo contrário, ele teria em seu íntimo um forte pendor para a maldade e a violência. Daí que o fenômeno da guerra nada nos revela de verdadeiramente novo sobre o homem:

Das discussões precedentes retiramos o consolo de que era injustificada nossa amargura e dolorosa desilusão pela conduta incivilizada de nossos concidadãos do mundo nesta guerra. Fundava-se numa ilusão a que nos havíamos entregado. Na realidade eles não desceram tão baixo como receávamos, porque não tinham se elevado como acreditávamos (FREUD, S., v.12, p.224).

A moralidade dos povos não sofreu qualquer abalo com esse evento. Freud apenas argumenta que o estado de guerra permitiu que os indivíduos e os Estados escapassem à pressão da cultura e dessem livre curso à satisfação de suas pulsões contidas. Em defesa das *inclinações más* dos indivíduos, Freud também atenta para características do desenvolvimento psíquico muito peculiares, a saber, os fenômenos regressivos. Nestes fenômenos psíquicos todo ciclo de desenvolvimento anterior continua preservado contíguo ao seguinte: “O estado anímico anterior pode não ter se manifestado durante anos, mas continua tão presente que um dia pode novamente se tornar a forma de expressão das forças anímicas, a única mesmo, como se todos os desenvolvimentos posteriores tivessem sido anulados, desfeitos” (FREUD, S., v.12, p.225).

Portanto, a guerra não vem atestar um necessário rebaixamento moral dos homens, porquanto, tal como o demonstra Freud com sua psicologia profunda, os estados anímicos primitivos da alma humana permanecem conservados e unidos aos acréscimos posteriores; eles perseveram como camadas sedimentadas na psique humana, de sorte que com o advento dos fenômenos regressivos estas características anímicas voltam a se manifestar. Vemos, assim que os estados primitivos podem ser atualizados: *o que é primitivo na alma é imperecível no mais pleno sentido* (FREUD, S., v.12, p.225).

Freud pontua que a mudança pulsional em que se apoia nossa inclinação para a cultura pode ser anulada provisoriamente pelas alterações na vida, sendo a guerra um desses momentos. Esse acontecimento faz vir à tona as características primitivas do homem até então sedimentadas pela cultura, ressurgindo assim a sua primitividade. Portanto, para Freud, tanto o homem primitivo como o moderno são igualmente malignos, violentos e bárbaros: “A guerra nos destituiu dos acréscimos posteriores da civilização e desnuda o homem primitivo que existe em cada um de nós” (FREUD, S., v.12, p.202). Nestes momentos beligerantes, os seres humanos são emulados a se afastarem da contínua imposição da civilização e a cederem às exigências pulsionais até então mantidas sob forte coação.

Na segunda parte do artigo que tem por título *Nossa atitude perante a morte*, Freud problematiza nossa peculiar atitude diante da morte e alude às constantes tentativas que tomamos de esmaecer o seu verdadeiro significado, as quais se justificam porque teríamos todos uma forte inclinação para colocar o fato da morte de lado, ignorá-lo, e se possível excluí-lo da vida. Contudo, a realidade da guerra nos obrigou a encarar a realidade da finitude humana e impediu que negássemos a sua presença. Freud sustenta ainda que há duas atitudes possíveis diante da morte: uma que pertence ao homem primitivo e a outra que se esconde no íntimo do homem moderno. O homem primitivo tinha uma postura peculiar no tocante a essa questão. Por um lado, levou-a a sério reconhecendo-a como a extinção da vida; por outro, negou-lhe esse poder, rebaixando-a a quase nada. Freud destaca que:

O que tornava possível tal contradição era o fato de ele assumir ante a morte do outro, do desconhecido, do inimigo, uma postura radicalmente diferente da que assumia ante a sua própria. A morte do outro lhe era justa, significava a eliminação do que era odiado, e o homem primitivo não tinha escrúpulos em executá-la (FREUD, S., v.12, p.234).

Freud também assinala que a história desse homem primitivo é eivada

de assassinatos, mas não deixa de ressaltar que a história antiga e moderna não ficam aquém: “A história primeva da humanidade é plena de assassinatos, portanto. Ainda hoje, aquilo que nossos filhos aprendem na escola sob o nome de História universal é, na essência, uma longa série de matanças de povos” (FREUD, S., v.12, p.235).

Outra equivalência é ainda destacada pelo autor. O homem primitivo tinha a sua própria morte como algo impossível e irreal, percepção que não difere daquela que o homem contemporâneo possui acerca da sua morte. No entanto, para o homem primitivo havia um caso em que as duas atitudes perante a morte entravam em conflito, era quando ele perdia um de seus entes queridos e amados:

Então, na sua dor, ele teve que aprender que também ele podia morrer, e todo o seu ser revoltou-se contra tal admissão; pois cada um desses amores era um pedaço de seu próprio amado Eu. Por outro lado, essa morte também era justa para ele, pois em cada um desses amores havia também um quê de estrangeiro. A lei da ambivalência dos sentimentos, que ainda hoje domina as relações afetivas com as pessoas que mais amamos, certamente vigorava com amplitude ainda maior na pré-história. Assim, esses amados falecidos tinham sido também estranhos e inimigos, que haviam despertado nele uma parcela de sentimentos hostis (FREUD, S., v.12, p.237).

Portanto, o ser humano já não conseguia manter a realidade da morte oculta, uma vez que tinha que admiti-la na dor pelos entes queridos. Em contrapartida, assumir essa dor significava imaginar-se morto. A saída foi aceitar a existência da morte, mas esmaecer seu poder de aniquilamento da vida recorrendo às religiões, a crença na vida passada, transmigração das almas, reencarnação e outros subterfúgios para fugir dessa terrível verdade.

Também a proibição de matar, que pareceu ser um avanço civilizacional e um forte impulso ético, conduziu a um novo indício da ferocidade do ser humano, pois:

Uma proibição tão forte pode se dirigir apenas a um impulso igualmente forte. O que nenhuma alma humana cobiça não é necessário proibir, exclui-se por si mesmo. A

própria ênfase da proibição, “Não matarás”, dá-nos a certeza de vir de uma interminável série de gerações de assassinos, nos quais o prazer em matar, como talvez em nós mesmos ainda, estava no sangue (FREUD, S., v.12, p.241).

Semelhantes que somos aos homens primitivos, do mesmo modo desejamos a morte para desconhecidos e inimigos, com uma disposição muito aprazível. A única diferença, enfatiza o autor, é que a maioria desses desejos assassinos estão no inconsciente. Logo, se levarmos em conta o que se passa em nossos desejos inconscientes, poderemos muito bem concluir que somos um bando de assassinos.

Freud por fim resume: o homem moderno e o primitivo possuem em seu inconsciente um intenso desejo de matar estranhos e um sentimento de ambivalência²⁵ para com as pessoas amadas. Nossos ternos laços afetivos são irmanados com certa dose de agressividade que nos induz ao desejo inconsciente da morte até mesmo dos nossos entes queridos. A grande guerra interfere nessa dicotomia: “Ela nos despe das camadas de cultura posteriormente acrescentadas e faz de novo aparecer o homem primitivo em nós” (FREUD, S., v.12, p.246).

Sobrevoamos estas reflexões de Freud na intenção de mostrar como a questão da agressividade, da morte e de uma pulsão ligada a estas manifestações estava no rol de preocupações e investigações do pensador vienense, no período que antecede a reformulação da sua teoria pulsional. De fato, a conceituação da pulsão de morte não advém como instauração de um conceito abrupto; a problematização do artigo de 1915 revela quanto estas questões já recebiam uma atenção por parte de Freud²⁶.

²⁵- Mart Robert em sua obra *A revolução psicanalítica*, sublinha a importância da ambivalência: “Para falar a verdade, tais especulações eram inevitáveis desde o início, uma vez que a psicanálise tinha precisamente posto a descoberto esse singular fenômeno de ambivalência em que o amor está estreitamente unido ao ódio” (ROBERT, 1968, p.340).

²⁶- Esse trabalho de Freud também prenuncia a questão da relação entre civilização e barbárie, que na obra freudiana, atinge o ápice com *O mal estar na civilização* (1929), neste trabalho de Freud dentre outros temas vemos reaparecer a questão da natural agressividade do ser humano e de como esta coloca em risco o projeto da civilização: “A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos

2 – O dualismo em questão.

Doravante, na segunda etapa do nosso trabalho nos deteremos na análise da pulsão de morte inserida por Freud no arcabouço teórico da psicanálise com o texto *Além do princípio de prazer* de 1920.

Notadamente, o segundo dualismo pulsional veio a lume fortemente marcado pelo narcisismo e as insuficiências que este conceito colocou frente à primeira teoria das pulsões. Assim, este conceito, apresentado no capítulo anterior, foi desenvolvido por Freud para dar conta de algumas patologias - as psicose neuroses - e ao mesmo tempo instaurou-se como etapa de desenvolvimento psicosexual comum a todo indivíduo. A fundamentação deste conceito, no entanto, significou a invasão do Eu pela energia libidinal, uma vez que este se tornou além de reservatório da libido, também um dos possíveis objetos de investimento desta energia. Por outro lado, se houve um ganho de inteligibilidade acerca dos fenômenos clínicos estudados, a estrutura conceitual começa a rachar, pois apontar o Eu como objeto da libido obriga Freud a repensar a distinção entre pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais. Tornou-se claro que se o Eu é também reservatório e local de passagem do investimento das pulsões sexuais, impõe-se a exigência de que a libido seja compreendida como uma energia única, colocando em questão o primeiro dualismo pulsional.

Este é um dos problemas centrais que nos conduz a aportar na análise da pulsão de morte, uma vez que esta é tributária das modificações conceituais impostas ao narcisismo; aparentemente, faremos um desvio em nosso trabalho e mergulharemos em outras questões na psicanálise freudiana que parecem destoar do caminho até aqui percorrido, contudo serão digressões importantes e necessárias que nos permitirão, primeiramente, destacar a emergência da pulsão de morte e, na etapa posterior, situar o narcisismo diante deste novo dualismo

outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração (FREUD, S., v. XXI, 2006, p.117).

pulsional.

Para nos colocarmos na direção dos propósitos desse capítulo, vale insistir: o escopo imediato deste capítulo consiste em explicitar as insuficiências do primeiro dualismo pulsional diante do narcisismo, bem como acompanhar o modo pelo qual Freud supera essa questão com a elaboração da pulsão de morte. Expressado assim nosso objetivo, cabe-nos, inicialmente, a tarefa de alinhar algumas considerações gerais sobre as pulsões no pensamento freudiano. É importante observar que este conceito representa um dos momentos de maior alçada filosófica do pensamento freudiano, e também o mais complexo. Exige, pois, uma alta carga de teorização.

3 – Do conceito de pulsão.

As pulsões, assim como outros conceitos da teoria freudiana, pertencem à metapsicologia, termo cunhado por Freud em 1896 para designar o conjunto da sua elaboração teórica, bem como sua “psicologia que leva ao outro lado da consciência” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 284). É lícito considerar que a metapsicologia se apresenta como a base epistemológica da psicanálise freudiana, como nota P.L. Assoun: “É a metapsicologia que constitui a superestrutura teórica da psicanálise, mas também sua identidade epistêmica” (ASSOUN, 1996, p.13).

Sob esse registro, devemos considerar que este construto teórico faz uso de noções e hipóteses abstratas que fundamentalmente elaboram ou explicam as hipóteses subjacentes à psicanálise. Dele fazem parte as concepções elaboradas por Freud acerca de um aparelho psíquico dividido em instâncias, o conceito de recalque, a teoria das pulsões, etc. Freud considerava de extrema importância esse trabalho de construção metapsicológica, uma vez que ele lhe possibilita a criação de “ideias abstratas” que o ajudariam na pesquisa e na fundamentação do arcabouço teórico da psicanálise; ademais, seu uso se concretizaria na medida em que, nos momentos em que a exposição dos fatos fosse interrompida, se impusesse a necessidade de recorrer a recursos de ordem não clínica para

completar as lacunas apresentadas na observação.

Freud, em um texto de 1915, o famoso primeiro parágrafo do artigo *Pulsões e destinos da pulsão*, descreve os princípios norteadores desse seu método de investigação científica, os quais elucidam acerca de sua construção metapsicológica:

O verdadeiro início da atividade científica consiste muito mais na descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e correlacionados entre si. Além disso, é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele algumas ideias abstratas obtidas não só a partir das novas experiências, mas também oriundas de outras fontes. [...] No princípio, as ideias devem conter certo grau de indefinição, e ainda não é possível pensar em uma delimitação clara de seu conteúdo. Enquanto elas permanecem nesse estado, podemos concordar sobre seu significado remetendo-nos repetidamente ao material experiencial a partir do qual elas aparentemente foram derivadas; contudo, na realidade, esse material já estava subordinado a elas. Em rigor, essas ideias iniciais possuem o caráter de convenções. Entretanto, é preciso que não tenham sido escolhidas arbitrariamente, e sim determinadas pelas relações significativas que mantêm com o material empírico (FREUD, S. 2004, v. 1, p. 145).

Freud considerava as pulsões como um destes conceitos principais da psicanálise, e embora permanecesse inconcluso era de fundamental importância para suas elaborações teóricas: “Um conceito convencional desse gênero, no momento ainda bastante obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia, é o de pulsão” (FREUD, S., 2004, v.1, p.145). Posteriormente em uma nota acrescentada em 1924 ao trabalho *Três Ensaio sobre a Sexualidade* (1905), o autor reafirma a importância das pulsões “A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica” (FREUD, S., 2006, v.VII, p.159).

Podemos alcançar uma caracterização das pulsões no já citado trabalho metapsicológico de Freud *Pulsões e destinos da pulsão*. No início desse texto, Freud compara a pulsão com um estímulo fisiológico, porém ao contrário deste, ela é um contínuo para o psíquico, e não se confunde com outros estímulos

fisiológicos que agem de forma impactante, como uma luz forte que atinge o olho por exemplo. Sua origem não reside no mundo externo, mas sim no próprio organismo, colocando exigências específicas ao psiquismo e, diferentemente do estímulo externo que age como um único impacto, a pulsão impõe-se ao organismo como uma força constante. Aliás, em relação à localização das pulsões, na teoria estrutural, Freud enraíza a origem destas energias num substrato biológico (cf. Freud; *O Eu e o Id* de 1923). Assim, o estímulo pulsional, uma vez que se origina do interior do corpo – instância biológica, pois - impede que o mesmo possa livrar-se dele pela fuga. Neste texto, Freud sustenta que “A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo 'necessidade' e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos '*satisfação*'” (FREUD, S., 2004, v.1, p.146); e acrescenta “Portanto, inicialmente podemos descrever a essência da pulsão a partir de suas principais características: sua proveniência de fontes de estímulo no interior do organismo e sua manifestação como força constante” (FREUD, S., 2004, v.1, p.147).

Freud destaca que o organismo pode subtrair-se dos estímulos externos mediante a fuga e movimentos musculares, mas os estímulos pulsionais oriundos do organismo não se deixam eliminar pela estrutura muscular: “Eles impõem ao sistema nervoso exigências muito mais elevadas. Incitam-no a assumir atividades complexas e articuladas umas com as outras, as quais visam a obter do mundo externo os elementos para a saciação das fontes de estímulos, e para tal interferem no mundo externo e o alteram” (FREUD, S., 2004, v.1, p.147).

Podemos também, seguindo ainda o autor, caracterizar a pulsão enquanto pressão, meta objeto e fonte:

Por *pressão* de uma pulsão entendemos seu fator motor, a soma da força ou medida de exigência de trabalho que ela representa. Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência. [...] A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é suspenso. [...] O *objeto* da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe

apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar satisfação. [...] Por *fonte* da pulsão entendemos o processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão (FREUD, S., 2004, v.1, p. 148-149).

A pulsão se constitui, pois, como um conceito limite entre o físico e o mental (FREUD, S. 2004, v.1, p.148). Mas, em si mesma e ontologicamente, ela seria algo não-psíquico (STRACHEY, J. 2004, p.134), ela jamais poderia tornar-se fato da consciência; assim, somente a ideia que a representa pode servir como objeto da consciência. Desse modo, a pulsão em si sempre será desconhecida; o que emerge no psíquico é algo que a representa, no duplo aspecto ideativo e afetivo, sendo que este algo é passível de ser conhecido somente sob certas condições.

No entanto, além de representarem as exigências somáticas que são feitas à mente, as pulsões também são responsáveis pelas tensões causadas no organismo humano. O organismo, então, percebe a elevação dessas tensões como desprazer e, quando do relaxamento dessa tensão, ele tem a sensação de prazer. Porém, a variação do que é sentido como prazer ou desprazer, não remete à intensidade absoluta dessa tensão, mas a algo relacionado ao ritmo das suas modificações. Nesse sentido, é importante que tenhamos sempre em consideração o aspecto energético das pulsões, Freud as caracteriza como uma energia ou pressão com total mobilidade, na fronteira aberta do id inconsciente, se nos situarmos no modelo psíquico que vigora na segunda tópica. Outra peculiaridade é que as pulsões podem fusionar-se, ou se substituírem, transferindo a energia de uma para outra: “(...) os dois tipos de pulsão [de vida e morte] se interligam, mesclam-se e se amalgamam, porém não há dúvida que, no contexto que estamos examinando, isso ocorra regularmente e em grande escala.” (FREUD, S. 2007, v.3, p. 50)²⁷.

²⁷- O contexto a que Freud se refere nessa passagem concerne ao registro do segundo dualismo pulsional, no qual as pulsões já não regem somente a dinâmica do psiquismo, mas também a da vida dos organismos em geral e sempre de modo conjunto; possuem também por característica um forte ímpeto regressivo. Daí que o autor acentue: “(...) podemos dizer que as pulsões se

Afirmamos linhas atrás o caráter heurístico dos conceitos metapsicológicos e das pulsões, porém não devemos encarar as pulsões como meras convenções que pouco se relacionariam com a prática clínica. De fato, se Freud sempre acentuou o conflito psíquico como oriundo de um embate entre ideias incompatíveis; com as pulsões esse conflito é concebido em suas molas mais profundas e primordiais, pois sob a perspectiva freudiana, a pulsão é portadora em nosso corpo dos ciclos fisiológicos e químicos, bem como das leis da natureza em geral e das espécies em particular (HANNIS, 2004, p140). Sob esse prisma, é possível acompanhar a manifestação pulsional em todos os seres vivos e nos indivíduos, sempre de um ponto de vista que comporta gradações que podem ir da espécie ao indivíduo, obtendo neste caminho um importante ganho de inteligibilidade, como nos mostra Hannis “(...) o pressuposto de um conflito inerente aos processos vitais não se restringe ao brotar da moção pulsional, permeia toda a sua teoria das pulsões e se expressa de formas diferenciadas, combinadas e complexas, conforme o patamar de manifestação da pulsão considerado” (HANNIS, 2004, p. 139).

Por essa razão, Freud expõe constantemente diversos pontos de vista ou ângulos mediante os quais examina a pulsão e coaduna suas análises em diversos níveis de circulação do pulsional e suas contradições próprias. Assim, no plano biológico, apresenta o embate entre as pulsões de reprodução da espécie e as pulsões de conservação do indivíduo; no patamar fisiológico, a oposição aparece nos deslocamentos opostos entre carga e descarga; no processo primário, de funcionamento psíquico na oposição entre prazer e desprazer; no processo secundário, o confronto nos remete à oposição entre representações. Nesse sentido, Luiz Hannis assinala:

conduzem, no sentido mais estrito do termo, de forma conservadora, pois ambas visam ao restabelecimento de um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Assim, tanto o empenho em prosseguir lutando pela vida, como a nostalgia pela morte, devem-se ao próprio brotar da vida. Diremos, então, que a vida consiste ao mesmo tempo em uma luta e um acordo de compromisso entre essas duas pulsões opostas” (FREUD, S., 2007, v.3, pp.49-50). Esse novo dualismo que prefigura pulsões interligadas que se fusionam e se separam também permitirá a Freud elaborar a manifestação da pulsão de morte como pulsão de destruição, tema desenvolvido na obra *Mal-estar na Civilização*.

(...) Freud destaca uma especificidade humana e cultural que altera profundamente o percurso, interfere na síntese e fusão entre pulsões e retroage sobre todo o arco pulsional: as pulsões aderem (*bindensich*, ligam-se, enlaçam-se) a representações e afetos organizados como linguagem, de modo que o conflito pulsional se expressa na dimensão humana como desejos opostos que englobam as camadas anteriores e estão ancorados na história biológica, sendo determinados *não* só por esta, mas também por *significações* (HANNS, 2004, p.140).

Ademais, é fundamental considerar que o conceito de *Trieb* (pulsão) possibilita a Freud relacionar camadas e intensidades em um conjunto complexo e amplo no qual as pulsões se fundem, se enlaçam, retroagem e passam por transformações de natureza, caminhando entre o corpo e a psique, entre o consciente e o inconsciente, manifestando diversos caracteres nos processos psicodinâmicos. Como sustentam inúmeros estudiosos de Freud, é por esses aspectos que não se deve destacar do *Trieb* apenas aspectos biológicos e traduzi-lo por instinto - o que remeteria a forças e objetos predeterminados – pois, o termo alemão permite contemplar tanto o aspecto biológico como humano. Nesse sentido, vale aludir às observações tecidas por Luiz Hanns, acerca da tradução do conceito para o português. Sob a perspectiva do autor, a palavra *pulsão* - em detrimento de *instinto* - contempla a carga de significados e patamares de circulação que Freud almejou atingir com o uso deste conceito, abarcando o biológico, o humano e o psíquico, sentidos irredutíveis das pulsões: “Além de seu significado genérico, é também da pulsão em suas manifestações *específicas*, na clínica, na fisiologia, na psique, na biologia e na cultura, de que trata Freud nos diversos momentos. [...] É da posição de uma psique que se situa entre a biologia e a cultura que Freud irá sempre tratar” (HANNS, 1999, p.42).

Por fim, cumpre notar que as teorias das pulsões desenvolvidas por Freud passaram por sucessivas transformações, mas permaneceram sempre dualistas. Sua última elaboração teórica sobre este conceito foi construída em *Além do princípio de prazer*, de 1920. Neste importantíssimo texto, os dois grandes tipos de pulsões - as de vida e as de morte - são postulados regendo a dinâmica do

organismo. Essa será, doravante, a nossa direção privilegiada.

4 - A repetição: uma pista para a pulsão de morte.

Ainda que tenha somente dado um tratamento teórico ao conceito de repetição no texto de 1914, *Recordar, repetir, elaborar (1914)*, Freud considerou desde o início de seus trabalhos -como podemos verificar em *Comunicação Preliminar*, de 1893 - a correlação entre as ideias de compulsão e repetição, de modo que esta se manifestaria em processos inconscientes e indomáveis, que obrigariam o sujeito a reproduzir vivências, atos e pensamentos de forma dolorosa. As investigações de Freud acerca destes fenômenos repetitivos conduzirão à descoberta de sua origem no campo pulsional e de sua característica conservadora (cf. ROUDINESCO & PLON, 1998, p.670). Com isso, abre-se uma senda de investigação acerca destas ideias, enquanto algo mais intrínseco ao universo do pulsional e que levará Freud ao conceito de pulsão de morte.

No referido trabalho de 1914, o autor discute as mudanças que a técnica psicanalítica sofreu desde seu início. Dentre as inovações, destaca-se o abandono da hipnose e ab-reação em troca do uso da interpretação e reconhecimento das resistências, assim como sua superação e consequente eliminação. Com as inovações na técnica surgem novas manifestações psíquicas, dentre estas, a repetição na qual “(...) o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (FREUD, S., 2010, v.12, pp.199-200).

Nesse sentido, a argumentação tecida no texto evidencia que o paciente se submete à compulsão de repetir, obstaculizando o correto recordar, o qual implicaria a superação das resistências e a elaboração psíquica da experiência patogênica. Entretanto, quanto mais a resistência se fizer presente, mais o correto recordar será dificultado pelo repetir. Freud aponta que as resistências influenciam na determinação do que será repetido; deste modo elas elencam as vivências do passado do paciente que impedem o processo terapêutico. O

paciente sob o influxo da resistência repete: “(...) tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter. Ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento” (FREUD, S., v.12, p.202).

A compulsão à repetição é identificada por Freud quando se manifesta na transferência; porém, a transferência ao se manifestar possibilita um campo de atuação do terapeuta na medida em que este consegue identificar sua origem patogênica e atuar sobre as mesmas:

No entanto, o principal meio de domar a compulsão de repetição do paciente e transformá-la num motivo para a recordação está no manejo da transferência. Tornamos esta compulsão inofensiva, e até mesmo útil, ao reconhecer-lhe o seu direito, ao lhe permitir vigorar num determinado âmbito. Nós a admitimos na transferência, como numa arena em que lhe é facultado se desenvolver em quase completa liberdade, e onde é obrigada a nos apresentar tudo o que, em matéria de instintos patogênicos, se ocultou na vida psíquica do analisando (FREUD, S., 2010, v.12,p.203).

Freud assinala o traço intrínseco da repetição e seu caráter pulsional que ao se manifestar no curso da terapia indicam a presença de forças pulsionais novas e mais profundas, que até então ainda não haviam se manifestado. Desse novo elemento do pulsional veremos como Freud paulatinamente alcança o entendimento da pulsão de morte.

5- A presença inominável: a morte.

Ao nos debruçarmos sobre *Além do Princípio de Prazer* (1920), pretendemos acompanhar a articulação do conceito de pulsão de morte e sua gênese na psicanálise freudiana. Com a concepção da pulsão de morte, Freud rearticula um novo dualismo pulsional, modificando a antiga dualidade baseada nas pulsões sexuais e pulsões do Eu. Vimos que com a introdução do conceito de narcisismo, o primeiro dualismo pulsional fica ameaçado pois, com a instauração desse conceito, o Eu passa a ser investido pela libido sexual colocando em

dúvida a divisão em pulsões do Eu e pulsões sexuais. Ou seja, na medida em que o Eu é objeto de investimento da libido - que é sexual - o dualismo pulsional torna-se passível de equacionamento, o que obriga Freud a acertar contas com o monismo junguiano²⁸.

Como antes mencionado, é em torno do conceito de libido que se encerra uma das principais polêmicas entre Freud e Jung, pois para aquele, como problematizado no início do nosso percurso, postular a libido como energia mental única elide a particularidade do sexual e, conseqüentemente, a base das teses que buscam dar conta do conflito neurótico. Mezan destaca que esse acerto de contas entre Freud e Jung desponta no artigo sobre o narcisismo de 1914, sobre o qual nos detivemos no capítulo anterior:

Freud redigiu este último artigo com especial veemência, polemizando com Jung acerca do mecanismo das psicoses, ao qual a teoria do narcisismo vem responder; e rebate com irritação mal disfarçada a proposta de Jung de reconhecer apenas uma energia mental, da qual a libido seria uma diferenciação posterior (MEZAN, 1982, p.162).

Contudo, manter o dualismo pulsional não significava apenas recusar o monismo do antigo discípulo, mas, principalmente manter um dualismo de energias e intensidades que desse conta e fundamentasse a teoria do conflito psíquico como funcionamento basilar da mente humana. Detenhamo-nos então sobre o texto de 1920 que, nas palavras de Laplanche, “(...) continua sendo o texto mais fascinante e mais desconcertante de toda a obra freudiana. Freud

²⁸-A título de esclarecimento, é importante observar que em 1914, com *A História do Movimento Psicanalítico*, Freud além de apresentar as hipóteses e desenvolvimentos básicos da psicanálise, também acentua a diferença entre a sua “Psicanálise” e a de seus ex-discípulos Adler e Jung que após a dissidência com o mestre nomearão suas teorias respectivamente como “Psicologia Individual” e “Psicologia Analítica” (STRACHEY, 2006, v.XIV, pp. 15-16). Nessa obra, podemos vislumbrar anteriormente a referida recusa de Freud – ver capítulo 1 - em aceder ao monismo junguiano, uma vez que Freud expõe claramente as divergências com seu discípulo. De fato, após a decepção e desenlace entre o “príncipe herdeiro” e seu mestre, as divergências se acentuam, Jung se desembaraça de importantes conceitos psicanalíticos como a sexualidade infantil, a etiologia das neuroses e o complexo de Édipo, além de reformular o conceito de libido, o que se tornara inaceitável para Freud. O que Jung faz com a libido é ampliá-la a ponto de se tornar uma energia mental geral de modo a não possuir mais referência explícita ao sexual (cf. GAY, 1995, p. 216).

nunca se mostrou tão livre, tão audacioso quanto nesse grande afresco metapsicológico, metafísico e metabiológico” (LAPLANCHE, 1985, p.109).

No início do texto de Freud *Além do princípio de prazer*, deparamo-nos com a explicitação do princípio de prazer que, na teoria freudiana do funcionamento mental, indica uma tendência de redução das tensões nos organismos, as quais são sentidas como desagradáveis; o consequente escoamento dessas tensões é um modo de evitar o desprazer ou produzir prazer (FREUD, S.2006, v.2, p.135). Notadamente, Freud entendia que o funcionamento da mente é regulado mediante uma tendência que busca eliminar as tensões do organismo, e, se tal objetivo não é alcançado, busca-se ao menos diminuí-las ao mínimo para sobrevivência do mesmo²⁹:

Em psicanálise, relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa -, de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade (FREUD, S., 2006, v.2, pp.135-136).

A hipótese do domínio do princípio de prazer na vida mental se assenta no princípio de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente no nível mais baixo possível, ou próxima a um nível constante; a essa tendência Freud deu o nome de “princípio de constância”. Decorre daí o trabalho do aparelho mental para manter em quantidades mínimas a excitação que o perpassa, de modo que o aumento dessa quantidade seja sentido como impróprio para o seu funcionamento e o escoamento energético seja vivenciado como alívio ou prazer.

Portanto, o aparelho psíquico, quando regido pelo princípio de

²⁹- A abordagem de Freud neste trabalho metapsicológico será predominantemente do ponto de vista *econômico*. O autor mesmo sinaliza nesse sentido: “Lembremos ao leitor que, ao abordarmos os processos psíquicos levando em conta seu desencadeamento, bem como os acúmulos e diminuição de tensão, estamos introduzindo em nosso trabalho um ponto de vista econômico. Uma descrição que, ao lado dos fatores tóxico e dinâmico procure levar ainda em conta esse fator econômico é a mais completa que podemos conceber no momento, e enfatizamos sua relevância denominando-a metapsicológica” (FREUD, S., 2006, v. 2, p. 135).

constância, toma por função primordial o livre escoamento de energia (que é no fundo pulsional), próprio dos processos psíquicos primários (por exemplo, os sonhos), permitindo assim a ocorrência dos processos psíquicos secundários, em que a energia está ligada (como ocorre, por exemplo, nos processos de pensamento)³⁰. Freud acentua que nada seria mais falso do que pressupor a total hegemonia do princípio de prazer no funcionamento dos processos mentais, pois:

Por outro lado, em rigor, seria incorreto falar de um domínio do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Se esse domínio existisse, a imensa maioria de nossos processos psíquicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir-nos ao prazer; entretanto, a experiência mais comum está em flagrante contradição com essa conclusão. Portanto, somos obrigados a admitir que existe na psique uma forte tendência ao princípio de prazer, mas que certas forças ou circunstâncias se opõem a essa tendência, de modo que o resultado final nem sempre poderá corresponder à tendência ao prazer (FREUD, S., 2006, v.2, p.137).

O autor considera que o princípio de prazer é uma tendência, ou seja, algo que pode ou não atingir seu objetivo dependendo das condições de sua execução. Existem circunstâncias em que o princípio de prazer deve se sujeitar, para sua própria efetivação, ao princípio de realidade. Porém, este princípio não renuncia ao objetivo de alcançar o prazer; na verdade, ante as forças que se lhe opõem, ele apenas o envereda por um périplo que leva ao adiamento da satisfação instantânea e à concomitante abdicção das possibilidades de

³⁰- Quanto aos dois modos de funcionamento do aparelho psíquico, tais como foram definidos por Freud, podemos distingui-los radicalmente: a) do ponto de vista tópico: o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente – consciente; b) do ponto de vista econômico-dinâmico: no caso do processo primário, a energia psíquica escoar-se livremente, passando sem barreiras de uma representação para outra segundo mecanismos de deslocamento e de condensação; tende a reinvestir plenamente as reações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva). No caso do processo secundário, a energia começa por estar “ligada” antes de se escoar de forma controlada; as representações são investidas de uma maneira mais estável, a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação. A oposição entre processo primário e processo secundário é correlativa da oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.475).

efetivação por um caminho mais curto, impondo até mesmo uma aceitação temporária do desprazer. Como observa Monzani, nada mais alheio ao registro freudiano do que uma concepção hedonista do prazer que tanto atribuem ao seu pensamento. Inversamente, a temática da morte perpassa toda a concepção freudiana do desejo, manifestando-se na busca pela extinção e satisfação do mesmo; sob essa perspectiva, torna-se lícito supor que via de regra não buscamos o prazer, mas fugimos do desprazer. Esse seria, segundo o comentador, o grande *motor* que move e impulsiona o aparelho psíquico (*cf.* Monzani, 1989, p.190).

Considerando-se que o princípio de prazer relaciona-se a um modo de funcionamento do aparelho psíquico denominado primário, ele se torna ineficaz e perigoso diante da necessidade do organismo fixar-se ao ambiente e relacionar-se com o mundo externo. Deste modo, as pulsões de autoconservação do Eu obtêm a seu favor o fato de que, com o passar do tempo, o princípio de realidade prevalece sobre o princípio de prazer. Notadamente, o primeiro visa obedecer aos ditames do real, ainda que não imponha nenhum obstáculo insuperável ao segundo, representando, antes, uma prorrogação da sua efetivação.

Explicitadas as bases dos modos de funcionamento da vida mental, o que interessa ao pai da psicanálise é expor e investigar a razão de ser de certos fenômenos que não se encaixam nos domínios do princípio de prazer e também não estão subsumidos ao princípio de realidade. Os fatos descritos por Freud que parecem não obedecer à consecução do prazer são as neuroses traumáticas acompanhadas de sonhos angustiantes e repetitivos, as peculiaridades dos jogos infantis, e o fenômeno da transferência durante a análise dos pacientes neuróticos. É a partir do solo destes fatos que Freud, aos poucos, levanta a hipótese da repetição; a repetição, como veremos adiante, abre a senda para inferir uma nova característica do universo pulsional.

Dentre os casos elencados, Freud relata o caso da brincadeira infantil a partir da observação de uma criança que apresenta o costume de lançar objetos para longe e posteriormente recolhê-los. A brincadeira relaciona-se com a encenação da partida e retorno da mãe do pequeno, ela representa “(...) uma grande aquisição cultural dessa criança: a renúncia pulsional que ela conseguiu

efetuar (renúncia à satisfação pulsional), por permitir a partida da mãe sem manifestar oposição” (FREUD, S., 2006, v.2, p.142). Decerto, o que interessa ao investigador nesse episódio é a necessidade de ajustar o princípio de prazer com a observação da criança que repete, no seu brincar, uma experiência de dor, ou seja, a partida da mãe. Assim, com essa ação da criança entra em cena a reprodução de experiências cuja repetição podem não estar em consonância com o princípio do prazer.

Outra experiência à qual Freud se atém consiste na repetição compulsiva, detectada no decorrer do tratamento analítico:

O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado (FREUD, S., 2006, v.2, pp 145-146).

Freud refere-se às experiências com conteúdo afetivo doloroso, vividas na infância e relacionadas à situação edipiana. Em geral essas experiências foram recalçadas para o inconsciente permanecendo em estado de latência. Mediante o processo analítico, tais acontecimentos são compulsivamente repetidos, o que finda por obstaculizar o desenvolvimento da análise e da cura, uma vez que a repetição impede a elaboração da lembrança ao atuar como artifício de resistência e defesa. No processo de análise, nas situações em que o paciente neurótico apresenta o fenômeno da repetição, o material reprimido repete-se como se fosse algo contemporâneo, e não enquanto uma vivência passada³¹.

³¹-Esse fenômeno ocorre devido ao processo de transferência. Este conceito já aparece nos *Estudos sobre Histeria (1893-1895)*, mas é amadurecido por Freud 1900 e 1910. De acordo com Laplanche & Pontalis (1988, pp. 668-669), a transferência “Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se actualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de actualidade acentuada. [...] A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se joga a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este”. Se nos reportarmos às *Cinco Lições*

Freud considera que esse fenômeno possa ser um índice de algo a mais no funcionamento mental, pois o quadro que se desenha revela a repetição em oposição ao princípio de prazer, ou seja, temos uma recorrência da dor que é inconciliável com este. Nos termos do autor:

Ao levarmos em conta essas observações a respeito da transferência e a fatalidade presente no destino de tantos seres humanos, vemo-nos encorajados a assumir a hipótese de que realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer. Estaremos também inclinados a relacionar essa compulsão aos sonhos que ocorrem na neurose traumática, bem como ao impulso da criança para a brincadeira (FREUD, S., 2006, v.2, p.148).

Ademais, Freud sugere que a compulsão à repetição encontrada nos neuróticos aparece na vida das pessoas que jamais apresentaram indícios de conflitos psíquicos sob a forma da *neurose de destino*³². Estes sujeitos parecem submetidos sempre às mesmas fatalidades e aos mesmos desenlaces nas ocorrências de suas vivências em um constante retorno do mesmo:

Os mesmos fenômenos de transferência que a psicanálise revela nos neuróticos podem ser encontrados também na

de Psicanálise, Freud na quinta lição enfatiza a importância deste processo no curso da análise: “Não lhes falei até agora sobre a experiência mais importante, que vem confirmar nossa suposição acerca das forças pulsionais sexuais da neurose. Todas as vezes que tratamos psicanaliticamente um paciente neurótico, surge nele o estranho fenômeno chamado ‘transferência’, isto é, o doente consagra ao médico uma série de sentimentos afetuosos, mesclados muitas vezes de hostilidade, não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas inconscientes. Aquele trecho da vida sentimental cuja lembrança já não pode evocar, o paciente torna a vivê-lo nas relações com o médico; e só por este ressurgimento na ‘transferência’ é que o doente se convence da existência e do poder desses sentimentos sexuais inconscientes. Os sintomas, para usar uma comparação química, são os precipitados de anteriores eventos amorosos (no mais amplo sentido) que só na elevada temperatura da transferência podem dissolver-se e transformar-se em produtos psíquicos. O médico desempenha nesta reação, conforme a excelente expressão de Ferenczi (1909), o papel de fermento catalítico que atrai para si temporariamente a energia afetiva aos poucos libertada durante o processo”(FREUD, S.,2006, v.XI, p.61).

³² -“Designa uma forma de existência caracterizada pelo retorno periódico de encadeamentos idênticos de acontecimentos, geralmente infelizes, encadeamento a que o indivíduo parece estar submetido como a uma fatalidade exterior, quando, segundo a psicanálise, convém procurar as suas causas no inconsciente, e especificamente na compulsão à repetição” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.389).

vida dos não-neuróticos. Muitas pessoas nos passam a impressão de estarem sendo, por assim dizer, perseguidas por um destino maligno, isto é, de haver algo de demoníaco em suas vidas. Desde o início a psicanálise considerou que esse destino fatal era quase que inteiramente preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces (FREUD, S., 2006, v.2, p. 145).

Desta maneira, a repetição se torna algo problemático na medida em que ela não remete a experiências agradáveis, ou seja, trata-se de repetir algo que nada tem a ver com o princípio de prazer. Para sermos mais claros, Freud sustenta que, nesse processo, o Eu é o agente que resiste, ele resiste à emergência da experiência dolorosa uma vez que esta lhe causaria desprazer. Não obstante, se o paciente manifesta a repetição mesmo com as resistências, esse repetir está numa função contrária à do princípio do prazer. Sendo que a resistência ao material reprimido, surgida durante o tratamento, origina-se do Eu, deve-se concluir que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente e não ao Eu, pois: “Não há dúvida de que a resistência consciente e pré-consciente do Eu esteja a serviço do princípio de prazer, pois ela procura evitar o desprazer que seria provocado pela liberação do recalado” (FREUD, S. 2006, v. 2, p.145).

Certamente, nenhum desses casos apreendidos separadamente autoriza Freud a concluir da existência de um funcionamento psíquico contrário ao princípio de prazer, aspecto que ele ressalta claramente, aliás. Contudo, as experiências acima mencionadas parecem sugerir que existe na mente humana uma compulsão à repetição, cuja natureza independe do domínio do prazer. Nessa direção, L. R. Monzani ressalta que, tomada isoladamente, cada experiência específica não autoriza de fato nenhuma conclusão; entretanto, ao serem tomadas numa série – ou seja, uma série composta pelas neuroses traumáticas, pelos jogos infantis e pelo fenômeno da transferência nos pacientes neuróticos - elas adquirem valor confirmativo: “É só o encadeamento numa série, repetimos, que pode nos indicar essa 'outra coisa” (MONZANI, 1989, p.156). O caminho em torno da série indica a possibilidade de se assumir a hipótese de um

além do princípio de prazer. O comentador aponta ainda que “O percurso, aparentemente estéril, atinge um resultado fundamental, já que implica assumir a hipótese, indicada pela série, de que existe algo, um domínio, onde o princípio do prazer não exerce seus direitos. Esse algo é um resíduo inexplicável que persiste nessa série” (MONZANI, 1989, p.156). Isto significa que ao tomarmos as neuroses traumáticas, as brincadeiras infantis e seus jogos, mais a insistência dos neuróticos em repetir situações dolorosas, conjuntamente esses casos entram em relação e apontam para uma atividade que não busca diretamente o prazer. Durante a análise, essas experiências dolorosas são repetidas continuamente sob a pressão de uma compulsão e também - como apontamos acima -na vida de pessoas que parecem submetidas sempre às mesmas fatalidades e aos mesmos desenlaces no decorrer de suas vivências.

Ora, tendo chegado até aqui, parece-nos que Freud basicamente nos mostrou que existem indícios que apontariam para a existência de um funcionamento mental que não obedece aos ditames do princípio de prazer. Entretanto, o autor ratifica que as situações até aqui elencadas não são ainda suficientes para afirmar insuspeitadamente a hipótese de uma compulsão à repetição. Por conseguinte, o movimento argumentativo de Freud leva-o a analisar a neurose traumática como o único dos fenômenos estudados que oferece certa garantia para justificar a hipótese da compulsão à repetição: “E penso que o caso menos duvidoso de todos é talvez o dos sonhos traumáticos (...)” (FREUD, S. 2006, v.2, p.148). Seus argumentos sustentam que os pacientes tomados por esse tipo de neurose manifestam sonhos que podem ser entendidos como frutos de uma propensão originária e independente do princípio do prazer; obedeceriam a uma compulsão à repetição, presente na recorrência dos sonhos dolorosos e desagradáveis dos neuróticos.

O movimento do texto procura, então, desvelar como realmente opera essa compulsão à repetição e qual sua relação com o princípio de prazer. Isto porque postular a existência da compulsão de repetição leva a investigar a finalidade a que esse fenômeno obedece: “Esta nos parece ser mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta”

(FREUD, S., 2006, v.2, p.148). E, vale ratificar, essa relação passará a ser investigada a partir das neuroses traumáticas e a partir da análise do modo pelo qual o aparelho psíquico reage diante da invasão de excitações intensas.

É importante notar que o texto sobre a qual ora nos detemos é considerado por muitos como o mais especulativo de Freud. Ou seja, até agora nos detivemos nos capítulos iniciais do texto *Além do princípio de prazer*, de modo que estávamos no campo seguro dos casos clínicos, contudo ao acompanharmos o desenvolvimento das etapas desse trabalho, seremos conduzidos ao campo da especulação biológica e – porque não? – filosófica, se temos em vista o texto na sua totalidade.³³ Acompanhem, pois, com mais vagar as teses freudianas.

Freud inicia fixando a hipótese de uma forma de vida primeira, uma vesícula viva, forma elementar de vida, e organização originária do aparelho psíquico que se guiaria por uma evolução gradual em direção às formas mais complexas. Esse organismo, diante de necessidades adaptativas, teria desenvolvido um sistema percepção/consciência localizado na superfície do aparelho psíquico que serve para seguir as exigências dos estímulos e excitações provenientes do mundo externo ou das demandas internas do organismo. Esse modelo hipotético – e *fantástico* –³⁴ de um organismo vivo estrutura-se de modo a atender a necessidade de constituir um sistema de defesas; os recursos de “para-excitações” servirão para amainar os estímulos externos que atingem o organismo. O autor:

³³ - Nesse sentido, é interessante aludir, como o fazem com a mais profundidade vários pesquisadores da obra freudiana, a recepção da comunidade psicanalítica à pulsão de morte. Monzani (1989, pp. 147-149) aponta a reação negativa e as várias críticas que o conceito recebeu, as quais enfatizavam desde a inutilidade do mesmo na prática clínica até sua fundamentação teórica; afora o estatuto especulativo que para muitos tomou o caráter filosófico, cosmológico e metafísico. Mezan (2006, p.258) também diz que vários autores não consideram legítimas as etapas do raciocínio de Freud que o conduziram a pulsão de morte.

³⁴ - “A partir desse momento ouvimos uma história, a da vesícula indiferenciada que é estimulada inicialmente por fora e, logo depois, também por dentro. Nessa gênese, um tanto quanto fantástica, duas coisas interessam a Freud: 1) mostrar como geneticamente é possível pensar a formação e a constituição de uma organização que sobreviva e se estruture corretamente e como, o que é fundamental, essa gênese biológica, é um modelo para pensar a genealogia e a constituição do aparelho psíquico” (MONZANI, 1989, 159).

Contudo, ainda restam mais algumas considerações a fazer sobre a vesícula viva e sua camada cortical receptora de estímulos. Esse fragmento de vesícula viva flutua em meio a um mundo exterior que está carregado de energias de grande intensidade e, se não possuísse um escudo protetor contra estímulos, não tardaria a ser aniquilado pela ação dos estímulos. O escudo protetor se forma quando a superfície mais externa da vesícula viva perde a estrutura característica da matéria viva, isto é, quando, até certo ponto, ela se torna inorgânica e passa a funcionar como um envoltório especial ou como uma membrana destinada a amortecer os estímulos (FREUD, S., 2006, v.2, p.151).

Todavia, esse mesmo organismo não possui um escudo protetor que o proteja das intensidades somáticas oriundas do seu interior. Nestes casos “(...) a situação é diversa, pois uma proteção contra estímulos internos é impossível, já que as excitações oriundas das camadas ainda mais profundas se transmitem diretamente a esse sistema, sem sofrer nenhuma redução” (FREUD, S., 2006, v.2, p.153). Daí decorre que o afluxo para o interior do aparelho psíquico destes estímulos endógenos possui grande importância econômica, uma vez que motivam desequilíbrios quantitativos que apresentam similaridades com a etiologia das neuroses traumáticas.

Acontece que certa quantidade de estímulos externos pode ser suficientemente forte para romper a barreira operadora da vesícula, o que se denominará como *trauma*. Com isso, surge a necessidade de controlar o excesso de energia que invadiu o organismo; tal invasão de energia em estado livre leva a uma necessidade de controlar e ligar a mesma. Notemos que a ligação constitui justamente o modo pelo qual o aparelho psíquico busca restringir o livre escoamento das excitações ligando as representações e constituindo formas vinculadas e estáveis; esse processo busca elaborar a energia para posteriormente direcioná-las para os caminhos de investimentos possíveis. Mediante a ação de ligá-la e posteriormente evacuá-la, tenta-se obter alívio da tensão acumulada.

A partir da hipótese da vesícula viva, Freud concebe a gênese e a constituição de uma organização estruturada, que, em última instância, pode ser concebida como uma genealogia do aparelho psíquico (MONZANI, 1989, p.158). Como enfatizamos acima, essa vesícula se constitui construindo um eficiente

sistema de defesas; trata-se das “para-excitações” que possuem a função de amenizar ao máximo os estímulos oriundos do exterior. Conseqüentemente, a investigação de Freud se orienta para a análise da situação desse aparelho submetido aos estímulos endógenos, uma vez que neste caso o escudo protetor não existe. Monzani pondera acerca da importância desta passagem:

Trata-se, agora, portanto, de pensar, como o traumatismo pode violar essas situações de bom equilíbrio, e com isso, em estado de “pane”, fazer com que suas leis regulares e habituais sejam, por consequência, também colocadas em questão, ou melhor, entre parênteses. (MONZANI, 1989, p.159).

Freud descreve como traumáticas essas excitações oriundas do exterior e nota que elas são fortes o suficiente para atravessar o escudo protetor. Decerto, ante a iminência de um abalo o organismo toma as medidas defensivas:

Não há dúvida de que um acontecimento como o trauma exterior provoca uma grande perturbação na economia energética do organismo, além de acionar todos os mecanismos de defesa, e o princípio de prazer é, logo de início, colocado fora de ação. Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundam o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o psicologicamente para poder processá-lo. (FREUD, S., 2006, v.2, p.154).

Há, no texto *Além do princípio de prazer* um sistema de analogias em jogo, o qual permite a Freud inferir funcionamentos básicos do aparelho psíquico usando como modelo primeiro a hipótese da vesícula viva. Apontamos acima como esta inicialmente se constitui em um importante sistema de defesas contra a invasão de intensidades: “De qualquer modo, com essa hipótese especulativa conseguimos articular uma relação entre a origem da consciência e a localização do sistema *Csc.* e as peculiaridades no processo de excitação que ocorre nesse sistema” (FREUD, S., 2006, v.2, p.151). Essas peculiaridades no processo de excitação presentes na vesícula viva e no aparelho psíquico são modos de funcionamento básicos tais como o sistema de defesas contra intensidades que

possuem a função de ligação e o escoamento das mesmas. Nesse sentido, é elucidativa a descrição freudiana desse organismo já desenvolvido:

Nos organismos mais desenvolvidos, a camada receptora cortical da antiga vesícula recolheu-se, há muito tempo, para as profundezas do corpo, mas algumas partes receptoras permaneceram na superfície logo abaixo do escudo protetor geral. São os órgãos dos sentidos, providos basicamente de dispositivos para captar estímulos específicos, mas também dotados de mecanismos especiais para proteger mais uma vez o organismo contra quantidades excessivas de estímulo, bem como para deter tipos inapropriados de estímulos (FREUD, S., 2006, v.2, p. 152).

Freud argumenta que nos casos das neuroses traumáticas é um sistema de defesas do aparelho psíquico já desenvolvido similar ao da vesícula viva que entra em ação para aplacar a invasão de intensidades. A neurose traumática surge mediante a ocorrência concomitante de um dano somático e um dano psíquico, quando o sujeito é submetido a uma vivência de susto e pavor. Essa situação de pavor, na qual o sujeito é avassalado ao se deparar com um evento perigoso, para o qual não está preparado, é tomada por Freud como característica determinante da neurose traumática. Nesses casos, o indivíduo não consegue administrar devidamente o afluxo excessivo de excitação, o qual não é equacionado nem por uma descarga adequada, nem através de uma elaboração psíquica. Impossibilitado de efetivar uma ligação, instaura-se um processo de repetição compulsiva, notadamente sob a forma de sonhos, a qual traduz a tentativa de controlar a situação traumática, com o propósito de ligar e de escoar a energia excedente.

Especificamente, embora não ocorra somente sob efeito do traumatismo físico, a neurose traumática é acompanhada de uma grave comoção, provocando a liberação de libido sexual. Essa libido, não sendo escoada por um canal adequado, se “desestrutura” e se transforma em angústia: “(...) essa angústia é a invasão pulsional na forma de um puro afeto, uma pura soma de excitação sem ligação que aparece como problemática para o aparelho psíquico no caso dos acidentes graves sem lesão física” (MONZANI, 1989, p.172). Neste caso, não é o

dano físico que é traumático, mas sim a energia pulsional interna, que torna-se traumática *para o aparelho psíquico*. Quando ocorrido o acidente, o que reaparece nos sonhos dos sujeitos atingidos por esse tipo de neurose tem a função tardia de ligar essa energia excedente, a qual se manifesta pela representação do evento acidental.

Freud trabalha com a hipótese da existência de mecanismos que mobilizam as energias psíquicas para exercer um contra-investimento que limite a energia invasora, sendo que esses mecanismos são mobilizados no caso da dor e nos casos do traumatismo. Traumatismo e dor são concebidos por Freud como semelhantes, visto que constituem rupturas na proteção anti-estímulo dos organismos, porém se diferenciam na medida em que o trauma se apresenta como uma ruptura decorrente de um afluxo interno e a dor pelo rompimento em um ponto específico da proteção anti-estímulo. O texto vem ao nosso encontro:

De todos os lados é convocada a energia de investimento para que a área afetada receba uma carga de energia com uma intensidade equivalente à da invasão. Produz-se, assim, um “contra-investimento” de grande envergadura à custa do empobrecimento de todos os outros sistemas psíquicos, que sofrem uma extensa paralisia, ou à custa de uma forte redução de qualquer outra função psíquica (FREUD, S., 2006, v.3, p.154).

O importante nesse decurso é que o princípio de prazer é posto em suspenso. Isso porque sua função é descarregar energia, mas agora a exigência posta ao aparelho é outra, a saber, vincular essa energia para que se transforme de energia livre em energia ligada. Decerto, diante de um incremento de energia acima dos limites do aparelho, seu empenho afasta-se de outras funções e empenha-se em vincular e mobilizar o acúmulo energético. Nas palavras do autor:

Quanto mais alta for a própria carga de investimento disponível em estado de repouso, tanto maior será também sua capacidade e força para capturar; e, inversamente, quanto mais baixo for seu estoque de carga de investimento em repouso, menor capacidade terá o sistema de receber os novos afluxos de energia e tanto mais desastrosas serão as consequências de um eventual

rompimento do escudo protetor (FREUD, S., 2006, v.3, p.154).

Sob a perspectiva freudiana, pois, a neurose traumática se originaria numa grande ruptura ocasionada no escudo protetor contra os estímulos. Isto porque a intensidade do trauma liberaria uma quantidade de excitação sexual que, aliada à falta de preparação para angústia, daria origem a um efeito traumático. Nesse sentido, é lícito considerar que a neurose traumática é acompanhada por uma invasão energética de origem interna, o que obriga o aparelho psíquico a trabalhar e dominar esse afluxo de energia. Se ele não o fizer no momento em que ocorre o trauma, ele se empenhará em realizar essa função de maneira retrospectiva, mediante a repetição da lembrança quase alucinatória do evento, ou pela repetição dos sonhos.

Monzani aponta essa relação estabelecida por Freud entre o trauma físico e o psíquico:

Se nas neuroses traumáticas a condição para a liberação energética é um choque grave sem lesões físicas graves, essa não é a única condição para que isso aconteça. Há, de fato, na estrutura das relações soma/psique uma situação particular que torna o aparelho psíquico muito mais vulnerável ao afluxo energético provindo desse “território estrangeiro interno” do que com relação aos estímulos externos e, sendo assim, podem ocasionar situações similares àquelas que são produzidas nas neuroses traumáticas (MONZANI, 1989, p.175).

Vemos assim que no território estrangeiro e interno da psique, para ficarmos nos termos do comentador, é possível a ocorrência de situações parecidas àquelas ocasionadas nas neuroses traumáticas derivadas de eventos externos, o que força o aparelho mental a trabalhar essa energia. Acontece que em relação às excitações provindas do interior não existe uma camada cortical para proteger o organismo; as fontes dessa excitação interna são as pulsões do organismo, forças originadas no interior do corpo e transmitidas ao aparelho mental. Esses impulsos surgidos das pulsões pertencem aos processos livremente móveis que pressionam no sentido da descarga, visto que a pulsão é uma energia

em estado livre:

Talvez não seja muito ousado darmos agora mais um passo e supormos que os impulsos provenientes das pulsões não passam pelo tipo de processo nervoso que trabalha com energia fixada e presa, mas, ao contrário, que entram nos processos que operam com energia livre e móvel (FREUD, S., 2006, v.2, p.158).

Já destacamos que Freud descreve os processos encontrados no inconsciente como processo psíquico “primário” e processo “secundário”. Em sua análise, o autor identifica o primeiro deles com a energia livremente móvel, e o processo secundário, com alterações em sua energia ligada ou tônica. Assim, o processo primário refere-se à circulação livre desta energia, enquanto o processo secundário possui por objetivo ligá-la e orientá-la para finalidades advindas do Eu. Consequentemente, a tarefa da parte mais elevada do aparelho mental é aplacar a excitação pulsional que atinge o processo primário; uma falha nesta tarefa provocaria algo análogo a uma neurose traumática. Ou seja, uma vez instalada a situação traumática pelo excesso de excitação pulsional, somente após o domínio destas pelo processo secundário é que seria possível a efetivação e o predomínio do princípio de prazer. Em, *Além do Princípio de Prazer*, o autor observa: “Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar ou enlaçar a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio de prazer, mas operando independentemente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração” (FREUD, S., 2006, v.2, p.158-159).

Em suma, o que se alcançou com a análise desses mecanismos é outro modo de trabalho mental que se efetiva quando o princípio de prazer é temporariamente posto fora de ação; temos então um mecanismo que realiza um trabalho de bloqueio e fixação de energia. Sigamos ainda a análise de Monzani:

Mais uma vez, portanto, chegamos a uma atividade que, seguramente, está “além do princípio do prazer”. Atividade originária, primordial, que é a atividade de vinculação, de ligação (Bindung) da excitação invasora que se manifesta como energia livremente móvel, para posteriormente ser possível, por exemplo, descarregá-la

adequadamente. O que está “além do princípio do prazer” é, portanto, a *Bindung* (Monzani, 1989 p.179).

Logo, ante uma invasão energética, o aparelho se mobiliza integralmente na tentativa de ligar e imobilizar essa energia para, em seguida, conseguir realizar outras funções. Essa ligação da energia livre é necessária como ato preparatório que antecede a efetivação do princípio de prazer, ou seja, o princípio de prazer não se realiza enquanto o aparelho psíquico não fixou e ligou a energia que o acometeu. Destarte, acompanhando os argumentos do autor em *Além do princípio de prazer*, vemos o modo pelo qual Freud elucidou-nos a respeito de uma atividade do aparelho psíquico que, mesmo não sendo contrária ao princípio do prazer, caracteriza-se, contudo, por ser anterior e independente dele, de modo que se revela como uma função que está *além do princípio de prazer*. Para que o princípio de prazer possa dominar as atividades mentais, é necessário o domínio antecipado deste montante de energia. Esse controle é adquirido através da repetição. O importante é atentarmos para o fato de que a repetição, uma vez que se trata de uma repetição da dor, encontra-se numa relação de anterioridade e independência para com o princípio de prazer, mesmo que tangencialmente contribua para a efetivação e domínio deste.

Não obstante, notemos que mesmo que a repetição se coloque a serviço do princípio de prazer, o importante para Freud é sua independência em relação a ele, bem como sua anterioridade. É essa função prévia do aparelho psíquico, de ligação de energia livre, que mostra a relação entre a repetição e a pulsão como algo intrínseco a ambas. Uma vez que a pulsão se manifesta como busca de satisfação e de descarga de energia, ela na verdade procura atingir o momento anterior ao aparecimento desta elevação de tensão. Vemos, pois, que a repetição é incompatível com a obtenção de prazer; ela é autônoma e de grande intensidade. Será a partir dela, enfim, que Freud chegará à pulsão de morte.

A compulsão à repetição é concebida como um atributo essencial da pulsão, ela revela uma força que a pressiona constantemente e insistentemente. Deste modo, Freud delineia que o pulsional por excelência é essa força disruptiva, força *demoníaca* que busca a descarga total das tensões, evacuação esta que se

manifesta com a pulsão de morte. Sob esse prisma, o conceito de compulsão à repetição permite explicar os fenômenos observados nas brincadeiras infantis e nas psicopatologias, ao mesmo tempo em que indica a presença, no aparelho psíquico, de uma força mais primitiva e elementar, reveladora de um modo de funcionamento da mente anterior ao princípio de prazer. Sua função é ligar a excitação que atinge o aparelho psíquico, impondo-se como condição para que o princípio do prazer torne-se o princípio dominante. Daí deriva que “Ao refletir sobre a relação existente entre a compulsão à repetição e a atividade pulsional Freud chega ao conceito de pulsão de morte” (SIMANKE & CAROPRESO, 2011, p. 180). As investigações de Freud que conduzirão a esse polêmico conceito efetuam-se via o fenômeno da repetição e da relação deste evento com as pulsões. Freud, em *Além do princípio de prazer* diz:

Nessa altura, talvez estejamos na pista certa para encontrar uma característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral- a qual creio que até hoje ainda não foi claramente reconhecida ou pelo menos não devidamente destacada. Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente interna ao organismo vivo que visa restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferimos, da manifestação da inércia na vida orgânica (FREUD, S., 2006, v.2, p.160).

Sendo assim, no inconsciente, essa energia surge em estado livre, não-ligado tentando pressionar e atingir uma finalidade. Como as pulsões possuem as características de ser um estado livre e selvagem da energia, próprio de sua natureza (*cf.* MONZANI, 1989, p.185), aos extratos superiores cabe domesticar essa energia e ligá-la. Se a ligação se apresenta como algo que antecede o princípio do prazer sem contudo contradizê-lo, a questão principal que mobiliza o autor reside na falha da ligação, na medida em que esse processo malogra em seus propósitos. Logo, é nesse vazio da ligação, nesse hiato, que surge a compulsão à repetição.

Portanto, a repetição é um atributo do inconsciente. Consequentemente, se um conteúdo representativo é subsumido pela forma de compulsão à repetição,

o representante pulsional ao qual ele se liga é ele mesmo repetitivo, e pode se constituir com a repetição de uma cena originária ou traumática. Temos então que a pulsão é por sua natureza repetitiva, podendo ser repetição de indefinidas renovações, visando alcançar um estado original. É esta nova característica das pulsões que Freud pretende perseguir até sua conclusão lógica; esta nova hipótese propõe que as pulsões buscam a restauração de um estado de coisas anterior.

A relação entre a pulsão de morte e a repetição mostra uma característica até então desconhecida das pulsões e – como afirma Freud – de toda vida orgânica; ela atesta uma característica regressiva que anseia um retorno a um estado de não vida. Freud supõe que as pulsões são intrinsecamente conservadoras, e são regressivas porque almejam o estabelecimento de um estado primeiro que precede o orgânico. Há em todo ser vivo o desejo de retornar ao estado do inorgânico que o precedeu, uma busca pela morte que está inscrita em seu próprio interior, repetir é a busca por alcançar um estado originário. Atendemos ao texto de Mezan (1982), podemos acompanhar como Freud deduz a pulsão de morte a partir da repetição:

A regressão, forma exterior da repetição, acaba por conduzir o ser vivo à condição inorgânica de que partiu, ou seja, a morte repete o estado anterior ao nascimento. Daí a inferir a pulsão de morte como inerente a toda matéria viva não é mais que um passo, e Freud o dá mediante a consideração de que, se todo organismo morre necessariamente por causas internas, a morte deve ser uma possibilidade inscrita na própria trama da existência, de forma que o clamor da vida se dirige inexoravelmente para a paz dos cemitérios (MEZAN, 1982, p.260).

Nessa senda, a tendência à repetição é caracteristicamente uma pulsão, não podendo ser apreendida de outra maneira. Logo, Freud toma a pulsão de morte como um princípio transcendental. Aspecto que Mezan enfatiza³⁵: “O

³⁵ - Mezan argumenta que embora Freud possuísse aversão pelo kantismo “(...) o termo transcendental está sendo empregado por nós em sua acepção kantiana, isto é, como condição *a priori* de possibilidade e de limites de um fenômeno” (MEZAN, 2006, p.258).

caráter transcendental da pulsão de morte fica assim confirmado, uma vez que nenhum sistema específico tem a seu cargo a efetivação desta finalidade pulsional: trata-se do fundamento dos outros fenômenos, não de mais um entre eles” (MEZAN, 1982, p.262).

É necessariamente este aspecto da repetição o importante para Freud. Trata-se de uma força inferível apenas teoricamente e que sinaliza o aspecto conservador das pulsões; aspecto que as torna autônomas e anteriores ao princípio do prazer, independentes dele, pois. O que se desvela com a conceituação da pulsão de morte é um atributo específico que define a pulsão essencialmente pelo seu caráter regressivo; com isto, os fenômenos da repetição constituem o alicerce que autorizam Freud a estabelecer um *além do princípio de prazer*.

Atingimos desse modo uma caracterização mais específica das pulsões de morte. Elas seriam adquiridas historicamente e possuem essa tendência para atingir um estado anterior. Ou seja, postula-se que esse estado deve ser antigo, inicial, estado do qual a entidade viva se afastou e ao qual agora tenta retornar. Podemos concluir, como o faz Freud, que esse estado inicial é o inorgânico – uma vez que ele precede o orgânico – e que esse retorno ao inanimado é o objetivo de toda vida, ou seja, a morte.

Portanto, os fenômenos da vida devem ser atribuídos a causas perturbadoras e desviantes, externas, que agiram no sentido de perturbar o estado gélido e inorgânico da matéria, dando origem à vida. Nesse sentido, esses organismos vivos tenderiam a atingir seu estado antigo, de não-vida:

Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões internas, então podemos dizer que: *O objetivo de toda vida é a morte*, e remontando ao passado: *O inanimado já existe antes do vivo* (FREUD, S., 2006, v.2, p.161).

A tendência à evacuação de energia pode ser compreendida como tentativa de retorno ao inorgânico, uma vez que a pulsão possui uma finalidade que se manifesta como satisfação, ou seja, a diminuição de quantidades de

energia que a atravessam, de sorte que o movimento pulsional almeja um estado anterior ao aparecimento deste estado de tensão. Numa palavra: o objetivo das pulsões é o de alcançar um estado de inexcitabilidade total; para tanto elas procuram um escoamento que cause uma vazão total de energia, conseguindo com isso a morte. Obviamente as coisas agora passam a tomar outros sentidos, pois o princípio de prazer, antes guardião da vida parece estar a serviço da pulsão de morte. Freud esclarece:

Nesse sentido um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante da vida psíquica, ou talvez da vida nervosa em geral, seja, tal como o expressa o princípio de prazer, o anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos (o princípio de Nirvana, segundo expressão de Barbara Low) (FREUD, S., 2006, v.2, p.179).

Monzani aponta que o trabalho de ligação se efetiva permitindo o estabelecimento do domínio do princípio do prazer como prazer comedido; a ligação demonstra a função de suprimir o acúmulo de tensão e iniciar um estado de relativo esvaziamento, com o predomínio do princípio de constância. No entanto, o comentador observa que, “(...) se acompanharmos esse vetor de prazer até sua última instância, um significado mais profundo emerge: a de uma função mais radical, o zero, a inércia, a evacuação total” (MONZANI, 1989, p.211).

Deste modo, uma última tarefa de esclarecimento se faz necessária para Freud: no último capítulo de *Além do princípio de prazer*, o autor busca explicar a relação entre compulsão à repetição e o princípio do prazer. Princípio do prazer é – como desenvolvido anteriormente – uma tendência instaurada em benefício da mais originária das funções do aparelho psíquico, que consiste em descarregar as excitações que perturbam o aparelho; trata-se de conservar a quantidade de excitação constante ou mantê-la tão baixa quanto possível. Para esclarecer essa relação, Freud mobiliza uma importante distinção entre função e tendência, de modo que o princípio do prazer configure-se como uma tendência que opera a serviço de uma função. Função que se assenta em executar a descarga total das

excitações presentes no aparelho mental:

Diferenciamos agora mais nitidamente os conceitos de função e de tendência. Diremos então que o princípio de prazer é uma tendência que está a serviço de uma função, a de tornar o aparelho psíquico inteiramente livre da excitação, ou de manter a quantidade de excitação constante, ou, ainda, de mantê-la tão baixa quanto possível (FREUD, S., 2006, v.2, p.180).

O princípio de prazer divide-se em duas tendências, a primeira se dirigindo ao zero ou inércia total e, a segunda, para a constância que visaria a manutenção de uma quota mínima de energia. Desse modo, na regulação inercial, o princípio de prazer serve à pulsão de morte e, na constância, ele está representando as demandas das pulsões de vida. A ligação do princípio do prazer com a pulsão de morte indica uma mudança significativa no quadro teórico, visto que o princípio de prazer inicialmente relacionava-se apenas com o princípio de constância e seu objetivo consistia em conduzir o aparelho psíquico a um estado de funcionamento equânime. Contudo, com o princípio de Nirvana e sua tendência a zero instaura-se um prevalecimento da tendência para o escoamento total da energia, de modo que os demais princípios tornam-se seus subordinados; eles são apenas desvios mais ou menos longos, mas que, em última instância, busariam um estado de não vida, a morte. Desvios, porque a morte opera no organismo a partir de dentro, ela é intrínseca à vida, permite que cada organismo morra a seu modo, e os constantes desvios e tensões impostos pelas pulsões de vida são apenas um adiamento de uma fatalidade já presente no fenômeno da vida, a morte.

De todo modo, Freud acentua que a tendência a zero - princípio de Nirvana- de alcançar a anulação total das quantidades e a função de esvaziamento das mesmas pelo princípio do prazer participariam “(...) da aspiração mais universal de todo ser vivo de retornar ao estado de repouso original do mundo inorgânico (FREUD, S., 2006, v.2, p. 180)”. E acrescenta: “O princípio de prazer parece, de fato, estar a serviço das pulsões de morte” (FREUD, S., 2006, v.2, p.181). Logo, fica sugerido no trabalho de Freud que o princípio do prazer na

verdade é um serviçal das pulsões de morte.

De acordo com o caminho aqui seguido, fica patente a existência de uma finalidade mortuária nesse novo dualismo pulsional e no fato de que para Freud não há uma positividade do prazer. Este é apenas um efeito de um processo que primordialmente objetiva o escoamento de tensões:

Desde que nos desembaracemos de uma concepção positiva do prazer que, de fato, não está presente em Freud, percebemos claramente que, em última análise, o prazer está direta ou inteiramente a serviço da regulação inercial e, portanto, da morte. A finalidade mortuária desse esquema não pode mais ser escondida em nome de uma pretensa, mas ausente, positividade do prazer (MONZANI, 1989, p.209).

Diante deste novo dualismo pulsional, as antigas pulsões do Eu e pulsões sexuais ficam designadas pelas pulsões de vida ou Eros, opostas à pulsão de morte (Tânatos). As pulsões de vida trabalham no sentido de alcançar união entre os seres vivos, visando uma possível e constante união e incremento de novas tensões, enquanto a pulsão de morte em sentido contrário visaria a destruição e desligamento das novas tensões vitais impostas por Eros. E se as pulsões são repetitivas em seus aspectos gerais, Freud aponta que, no caso de Eros, este repetir se manifesta no repetir da reprodução, no progresso da vida; mas também Eros ao buscar uma indefinida ligação e união mostra, por outro lado, seu caráter regressivo de busca por um estado de unicidade perdida. Para expressar esse retorno a um estado anterior Freud faz uso do mito platônico do desejo expresso na fábula do andrógino narrada por Aristófanes no Banquete (LAPLANCHE, 1985, p.115)³⁶. Por fim, o novo dualismo pulsional estabelece uma oposição

³⁶-Laplanche faz esta referência em sua obra *Vida e morte em psicanálise* (1985, p.115): “A esse respeito acrescentemos, simplesmente que, em Além do princípio de prazer, a pulsão de vida ou Eros, força que mantém a unidade e a unicidade narcisista, não pode ser compreendida como retorno a um estado anterior, senão como referência ao mito: a fábula do andrógino, proposta por Aristófanes do Banquete de Platão”(LAPLANCHE, 1985, p.115). Uma vez que a regressão é um fenômeno da pulsão em seu aspecto geral, as pulsões de morte atendem plenamente a essa característica de regressão ao inanimado, a questão fica mais complexa em relação à pulsão de vida, ou seja como justificar seu caráter regressivo uma vez que ela busca preservar a vida e formar totalidades, como se manifestaria seu caráter regressivo? Essa é a questão que Freud

entre pulsões de vida e pulsão de morte.

Com a morte inserida na trama da vida, como fica o conceito de Narcisismo diante desse novo dualismo pulsional? O conceito de narcisismo foi um dos motivos principais para a dissolução do primeiro dualismo pulsional. Interessa-nos, particularmente, deslindar o modo pelo qual o Eu narcísico se situa diante desta nova dinâmica das pulsões. Destarte, nosso próximo passo procurará entender de que maneira esse avatar de uma identidade almejada e perdida se situa diante das forças titânicas que conduzem todo ser vivo: Eros e Tânatos.

Sabe-se que Freud pouco desenvolveu acerca das possíveis relações entre o narcisismo e a pulsão de morte. De fato, a problematização do narcisismo colocou o primeiro dualismo em suspeição, mas ao instaurar a pulsão de morte, bem como o segundo dualismo pulsional, a reflexão acerca do narcisismo reaparece apenas de modo fugaz e ínfimo. Assim, realizamos esta incursão pela pulsão de morte justamente porque pretendemos em nosso próximo capítulo explorar as possíveis leituras e interpretações do inter-relacionamento desses dois conceitos. Para tanto, nos alinharemos com as contribuições de André Green que se debruçou sobre essa problemática do narcisismo diante deste novo dualismo.

busca resolver com a menção ao mito platônico: “Entretanto, em outro campo bem diferente, encontraremos tal hipótese, porém ela é de uma natureza tão fantástica – talvez mais próxima de um mito do que de uma explicação científica – que não ousaria mencioná-la aqui se ela não satisfizesse precisamente a condição que tanto buscamos: ela permite derivar a pulsão da necessidade de restabelecer um estado anterior. Estamos falando, naturalmente, da teoria que Platão desenvolve no Simpósio por intermédio de Aristófanes e que não só trata da origem da pulsão sexual, mas também de sua mais importante variação em relação ao objeto. ‘No início, nosso corpo não era formado como agora; era totalmente diferente. De início havia três sexos, não como agora, somente masculino e feminino, mas ainda um terceiro que unia ambos o sexo masculino-feminino (...)’. Porém, tudo nesses seres humanos era duplo, eles tinham, portanto, quatro mãos e quatro pés, dois rostos, dois órgãos genitais, etc. Então, Zeus decidiu dividir cada ser humano em duas partes, ‘como se cortam marmelos para fazer confeito (...)’. Estando agora o ser inteiro cortado em dois, a saudade impeliu [trieb] as duas metades a se juntarem: elas se abraçaram com as mãos, enlaçaram-se uma à outra no desejo de fundir-se em um só ser (...)” (FREUD, S., 2006, v.2, pp.177-178).

IV – Novas leituras para o narcisismo.

1- Um retorno ao Projeto de uma Psicologia.

Antes de abordarmos a obra de Green faremos um sobrevoo no *Projeto de uma Psicologia* (1895), obra desprezada pelo autor, mas como reconhecido por muitos de seus estudiosos, de teor fundamental para a compreensão da evolução dos conceitos freudianos. Em todo caso não pretendemos esgotar este texto; abordaremos apenas algumas ideias que serão fundamentais para o diálogo com André Green, tais como: vivência de satisfação, desejo, totalidade e princípio de inércia.

Nesta obra de 1895, inúmeras ideias freudianas já se fazem presentes, tais como: (...) as pulsões, a repressão e a defesa, a economia mental com suas forças energéticas em conflito, o animal humano como desejante, todas elas aí estão prefiguradas” (GAY, 1995, p.87-88). O objetivo de Freud no *Projeto de uma Psicologia* é desenvolver uma psicologia de cunho naturalístico e, para tanto, o autor elabora um modelo explicativo do funcionamento mental baseado em dois princípios: a quantidade (Q) e o neurônio (N). Estão aí delineadas, segundo Freud, as duas ideias principais que regem o aparelho: “1.) concebe o que diferencia atividade de repouso como Q, submetida à lei geral do movimento; 2.) toma os neurônios como partículas materiais” (FREUD, S, 1995, p.09). O aparelho desenvolvido é determinado inicialmente em seu funcionamento e estrutura-se a partir do princípio de inércia, ou seja, com base numa tendência a descarregar toda a quantidade que o atinge buscando um nível zero.

Os neurônios constituintes desse aparelho são idênticos anatomicamente e estabelecem reciprocamente uma conectividade através de um tecido não neuronal; eles absorvem quantidade através dos prolongamentos celulares e a emitem através dos cilindros de eixo. Portanto o arranjo dos neurônios corresponde com a tendência fundamental do aparelho, uma vez que favorece a descarga de quantidade, assemelhando-se a um sistema reflexo. O aparelho psíquico elaborado por Freud é formado por três sistemas neuronais: o sistema

ϕ responsável pelas percepções, o sistema ψ responsável pela memória, e o sistema ω responsável pelo surgimento da consciência:

Há, por conseguinte, neurônios permeáveis (que não opõem resistência e que não retêm nada) que servem à percepção, e impermeáveis (dotados de resistência e que embargam $Q\eta$), os portadores da memória e, assim, provavelmente dos processos psíquicos em geral. Daqui por diante chamarei o primeiro sistema de neurônios de ϕ e o último de ψ (FREUD, S., 1995, p.13).

Entre estes neurônios existem as barreiras de contato que apresentam certa resistência a condução do processo excitatório de um neurônio para outro; assim, somente as quantidades de intensidade superior à resistência destas barreiras conseguem a transposição das intensidades para outro neurônio. Em consequência, estas barreiras de contato seriam facilitadas pela passagem das intensidades e, na ocorrência de uma segunda ocupação dos respectivos neurônios, a resistência ao fluxo energético será menor. De acordo com Simanke & Caropreso (2011, p.91):

A facilitação diferenciada das barreiras de contato faria com que se constituíssem caminhos preferenciais no interior do aparelho, os quais possibilitariam a memória, em outras palavras a possibilidade da memória é representada pela capacidade do sistema de fazer percorrer novamente um caminho anteriormente percorrido.

Como já foi assinalado esse aparelho possui uma tendência primordial para esquivar-se de todo o incremento quantitativo. Seu objetivo precípua consiste em assegurar o nível de quantidade no interior deste aparelho como igual a zero; meta que, nas palavras de Freud, se expressara na tendência primária de funcionamento do aparelho: “(...) pôde-se estabelecer um princípio fundamental da atividade nervosa, referente a Q , que prometia ser muito esclarecedor, na medida em que parecia abranger a função em sua totalidade. É o princípio da inércia nervosa; dita que o neurônio aspira a libertar-se de Q ” (FREUD, S. 1995, p.10).

Contudo, esse mesmo aparelho encontra-se submetido por influências quantitativas de ordem endógena derivadas das prementes necessidades vitais que o obrigariam a uma alteração dessa tendência primária de funcionamento. De acordo com Freud, as quantidades de origem exógena que atingem esse aparelho podem muito bem serem descarregadas mediante uma fuga de estímulo. No entanto, as quantidades de origem endógenas não poderiam ser eliminadas por esse mecanismo reflexo:

Contudo o princípio de inércia é violado desde o começo a partir de uma outra relação. Com a complexidade crescente do interior do organismo, o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento corporal, estímulos endógenos, que devem ser igualmente eliminados. Estes se originam em células corporais e dão como resultado os grandes carecimentos: fome, respiração, sexualidade (FREUD, S., 1995, pp. 10-11).

A consequência destas necessidades endógenas é que para a anulação de suas fontes internas de estímulo - fome, respiração e sexualidade - exige-se uma interação do organismo mais complexa com o meio; é o que Freud denomina de ação específica e que busca fazer cessar a estimulação endógena. Para a efetivação da ação específica, entretanto, exige-se um significativo acréscimo de quantidade no aparelho, o que leva a uma alteração na sua tendência primeira, que como vimos consiste em manter o nível de quantidade igual à zero. Ou seja, para a realização da ação específica ocorre o abandono da função de quantidade zero e passa a vigorar a tendência de manter uma quantidade constante no nível mínimo necessário: “Com isto, o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível=0. Tem de permitir a ocorrência de armazenamento de $Q\eta$ para satisfazer a exigência da ação específica.” (FREUD, S., 1995, p.11). Ou seja, instaura-se o princípio de constância que impõe a manutenção de um nível mínimo de energia no sistema.

Temos então, no desenvolvimento desse aparelho duas funções: a função do princípio primário que busca evacuar toda quantidade do organismo, e a função secundária, imposta pela necessidade da vida, que busca cessar a recepção

de estímulos internos. As consequências desta passagem do funcionamento primário para o funcionamento secundário são explicitadas por Simanke & Caropreso (2011, p.90):

A impossibilidade de cumprir de forma reflexa a função secundária, quando se trata das quantidades endógenas, vai motivar todas as modificações que Freud introduz no esquema inicial governado pela inércia neuronal.[...] Em suma, o princípio de inércia daria lugar a uma ‘tendência à constância’, mas esta última não se oporia ao primeiro; ao contrário, atuaria, no final das contas, a seu favor, permitindo que a quantidade endógena fosse, de fato, descarregada adequadamente ou com o máximo de eficiência.

A passagem para o modo de funcionamento secundário com a efetivação do princípio de constância é exemplificado por Freud no caso do bebê: uma primeira vez em que este sentisse fome ocorreria também uma primeira ocupação do ψ do núcleo e um concomitante aumento de $Q\eta$ (quantidade endógena). Deve-se atentar para o fato de que o aparelho psíquico busca evacuar todo acúmulo de energia de acordo com o princípio de inércia, buscando, em suma, descarregar a tensão presente em ψ que se manifesta como desprazer no sistema ω . Diante deste fato, as respostas reflexas tais como o choro, o grito e a agitação física, são inúteis para eliminação da estimulação endógena; as referidas reações não podem eliminar o desprazer oriundo da fonte interna de estimulação, contudo elas serviriam como um modo de comunicação entre a criança e o adulto, uma vez que fariam com que este último atentasse para o estado de carência do recém-nascido. Por conseguinte, quando a mãe ou outro adulto realizasse a ação específica, por exemplo, oferecesse o seio à criança, a recepção de estímulos internos terminaria, e a consequente sensação de desprazer também desapareceria. A supressão da tensão interna, ou seja, a eliminação dos estímulos internos endógenos dava ensejo à vivência de satisfação. De acordo com Freud:

Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este foi capaz, através de organizações reflexas, de executar sem

demora o desempenho necessário no interior do seu corpo para cancelar o estímulo endógeno. Então, a totalidade apresenta uma vivência de satisfação, que tem as consequências mais decisivas para desenvolvimento das funções do indivíduo. Ou seja, ocorrem três coisas no sistema ψ : 1. realizou-se uma eliminação duradoura, e, dessa forma, dá-se fim à incitação que produzira em ω desprazer; 2. origina-se no manto a ocupação de um neurônio (ou de vários) que correspondem à percepção de um objeto; 3. chegam em outros lugares do manto as notícias de eliminação devida ao movimento reflexo desencadeado que se segue à ação específica. Entre essas ocupações e os neurônios nucleares forma-se uma facilitação (FREUD, S. 1995, p.32).

O que surge entre as duas representações do ψ do manto - a de objeto e a de movimento - é uma facilitação, e estas duas representações constituem-se simultaneamente com tempo da ocupação do ψ nuclear. A facilitação é a passagem da excitação de um neurônio a outro ao vencer as resistências das barreiras de contato dentre estes; tendo ocorrido essas facilitações e, posteriormente, quando surge novamente a excitação no núcleo pelo reaparecimento das necessidades endógenas, o processo de excitação trilharia o caminho já estabelecido e ocuparia a representação do objeto de satisfação inscrito no ψ do manto. Nas palavras de Garcia-Roza: “A partir dessa vivência primária de satisfação, estabelece-se uma facilitação de tal modo que ao se repetir o estado de necessidade, surgirá um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnêmica do objeto, com a finalidade de reproduzir a satisfação original” (GARCIA-ROZA, 2004, p.183).

Essa passagem é importante, pois trata-se do momento em que temos a ocorrência primeira da vivência de satisfação e sua relação com o desejo, tal como nos explica Laplanche e Pontalis (1988, p.687): “A imagem do objeto satisfatório assume então um valor preferencial na constituição do desejo do indivíduo. Ela poderá ser reinvestida na ausência do objeto real (satisfação alucinatoria do desejo) e irá guiar sempre a ulterior procura do objeto satisfatório”. Sob a letra freudiana, o desejo é esta tendência para re-ocupar a representação de um objeto primeiro de satisfação; quando da recorrência do

processo – a fome como exemplificado - não haverá somente uma privação a ser sanada, mas também um desejo, isto tudo porque a condição de necessidade estaria agora agregada à representação de um objeto pelo qual o processo psíquico objetivaria propriamente a sua ocupação. Freud enfatiza:

Assim, origina-se, através da vivência de satisfação, uma facilitação entre duas imagens recordativas e os neurônios nucleares que, no estado de incitação, são ocupados. Com a eliminação de satisfação, a Qη também é, sem dúvida, retirada das imagens recordativas. Com o reaparecimento do estado de incitação ou de desejo, a ocupação prossegue agora também para ambas as recordações e anima-as. A imagem recordativa do objeto, certamente é a primeira a ser afetada pela animação de desejo. Não tenho dúvidas de que essa animação de desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em alucinação. Se em consequência disso a ação reflexa for iniciada, não há como não faltar a desilusão (FREUD, S., 1995, p.33).

Portanto, quando da recorrência da necessidade e a concomitante ligação ao objeto do desejo, teremos novamente a ocupação da representação de objeto que será vivida como se fosse percepção externa, o que levaria na verdade a uma alucinação do objeto de desejo. Como Freud aponta na citação acima, uma vez surgida a alucinação, ocorre a ação reflexa - a sucção executada pelo bebê -, mas devido a ausência do objeto-seio, o bebê vivencia a frustração e o sentimento de desamparo³⁷.

Em se tratando da realização de desejos, e para finalizar essa rápida imersão nesta complexa e primordial obra freudiana, gostaríamos de abordar a satisfação e apaziguamento propiciados pelo estado do sono, elaborados por Freud no item 19 da parte primeira do *Projeto de uma Psicologia*. A questão colocada pelo autor é que mesmo com o desenvolvimento necessário do processo

³⁷- De todo modo, o organismo humano sofrerá adaptações para alcançar a realização de suas satisfações, ele não pode alucinar o real o tempo todo, portanto ocorre uma solução de compromisso entre o processo primário e o processo secundário, assim “A formação do eu [pelo processo secundário] vem atenuar o fracasso primitivo do indivíduo ao distinguir entre uma alucinação e uma percepção. Pela sua função de inibição, impede que o reinvestimento da imagem do objeto satisfatório seja demasiado intenso” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.688).

secundário para a sobrevivência do organismo, o processo primário não é eliminado por completo, ele ressurgue todos os dias durante o estado do sono: “É um fato importante que, todos os dias durante o sono, temos diante de nós processos primários ψ como aqueles que foram, pouco a pouco, suprimidos biologicamente no desenvolvimento ψ ”(FREUD, S. 1995, p.49). O que nos interessa destacar é o fato de que o sono apresenta-se como um processo primário no interior do Eu produzindo alucinação, que regride até uma forma de satisfação plena na medida em que alcança o estado de inércia³⁸almejado desde o início. Observa o autor:

Em primeiro lugar, cabe inscrever o fato do sono na teoria. A condição essencial do sono claramente se reconhece na criança. A criança dorme enquanto não é atormentada por nenhum carecimento ou estímulo externo (fome e frio devido à umidade). Dorme com satisfação (no seio). Também o adulto dorme facilmente *post coenam et coitum*. Condição do sono é, assim, o abaixamento da carga endógena no núcleo de ψ , que torna supérflua a função secundária. No sono o indivíduo está no estado ideal de inércia, isento de armazenamento de $Q\eta$ (FREUD, S., 1995, p.49).

Cumpramos insistir que esse trajeto pelo *Projeto de uma Psicologia* foi realizado para que pudéssemos vislumbrar o registro em que noções como princípio de inércia, experiência de satisfação, totalidade, desejo e desamparo afloram nesse texto. Estas noções aparecerão logo à frente, ao discutirmos a possibilidade de uma correlação entre a questão do narcisismo e a pulsão de morte. Iniciando a seguir nosso diálogo com André Green, veremos que esse autor volta-se para o *Projeto de uma Psicologia*, e mais particularmente para os

³⁸ -A tradução que ora acompanhamos do *Projeto de uma Psicologia* é do professor e pesquisador Osmyr Faria Gabbi Jr., que além de exímia tradução inseriu uma série de notas explicativas ao texto. Sobre a relação do sono e o estado de inércia ele nos aponta que: “O sono é o estado regressivo por excelência. Pelo menos teoricamente, o sistema nervoso comportar-se-ia como o sistema primitivo, sem qualquer fonte de estimulação interna. Aqui, mais uma vez, torna-se manifesto o equívoco de tentar já encontrar em *Entwurf* a pulsão de morte. O estado de inércia ideal é dado pelo sono, e não pela morte. A fonte de estimulação desconsiderada é apenas a interna, nada foi dito ainda sobre os estímulos externos que agem sobre o objeto do mundo” (GABBI JR., 1995, 159).

temas aos quais aludimos. Esse será o caminho por ele seguido para fundamentar um enlace possível entre o narcisismo e a pulsão de morte.

2- O Narcisismo ante as pulsões de morte.

Com a discussão subsequente, acompanharemos os argumentos tecidos pelo psicanalista francês André Green em sua obra *Narcisismo de Vida Narcisismo de Morte* (1988). Notadamente, o objetivo de abordarmos essa obra de Green deve-se ao fato de que este pesquisador reconhece que o caminho deixado por Freud possibilita pensar a articulação entre narcisismo e pulsão de morte e, com base nesse pressuposto, elabora uma discussão acerca das possíveis leituras concernentes à relação entre esses dois conceitos. Como enfatizado desde o início, problematizar a possibilidade desse encontro conceitual está entre os propósitos de nosso trabalho. Daí a relevância que o diálogo com Green adquire para nós.

Ao voltar-se para essa questão, o psicanalista francês tece sobre ela enquadramentos inovadores, cuja compreensão torna-se mais plena se levarmos em conta nossa breve incursão pelo *Projeto de uma Psicologia*, texto no qual – ratifiquemos - Green incursiona para retomar a problemática do desejo, da vivência de satisfação e do princípio de inércia.

Para o autor, o narcisismo é o “cimento que mantém a unidade constituída do Eu” (Green,1988, p.18). Este conceito conjuga componentes que formam a identidade que permite o sentimento de existência e o modo pelo qual se apreende o próprio ser. Green pontua que foi uma das conquistas de Eros construir a unificação do Eu³⁹ a partir de uma psique desordenada, cindida, anárquica e dominada pelo prazer de órgão das pulsões parciais. Mas, embora esta unidade doadora do sentimento de existir, de ser inteiro, seja uma vitória para o Eu, isso se dá ao preço de não ser mais do que Eu, ou seja, a ferida de não poder ser o Outro.

³⁹ - Usaremos o Eu, Um, Outro e Zero em letras maiúsculas tal como Green grafou em sua obra.

Nesse sentido, o caminho percorrido nesse processo de formação da identidade narcísica começa na união mãe-criança e paulatinamente se direciona para a constituição do Eu unificado; caminho que realiza a separação desta díade mãe-criança condenando a criança à angústia de separação, ameaça de desintegração e à lenta e dolorosa superação de desamparo infantil, de modo que ao fim desse processo consegue-se a formação do objeto e do Eu narcísico. Nas palavras do autor:

Este último [o narcisismo] encontra no amor que tem por si mesmo uma compensação pela perda do amor fusional, expressão de sua relação com um objeto consubstancial. O narcisismo é, portanto, menos um efeito de ligação do que de religação. Muitas vezes enganadora, embalando-se na ilusão de auto-suficiência, o Eu sendo agora par de si mesmo, através da sua imagem” (GREEN, 1988, p.26).

Consequentemente, o narcisismo também seria uma ilusão reparadora desse desamparo infantil inicial, ao procurar sempre de alguma forma reencontrar o caminho pelo qual essa experiência de satisfação única – a ilusão fusional com o objeto amado - foi vivenciada. Mas se essa busca por uma satisfação perdida e sempre almejada parece ser vivida sob os auspícios do princípio do prazer e das pulsões de vida, a equação se complica quando nas dobras do prazer se ocultam as terríveis forças da pulsão de morte. É essa leitura feita por Green, do narcisismo diante da pulsão de morte que vem ao encontro das articulações tecidas em nosso percurso.

O objetivo de Green é justamente seguir as possibilidades de leituras que se abrem ante o estabelecimento de uma possível correlação entre esses dois conceitos cruciais. Vimos anteriormente que o narcisismo se instaura na medida em que o Eu torna-se objeto da libido, mas que, ao mesmo tempo, essa invasão do Eu pela sexualidade desestabiliza o primeiro dualismo pulsional. Com o narcisismo, Freud postulou uma explicação para certas patologias como a paranoia, a esquizofrenia, os casos de megalomania e hipocondria, além de esclarecer o motivo pelo qual certos pacientes se mostravam inacessíveis à análise psicanalítica. Porém, a libidinização do Eu parecia conduzir a uma

compreensão monista da libido, ideia pouco apreciada por Freud. Deste modo, como procuramos fundamentar no decorrer desse trabalho, a elaboração da pulsão de morte pareceu restabelecer novamente o equilíbrio do dualismo pulsional, ficando apenas a tarefa – deixada em aberto por Freud - de inserir o narcisismo diante deste novo dualismo. Após a elaboração do segundo dualismo pulsional, Freud procedeu a uma reavaliação do Eu na segunda tópica, mas nesse processo não se integrou o narcisismo. Green destaca essa questão em seu trabalho⁴⁰:

Poder-se-ia ter imaginado então, graças à nova concepção do Eu, uma retomada dos problemas colocados pelo narcisismo vista sob o ângulo da segunda tópica e da última teoria das pulsões, num esforço de integração das aquisições do passado e das descobertas do presente. Isto não ocorreu. Freud, que sem dúvida se recriminava por haver feito concessões demais ao pensamento de Jung, teria deliberadamente procurado romper com suas visões de outrora? Não é impossível. O que é certo, é que o narcisismo perdeu cada vez mais terreno nos seus escritos em proveito das pulsões de destruição (GREEN, 1988, p.12).

Sem dúvida, o objetivo de Green é dar ao narcisismo seu direito de existência após a reformulação da teoria, tal como realizada por Freud, e sobre a qual discorreremos no capítulo anterior. Para alcançar esse objetivo o autor elabora as relações deste conceito diante do novo dualismo pulsional e concebe ideias complementares para auxiliar este novo entrelaçamento conceitual. Ideias como a de Zero, Um e Narcisismo Negativo. Sob esse registro, e de acordo com as formulações de Green, o narcisismo torna-se imprescindível para entendermos a nós mesmos “já que ele é o próprio coração do nosso Eu” (Green, 1988, p.18). O que esta análise evidencia é que existe uma relação a ser elaborada entre o

⁴⁰ -De acordo com Green o destino do narcisismo foi diverso dentre os teóricos da psicanálise: Melanie Klein dedicou-se a ultima teoria das pulsões, mas ignorou o narcisismo, assim como H. Segal, Meltzer, Bion e Winnicott tampouco lhes dedicaram atenção. Contudo, autores como Hartmann e Kohut desenvolvem pesquisas sobre o narcisismo, assim como Grunberger e Lacan, este último coloca o narcisismo como peça fundamental de seu aparelho teórico. Mas cada autor teria dado um desenvolvimento próprio para os destinos do conceito freudiano de narcisismo (GREEN, 1988, pp.12-14).

narcisismo e a pulsão de morte.

A obra de Green apresenta algumas formulações para se pensar essa nova relação, como por exemplo, o conceito de Um:

No que concerne ao narcisismo, o objeto, fantasiado ou real, entra em relação conflitiva com o Eu. A sexualização do Eu tem como efeito transformar o desejo pelo objeto em um desejo pelo Eu. A isto chamei o desejo do Um com apagamento da marca do desejo do Outro. O desejo mudou, portanto, de objeto, pois é o Eu que se tornou o seu próprio objeto de desejo; é este movimento que convém esclarecer. (Green, 1988, p.21).

O autor interpreta o desejo como o movimento pelo qual o sujeito é descentrado, movimento de busca pelo objeto da satisfação que impõe ao indivíduo vivenciar a experiência de que seu centro não se localiza mais nele mesmo, mas está fora, no objeto. Este sujeito do desejo, portanto, almeja reencontrar-se com este objeto para refazer seu centro e encontrar novamente a sua unidade perdida - identidade reencontrada - ou seja, o bem estar proporcionado pela experiência da satisfação. Sob essa perspectiva, é o desejo que leva o indivíduo a buscar a totalidade perdida, esse sujeito do desejo percebe que ocorreu um dano na realização do seu desejo, mas para alcançar novamente essa experiência de totalidade os caminhos se mostrarão dolorosos e frustrantes, uma vez que nenhum objeto investido restabelecerá plenamente a perda originária.

Nesse sentido, Green nos remete à realização alucinatória do desejo, mecanismo usado por ocasião da primeira experiência da falta de solução psíquica apreciada pela criança que atribui a esse processo o poder de reaparecer o objeto-seio: “Ela [a criança] não tem condições de pensar que foram seus gritos e choros que alertaram a mãe que veio em seu socorro, mas estabelece uma relação de causa e efeito entre a realização alucinatória do desejo e a experiência de satisfação” (GREEN, 1988, 21-22).

Em nossa breve incursão pelo *Projeto de uma Psicologia*, observamos como os temas da vivência de satisfação, totalidade e desejo são elaborados por

Freud. De fato, a experiência primeira da satisfação alucinatória constitui a base do desejo (cf. LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p.688). Durante a história de vida do Eu, os seus investimentos, o movimento de seus desejos, almejam alcançar uma satisfação real mediada segundo o modelo da alucinação primitiva, portadora de uma totalidade que o sujeito busca vivenciar novamente. Freud assim se manifesta no *Projeto de uma Psicologia*: “Então, a totalidade apresenta uma vivência de satisfação, que tem as consequências mais decisivas para o desenvolvimento das funções do indivíduo”. (FREUD, S., 1995, p.32) Ademais, destacamos dentro das conceituações presentes no Projeto, o estado de satisfação possibilitado pelo sono, vimos como o bebê após ter o seio, dorme e adentra um estado de inercia total, alcançando deste modo a satisfação plena de desejo, similar à situação de calma que toma os adultos após o ato sexual, como apontado por Freud,

Voltemos ao nosso diálogo com Green: o autor francês acentua que dentre as soluções encontradas para suprir as demandas do desejo, a mais fundamental reside nos processos identificatórios. Com a identificação suprime-se a representação do objeto e o próprio Eu passa a tornar-se o objeto, confundindo-se com ele. Como observamos desde nossa incursão por *Luto e Melancolia*, o conceito de identificação é a via privilegiada de constituição da personalidade, o que discutimos em nosso segundo capítulo.

Nesse viés, Green argumenta que quando ocorre esse processo, o Eu identifica-se com o objeto tomando-lhe o lugar. A identificação primária, nomeada de narcisista, ocorre quando o Eu confunde-se com o objeto, o qual se revela muito mais como uma derivação dele mesmo do que uma entidade distinta reconhecida na sua alteridade. Por outro lado, quando o Eu se diferencia do não-Eu, momento de encontro com a alteridade, levando-o a aceitar a existência do objeto em separado, este mecanismo o expõe a várias desilusões. Desdobramento que tem consequências, como Green o demonstra:

A alteridade não reconhecida inflige ao Eu incessantes desmentidos sobre o que se supõe que o objeto seja e provoca inevitavelmente a decepção sempre renovada quanto ao que se espera dele. A tal ponto que o Eu nunca

pode contar com o objeto para reencontrar esta unidade-identidade que lhe garante encontrar seu centro por ocasião de uma experiência de satisfação sempre insaciada (GREEN, 1988, p.22).

Esta situação de fracasso do deslocamento em busca do objeto substituto (reparador da perda do objeto originário) é prejudicial para o Eu, e ela se renova indefinidamente, pois a busca pelo objeto originário mediante o deslocamento sobre objetos substitutos sempre repetirá o fracasso inicial. Nesse processo, toda busca pelo objeto aumenta o sentimento de descentramento; o Eu, ao tentar recuperar a sua totalidade depois da perda da satisfação primeira, será obrigado a se satisfazer com saídas parciais e precárias, condenando-se a um estado de procura contínua e sem fim. Como salienta Green, esses deslocamentos em busca do objeto primeiro serão sempre imperfeitos e pouco satisfatórios “Pois o reencontro da experiência de satisfação inaugural é uma fantasia construída *aprês coup* e a busca de sua reprodução uma ilusão” (GREEN, 1988, p.22).

Todo esse movimento para anular a importância do objeto como origem do prazer Green nomeia de narcisismo positivo. O narcisismo positivo seria o momento em que o indivíduo redireciona os investimentos da libido antes depositados no objeto para o Eu na tentativa de encontrar novamente a integridade perdida, é o que Green chama de desejo pelo Um. Trata-se de uma tentativa de anular a importância do objeto como origem e satisfação do prazer, pois, ao se narcisificar, o Eu se torna objeto de prazer e suprime as contingências de um objeto fora de si-mesmo. Assim, certa autonomia é obtida diante da alteridade do objeto. E essa solução - embora valiosa para o Eu - revela-se, contudo, contingente e incerta, pois o Eu não poderá jamais substituir completamente o objeto, o que leva para outro rumo o seu narcisismo.

De fato, o que ocorre é que o Eu pode se enganar temporariamente na ilusão de alcançar o prazer de viver na solidão, porém as insuficiências desse modo de existir aparecerão: “Será então necessário que os investimentos do Eu se enriqueçam com outro investimento endereçado a um objeto integralmente idealizado com o qual se fundirá da maneira como procedia com o objeto primário” (GREEN, 1988, p.23). O autor sinaliza, pois, que estas soluções do

narcisismo de vida jamais são bem-sucedidas, pois mesmo que o Eu consiga autonomia diante da alteridade do objeto ao se narcisificar, o caráter precário dessa solução manifesta-se.

Desse caráter vulnerável decorrem afetos negativos e dilacerantes, os quais, por sua vez, descortinam um caminho outro que será trilhado pelo narcisismo do Eu. O horizonte que assim se desvela, na terminologia de Green, é o do Zero, ou seja, a busca do grau zero de investimento. Mais claramente, Green aponta como a constante procura por um objeto que nunca satisfaz, bem como esse descentramento nunca solucionado, conduz ao ódio, visto que, como antes assinalado, a busca da totalidade do Um é uma ilusão. É neste momento, diante da mais extrema frustração que surge o desejo pelo não-desejo, o Zero; deste modo o que se busca é uma ausência de excitação um estado de nulidade e quietude total, tal como almejado pela pulsão de morte. O texto vem nos esclarecer:

Em certos casos, o efeito combinado da distância espacial não-preenchível e da dissincronia temporal interminável faz da experiência do descentramento a marca do ressentimento, do ódio, do desespero. Por isto, o retraimento para a unidade, ou a confusão do Eu com objeto idealizado, não estão mais ao alcance. É então a busca ativa não da unidade, mas do nada, isto é, de uma redução das tensões ao nível zero, que é a aproximação da morte psíquica (GREEN, 1988, p.23).

Em suma, por um lado, e de acordo com o autor, o Eu consegue uma relativa independência alternando o desejo do Outro para o desejo do Um. Mas, por outro lado, a recusa da perda e a impossibilidade de atingir novamente o estado de restauração podem levar o indivíduo a buscar ultrapassar o Um e encontrar a solução no seu reverso, o Zero. Tão grande é a força para se emancipar diante do objeto de desejo que o narcisista adquire posição de emancipação do próprio desejo. Desta maneira, presenciamos a emergência da pulsão de morte no narcisismo, pois em um estado ausente de desejo, sem tensão, o que triunfa é o princípio de Nirvana e da pulsão de morte.

Sob essa perspectiva, é lícito sustentar que, numa primeira etapa, o

narcisismo se diz narcisismo positivo ao direcionar os investimentos afetivos para o objeto ou buscando um reencontro com a totalidade perdida do Eu, e como denominado por Green desejo pelo Um. Por sua vez os obstáculos para a realização deste reencontro conduzem, como que num movimento pendular para outro lado, a segunda etapa, momento em que o desejo pelo Um transforma-se em desejo pelo nada. Por isso, quando a busca unitária do narcisismo não se realiza, segue-se um abandono da busca do centro e da unidade em prol de uma procura pela ausência de centro:

O centro, como objetivo de plenitude, tornou-se centro vazio, ausência de centro. A procura da satisfação prossegue então fora de qualquer satisfação – como se esta tivesse realmente ocorrido- como se tivesse encontrado seu bem no abandono de toda busca de satisfação (GREEN, 1988, p.23).

Nessa passagem, Green prefigura a presença da morte na manifestação da não-satisfação, do não desejo. Nas palavras do autor, uma realização alucinatória do desejo vem tomar conta e comandar a atividade do aparelho psíquico:

Não é o desprazer que substituiu o prazer, é o Neutro. Não é na depressão que devemos pensar aqui, mas na afanise, no ascetismo, na anorexia de viver. É este o verdadeiro sentido de “Além do princípio de prazer”. A metáfora do retorno à matéria inanimada é mais forte do que se pensa, pois esta petrificação do Eu visa à anestesia e a inércia na morte psíquica. É apenas uma aporia, mas é uma que permite compreender o objetivo e o sentido do narcisismo de morte (GREEN, 1988, p.20).

Green interpreta, pois, o narcisismo como sendo mimético tanto da vida como da morte. Ou seja, ele se volta para a vida ao imitar o desejo pelo objeto perdido, ao se direcionar para o Um, ou se volta para a morte quando desiste da satisfação do Um e do Outro, e almeja a recusa da procura, elegendo como norte a indiferença, o Zero. É nas oscilações do Um ao Zero que Green nos orienta em sua leitura do narcisismo. O autor lembra-nos, assim, que é a organização das

pulsões parciais do Eu, na forma de um investimento unitário, que possibilita o advento do narcisismo primário. Contudo, em sua análise, nomeia esse narcisismo primário como narcisismo primário absoluto, na medida em que ele revela a presença do princípio de inércia, uma vez que tende a deslindar-se das tensões – princípio de Nirvana. O narcisismo secundário possibilita o reencontro consigo mesmo ao roubar dos objetos seus investimentos e, consecutivamente, o Um adentra a si mesmo. Por fim, o narcisismo primário absoluto consiste no momento em que a excitação tende ao zero, caracterizando o narcisismo negativo. Duas acepções de narcisismo assim afloram, mas o autor argumenta que elas se complementam:

Na primeira acepção, trata-se do Eu narcisista como Um, proveniente de n pulsões parciais - pela ação de Eros. Na segunda acepção, trata-se da expressão do princípio de inércia, formulado desde o “Projeto...” em posição de referencial principal e que receberá ulteriormente o nome de princípio de Nirvana, que tende ao narcisismo primário absoluto (GREEN, 1988, p.38).

Deste modo, estamos diante de movimentos complementares, sendo o primeiro aquele em que o Eu revela-se como fruto de um investimento unitário e outro, aquele em que ele procura alcançar o zero absoluto, mas o resultado é análogo. Tanto num caso como no outro, o Eu encontra em si mesmo a tão almejada satisfação, confere a ilusão de autossuficiência e se livra da sujeição para com o objeto variável, assim:

A progressão leva ao Eu Um - o que, no caso, permite-lhe reencontrar esta quietude pela regressão quando a frustração a isso o obrigar, as outras defesas revelando-se ineficazes. A regressão leva às vezes mais longe: para o zero da ilusão do não-investimento, mas é o zero que se torna objeto de investimento fazendo deste retraimento regressivo uma aspiração positiva, um progresso; assim quer a ascese, retorno ao seio divino (GREEN, 1988, p.38).

Sob a ótica de Green, é totalmente legítimo considerar o narcisismo negativo, pois todo investimento traz em si também o desinvestimento que é sua

sombra projetada para trás, conjurando o estado mítico anterior ao desejo e também adiantando a pacificação neutralizante sucessiva à satisfação de um desejo projetado como totalmente satisfeito. Assim, na esteira do autor, o narcisismo não pode situar-se apenas em relação às pulsões de vida, principalmente após a emergência da pulsão de morte. É necessário pensar, ao lado do narcisismo positivo, seu duplo invertido, o narcisismo negativo. Se Freud sustentou a coesão do Eu mediante as pulsões sexuais, é preciso, aponta Green, apreender a pulsão de morte também presente nesse processo. Deste modo, o narcisismo negativo, representante da pulsão de morte, busca a redução ao nível zero de toda libido; o horizonte por ele almejado é a morte psíquica: “Além do despedaçamento que fragmenta o Eu e o faz retornar ao auto-erotismo, o narcisismo primário absoluto anseia pelo repouso mimético da morte. É a busca do não-desejo do Outro, da inexistência, do não-ser, outra forma de acesso à imortalidade (GREEN, 1988, p.300).

Entenderemos melhor essa posição em relação à pulsão de morte se atentarmos para o fato de que, segundo o autor, o objetivo desta pulsão é alcançar ao máximo uma *função* desobjetalizante mediante o desligamento. Portanto, temos um processo pelo qual não somente a relação com o objeto é cindida, mas o é também com todos os seus substitutos, até mesmo com o Eu. Sob esse ponto de vista, a característica destrutiva intrínseca à pulsão de morte é o desinvestimento. Essa posição de Green acerca da pulsão de morte encontramos-la no artigo *Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante (1988)*. Sustenta ele:

Na minha opinião, é desta maneira que se explica logicamente, na teoria freudiana, a passagem da oposição libido objetal – libido narcisista para a última teoria das pulsões: Eros e pulsões de destruição. Isto me levou a defender a hipótese de um *narcisismo negativo* como aspiração ao nível zero, expressão de uma função desobjetalizante que não se contentaria em recair sobre os objetos ou seus substitutos, mas sobre o próprio processo objetalizante (GREEN, 1988, p.61).

Vemos, pois, que o psicanalista francês desenvolve uma interpretação da

pulsão de morte em termos de função desobjetalizante. Trata-se de um processo violento de retirada dos investimentos libidinais que se manifesta nos casos de psicose e sua expressão de empobrecimento do Eu, assim como estaria presente na melancolia, no autismo infantil, na anorexia mental, dentre outras afecções. Nessa vertente, Green relaciona o narcisismo *primário absoluto* com a pulsão de morte, de modo que esta relação implicaria a desinvestimento em sua efetivação mais completa. Dito de outro modo, o narcisismo absoluto seria a manifestação plena da pulsão de morte: “A partir daí, se o narcisismo é realmente um estado absoluto, é somente à medida que é o limite do que podemos conceber como uma forma total de inexcitabilidade” (Green, 1988, p.90). A pulsão de morte indica a propensão para atingir a evacuação de energia, o zero de tensão, ela busca a destruição das diferenças e - como aponta Green- a extinção de si e do outro na tentativa de atingir a reconquista do objeto primordial.

Vislumbramos, assim, que no trabalho de Green, diante da impossibilidade de obter satisfação com os objetos externos, o indivíduo coloca seu Eu no lugar do objeto de satisfação, mecanismo conceituado por Freud de narcisismo. Mas, para, além disso, sustenta o autor francês, esse mesmo indivíduo diante das inevitáveis decepções do mundo pode almejar um estado em que se deseja não-desejar. Nesse caso, duas possibilidades se abrem: o narcisista pode ignorar o mundo externo voltando-se para si, ou então pode tomar a posição de rejeitar o próprio desejo optando pela morte, momento em que entra em cena o *narcisismo de morte*. Próspera expressão que sintetiza o encontro entre dois conceitos freudianos cruciais, cujo enlace o pai da psicanálise pouco problematizou.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho, aportamos nas searas do narcisismo e fizemos dele nosso objeto de estudo e vislumbramos como este conceito contempla o anseio de totalidade presente em todo ser humano. Para além disso, entretanto, ampliamos nosso estudo e procuramos interrogar o modo pelo qual esse conceito surge na letra freudiana, impondo uma série de rearranjos nesse universo teórico, principalmente no que tange ao dualismo pulsional.

Mais precisamente, procuramos explicitar o modo pelo qual o narcisismo se instaura mediante a libidinização do Eu. Vimos que a grande novidade trazida com essa discussão é o fato de que o Eu se torna um dos possíveis objetos de investimento da libido, o amor de si mesmo. Desse modo, na teoria freudiana, a experiência narcísica passa a ser uma etapa constituinte de todo psiquismo humano, mas também conceito operatório pelo qual se explica a origem de certas patologias como a paranoia e a esquizofrenia.

Contudo, com a invasão do sexual no coração do Eu, Freud se vê às voltas com a possível dissolução do primeiro dualismo pulsional. Isso porque se a sexualidade, quer dizer, a libido, também investe o Eu, porque não subsumir as pulsões de autoconservação no todo da energia libidinal? Por conseguinte, um novo dualismo é organizado por Freud como solução aos questionamentos colocados pela novidade conceitual e teórica que irrompe em 1914, mas também por fenômenos clínicos, notadamente os fenômenos de caráter repetitivo. Entretanto, como procuramos pontuar no decorrer dessa pesquisa, diante do novo dualismo representado pelas pulsões de vida e pulsões de morte, o narcisismo parece destinado a um certo esmaecimento no pensamento de Freud. Em face dessa desatenção, digamos assim, orientamo-nos pela leitura de André Green que vai operar a articulação entre a pulsão de morte e o narcisismo. O psicanalista francês vem, pois, reafirmar a importância do narcisismo como constituinte e sedimento do Eu, além de evidenciar que este conceito é uma chave importante para a adequada compreensão subjetividade. Subjetividade que, sob a égide

narcísica, passa por um processo de radicalização. Isso porque a reflexão tecida por Green nos subsidia a pensar que a letra freudiana não se esgota somente em dizer que a subjetividade é constituída por uma psique tripartida em Eu, Id e Supra-eu. Notadamente, Freud destaca desde seus primeiros escritos o descentramento do Eu; entretanto, com o conceito de narcisismo esse descentramento aprofunda-se para além do já postulado, pois o narcisismo ameaça drasticamente a “ficção necessária” da unidade subjetiva. É o que vimos ao abordarmos o importante conceito de identificação, que mostra o processo pelo qual o Eu é constituído por uma série de amálgamas; afora isso, com a identificação, o Eu é posto diante de uma alteridade que não pertence a si mesmo, cuja existência cumpre admitir como uma realidade que efetivamente dele se separa.

Com a problematização dos argumentos desenvolvidos por A. Green, destacamos o modo pelo qual o autor elenca os conceitos de Zero, Outro, Um, Narcisismo de vida e Narcisismo de morte para tecer novas considerações entre o narcisismo e a pulsão de morte. Sob a sua perspectiva, que procura não se afastar das pistas deixadas por Freud, fica garantida a permanência do narcisismo diante do novo dualismo pulsional. Conseqüentemente, fica também instaurado o sentido de um Eu-narcísico sempre oscilante entre a reafirmação de si mesmo, a busca pelo Outro ou que regressa em direção a fantasias unitárias e totalizantes do Um e do Zero.

Por conseguinte, o narcisismo positivo revela-se como fruto desse reinvestimento da libido, cujo intuito último consiste em reencontrar uma experiência de satisfação e de totalidade antes desfrutada na infância, enquanto busca da integridade perdida nos avatares de uma experiência de unicidade. Sonho de reencontro com a satisfação vivida pelo rebento que sente a plenitude após ter o seio da mãe, a qual jamais será reencontrada. É sob esse registro que, na terminologia de Green, ansiaríamos pelo Um. Mas há o narcisismo negativo, que advém com a busca do Zero, momento em que ante as constantes frustrações para a consecução do desejo, busca-se o não-desejo. Destarte, entra em cena a procura por uma nulidade das tensões, a procura por uma anulação de si mesmo, seja na

morte psíquica ou no não investimento. Por assim dizer, trata-se de uma situação na qual o sujeito nada quer, nem a si, nem ao outro.

Unicidade, totalidade, sentimento de completude, vivência de satisfação, diante destes termos parece-nos ainda permanecer ecoando a resposta que Freud deu ao seu interlocutor, R. Rolland, quando este mencionava a experiência do sentimento oceânico. Lembremos que sob a perspectiva do escritor, este sentimento consistia no fundamento da religiosidade e das experiências místicas, ao passo que, para Freud, o sentimento do oceânico e da satisfação primordial era simplesmente o resultado de uma experiência de totalidade que remonta à infância de todo ser humano.

Após esse percurso reflexivo, consideramos que seria necessário fazer com que o argumento de Freud reverberasse ainda mais. De fato, ele poderia, mesmo em nossos dias, apaziguar o imenso vozerio dos tempos “pós-modernos”. Tempos que buscam ansiosamente nas figuras do misticismo, nas religiosidades, no gozo absoluto o que sob as lentes da psicanálise nada mais é do que a procura pela experiência de uma infância perdida.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. **Obras completas**, Madrid, Biblioteca Nueva, 2007. Vol. I, II e III.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 2006. 24v.

_____. **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.II.

_____. **As Neuropsicoses de Defesa (1894)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.III.

_____. **A Interpretação dos Sonhos (I) (1900)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.IV.

_____. **A Interpretação dos Sonhos (II) (1900-1901)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.V.

_____. **Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade (1905)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. VII.

_____. **Cinco Lições de Psicanálise (1910)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XI.

_____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XI.

_____. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (1911)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XII.

_____. **Totem e Tabu (1913)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XIII.

_____. **A História do Movimento Psicanalítico (1914)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XIV.

_____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II) (1915-1916)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XV.

_____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1915-1916)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XVI.

_____. **Além do princípio de prazer (1920)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XVIII.

_____. **O Mal-estar na Civilização (1930)**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XXI.

_____. **Conferência 31 “A dissecação da Personalidade Psíquica”**. In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XXII.

_____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro. Imago, 2004, 3 Volumes.

_____. **Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico (1911)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro. Imago, 2004, Vol. 1.

_____. **À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2004, v.1.

_____. **Pulsões e Destinos da Pulsão (1915)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2004, v.1.

_____. **O Recalque (1915)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2004, v.1.

_____. **O Inconsciente (1915)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. 2.

_____. **Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos (1917)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v.2.

_____. **Luto e Melancolia (1917)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. 2.

_____. **Além do Princípio do Prazer (1920)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. 2.

_____. **O Eu e o Id (1923)**. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro, Imago, 2007, v.3.

_____. **Luto e Melancolia**. Tradução, Introdução e Notas de Marilene Carone. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

_____. **FREUD (1909-1910) Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O Homem dos Ratos"]**. Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2013, v. 9.

_____. **FREUD (1911-1913) "O Caso Schreber" e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 10.

_____ **FREUD (1912-1914) Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros textos.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, v. 11.

_____ **FREUD (1914-1916) Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 12.

_____ **FREUD (1916-1917) Conferências introdutórias à psicanálise.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, v. 13.

_____ **FREUD (1917-1920) História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 14.

_____ **FREUD (1920-1923) Psicologia das Massas e análise do Eu e outros textos.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, v. 15.

_____ **FREUD (1923-1925) O Eu e o Id "Autobiografia" e outros textos.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, v. 16.

_____ **FREUD (1926-1929) Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, v. 17.

_____ **FREUD (1930-1936) O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos.** Tradução Paulo César de Souza. Obras completas. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, v. 18.

_____ **Projeto de uma Psicologia.** Tradução e notas de Osmyr Faria Gabbi Jr. Obras Isoladas de Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

2. Outras obras consultadas:

ASSOUN, P. **Introdução À Epistemologia Freudiana.** Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.

_____. **Metapsicologia Freudiana, uma introdução.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

ALEXANDER, F. & SELESNICK, S. **História da Psiquiatria.** São Paulo, Ibrasa, 1980.

DELEUZE, G. **Sacher- Masoch, o frio e o cruel**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2009.

DUPARC, François - **André Green**. São Paulo. Via Letterea, 2000

FIGUEIREDO, L.C. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo, Escuta, 1999.

GARCIA-ROZA, L. **Introdução à metapsicologia freudiana, Sobre as afasias (1891), O Projeto de 1895, v.1**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana, A interpretação do sonho (1900) v.2**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana, Trabalhos de Metapsicologia (1914-1917) v. 3**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

GAY, P. **Freud- uma vida para nosso tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GARRABÉ, J. **História da Esquizofrenia**. Lisboa, Climepsi Editores, 2004.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, Narcisismo de Morte**. São Paulo, Editora Escuta, 1988.

_____. **A pulsão de morte**. São Paulo, Editora Escuta, 1988.

_____. **Narcissisme de vie Narcissisme de mort**. Les Editions de Minuit, 2007.

GIACÓIA JR, O. **Além do princípio do prazer, um dualismo incontornável**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1999.

_____. **Comentários do Editor Brasileiro às Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 2004. 3 volumes.

JUNG, C.G. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

_____. **Freud e a Psicanálise**. Petrópolis, Editora Vozes, 1989.

JUNIOR, C. A., **Metamorfoses entre o sexual e o social**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

KEHL, M. **Melancolia e criação**. Apresentação in: **Luto e Melancolia**. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

_____. **O tempo e o cão a atualidade das depressões**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2009.

KEER, J. **Um método muito perigoso**. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

LAPLANCHE & PONTALIS, **Vocabulário da Psicanálise**. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

LAPLANCHE, J. **Novos Fundamentos para a Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. **Freud e a Sexualidade o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Vida e morte em psicanálise**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1985.

_____. **Problemáticas I - A Angústia**. Martins Fontes, São Paulo, 1987.

_____. **Problemáticas II - Castração Simbolizações**. Martins Fontes, São Paulo, 1988.

_____. **Problemáticas III - A Sublimação**. Martins Fontes, São Paulo, 1989.

_____. **Problemáticas IV - O Inconsciente e o Id**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

_____. **Vie et Mort en Psychanalyse**. Flammarion- France, 2001.

LASCH, C. **O mínimo Eu**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

LORENZER, A. **Arqueologia da Psicanálise**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1987.

MEZAN, R. **Freud, a trama dos conceitos**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1982.

_____. **Freud, pensador da Cultura**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

MONZANI, L. R. **Freud, o movimento de um pensamento**. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.

MOREIRA J. & PEIXOTO A (1905 a). **A paranoia e as síndromes paranoides.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 2001, IV/2, pp. 134-167.

NOLL, R. **O Culto de Jung.** São Paulo, Editora Ática, 1996.

PEREIRA, M.E.C. **Lacan com Juliano Moreira e Afrânio Peixoto: a autofilia primitiva e a psicopatologia da paranoia verdadeira,** in: Associação Psicanalítica de Porto Alegre_ APPOA (org), *Psicose: aberturas da clínica.* Porto Alegre, Libretos, 2007.

PONTALIS, J.B. **Da fantasia de recuperação do objeto perdido.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

RAPAPORT, D. **A estrutura da teoria psicanalítica.** São Paulo, Perspectiva, 1982.

ROUDINESCO & PLON. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

RICOEUR, P. **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud.** Rio de Janeiro. Imago, 1977.

_____ **De l'interprétation – essai sur Freud.** Paris, Seuil, 1965.

SIMANKE, R. **A formação da teoria freudiana das psicoses.** Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

SIMANKE & CAROPRESO. **Entre o corpo e a consciência. Ensaio de interpretação da metapsicologia freudiana.** São Carlos, Edufscar, 2011.

SOUZA, P. C., MAUGUE, J., CARONE, M.(org.) **Sigmund Freud & o Gabinete do Dr. Lacan.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

STRACHEY, J.: **Notas do editor inglês à Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro, Imago, 2006, 24 volumes.

TALYA, C. **Duplo Limite - O aparelho psíquico de André Green.** São Paulo, Editora Escuta, 2009

WOLLHEIM, R. **As ideias de Freud.** São Paulo, Cultrix, 1974.

